

Por mais dolorosa que seja, a verdade deve vir à tona a qualquer custo.

HARLAN COBEN



a toda prova

Uma história de **MICKEY BOLITAR**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A toda prova
Série Mickey Bolitar – Volume 3

HarlanCoben

Oito meses se passaram desde que Mickey Bolitar presenciou a trágica morte de seu pai. Por muito tempo, o garoto não teve nenhum motivo para questionar o que aconteceu naquele acidente fatal.

Porém, de repente, ele começa a perceber mentiras, segredos obscuros e questões sem resposta que o deixam desorientado. Por que sua vizinha reclusa afirma que Brad Bolitar está vivo? Por que o paramédico que tentara socorrer seu pai reapareceu subitamente na cidade?

Mesmo ansiando pela solução do mistério, Mickey precisa se dedicar a outro estranho caso. Sua amiga Ema revela que começou um relacionamento pela internet e que está apaixonada. Contudo, seu suposto namorado sumiu sem explicação. Recusando-se a acreditar que foi enganada, ela pede a ajuda de Mickey.

Aparentemente, a fama do sobrinho de Myron Bolitar como investigador já se espalhou, pois até seu rival, Troy Taylor, suplica que ele o auxilie. O garoto foi pego no exame antidoping e ficará de fora do time de basquete em seu último ano na escola. Ainda que desconfiado, Mickey acaba se envolvendo em uma trama que se mostrará mais grave do que parece.

Neste desfecho da série, três mistérios mobilizam a vida do jovem herói, mas nada pode prepará-lo para a grande verdade.

CAPÍTULO 1

OITO MESES ATRÁS, VI BAIXAREM o caixão do meu pai na sepultura.

Hoje estava olhando enquanto ele era desenterrado.

Meu tio Myron me acompanhava. Lágrimas escorriam pelo rosto dele.

Seu irmão estava naquele caixão — não, risque isso; seu irmão *supostamente* estava naquele caixão —, um irmão que *supostamente* havia morrido oito meses antes, mas que Myron não tinha visto nos últimos vinte anos.

Estávamos no cemitério B'naiJeshurun, em Los Angeles. Ainda não eram seis da manhã, o sol apenas começava a nascer. Por que estávamos ali tão cedo? As autoridades tinham explicado que a exumação de um corpo incomoda as pessoas. É preciso fazer o serviço num momento de privacidade máxima. Portanto, restava o meio da noite — ahn, não, obrigado — ou o início da manhã.

Tio Myron fungou e enxugou os olhos. Parecia estar com vontade de passar o braço em volta de mim, por isso me desloquei um pouquinho mais para longe. Olhei para a terra. Oito meses antes, o mundo guardava uma promessa enorme. Depois de uma vida inteira viajando pelo estrangeiro, meus pais tinham decidido se estabelecer de novo nos Estados Unidos.

Assim, no segundo ano do ensino médio, eu finalmente teria raízes e amigos de verdade.

Tudo mudou em um instante. Foi uma coisa que aprendi do modo mais difícil. O mundo da gente não desmorona pouco a pouco. Não se desfaz gradualmente nem se parte em pedacinhos. Pode ser destruído num estalar de dedos.

Mas o que aconteceu?

Um acidente de carro.

Meu pai morreu, minha mãe ficou arruinada e, no fim, fui obrigado a morar em Nova Jersey com meu tio, Myron Bolitar. Oito meses antes, minha mãe e eu tínhamos vindo a este mesmo cemitério para enterrar o homem que amávamos mais que qualquer outro. Recitamos as orações adequadas.

Observamos o caixão descendo. Até joguei terra na sepultura do meu pai.

Foi o pior momento da minha vida.

— Para trás, por favor.

Era um dos trabalhadores do cemitério. Como é que chamam a pessoa que trabalha num cemitério? *Zelador* parecia muito ameno. *Coveiro* parecia arrepiante demais. Tinham usado uma escavadeira mecânica para tirar a maior parte da terra. Agora, os dois caras de macacão — vamos chamar de zeladores — terminavam de cavar com as pás.

Tio Myron enxugou as lágrimas do rosto.

— Você está bem, Mickey?

Confirmei com a cabeça. Não era eu que estava chorando. Era ele.

Um homem de gravata-borboleta franziu a testa e fez anotações em sua prancheta. Os dois zeladores pararam de cavar e jogaram as pás para fora do buraco, que bateram com um *clanc*.

— Pronto! — gritou um deles. — Estamos prendendo.

Começaram a enfiar cintas de náilon por baixo do caixão. Isso demorou um pouco. Dava para ouvir os grunhidos de esforço deles. Quando acabaram, os dois pularam do buraco e menearam a cabeça para o operador do guindaste, que assentiu e puxou uma alavanca.

O caixão do meu pai saiu da terra.

Não tinha sido fácil conseguir essa exumação. Existe uma enorme quantidade de regras, regulamentos e procedimentos. Não sei de verdade como o tio Myron conseguiu. Ele tem um amigo poderoso, eu sei, que facilitou as coisas. Acho que a mãe da minha melhor amiga, Ema — Angelica Wyatt, a estrela de Hollywood —, talvez também tenha usado sua influência.

Imagino que os detalhes não sejam relevantes. O importante era que eu ficaria sabendo a verdade.

Provavelmente você quer saber por que estamos desenterrando o meu pai.

Isso é fácil. Eu precisava ter certeza de que papai estava ali.

Não, não creio que tenha havido um erro burocrático e que ele tenha sido posto no caixão errado ou sepultado na cova em que não deveria. E, não, não acho que meu pai seja um vampiro, um fantasma ou qualquer coisa assim.

Suspeito — eu sei que não faz nenhum sentido — que meu pai ainda possa estar vivo.

No meu caso, isso não faz sentido porque eu estava no carro no momento da batida. Eu o vi morrer. Vi o paramédico balançar a cabeça e empurrar a maca com o corpo frouxo dele.

Claro, eu também tinha visto esse mesmo paramédico tentar me matar alguns dias atrás.

— Firme, firme.

O guindaste começou a girar para a esquerda.

Ele baixou o caixão do meu pai na traseira de uma picape. O esquife era de pinho, simples, bem como meu pai deve ter insistido para ser. Nada chique. Ele não era religioso, mas adorava a tradição.

Assim que o caixão pousou com uma leve pancada, o operador do guindaste desligou o motor, desceu da máquina e foi rapidamente até o homem de gravata-borboleta. O operador sussurrou alguma coisa no ouvido do sujeito, que o encarou, carrancudo. O operário deu de ombros e se afastou.

— O que você acha que foi aquilo? — perguntei.

— Não faço ideia — respondeu tio Myron.

Engoli em seco enquanto íamos em direção à traseira da picape. Myron e eu paramos exatamente ao mesmo tempo, o que foi meio estranho. Se o nome

“Myron Bolitar” lhe diz alguma coisa, pode ser porque você é fã de basquete. Antes de eu nascer, Myron foi um astro na Universidade Duke, sendo depois escolhido pelos Boston Celtics na primeira seleção para a NBA. Na primeira partida de pré-temporada — a primeira vez que ele usou o uniforme verde dos Celtics —, um jogador do outro time, chamado Burt Wesson, trombou no Myron, torcendo seu joelho e encerrando sua carreira antes que ela começasse. Como também sou jogador de basquete e pretendo superar meu tio, frequentemente me pergunto como deve ter sido carregar todas as esperanças na ponta dos dedos, vestindo aquela roupa que você sempre sonhou, e então, *puf*, tudo some num encontrão.

Mas, quando olhei o caixão, achei que eu talvez já soubesse.

Como disse antes, o mundo da gente pode mudar num instante.

Tio Myron e eu paramos na frente do caixão e baixamos a cabeça. Ele me olhou de esguelha; claro que não acreditava que meu pai ainda estivesse vivo. Tinha concordado em fazer aquilo porque eu havia pedido — na verdade, implorado — e ele estava tentando “criar um vínculo” comigo.

O caixão de pinho parecia meio podre, frágil, como se pudesse se desfazer se simplesmente olhássemos para ele com mais intensidade. A resposta estava pertinho, na minha frente. Ou meu pai estava ali ou não estava. Muito simples, quando se coloca desse jeito.

Me aproximei, esperando sentir alguma coisa. Meu pai deveria estar naquele caixão. Eu não... não sei... *deveria* sentir alguma coisa, se fosse esse o caso? Não deveria haver uma mão fria na minha nuca ou um arrepio descendo pela espinha?

Não senti nem uma coisa nem outra.

Portanto, talvez meu pai não estivesse ali.

Pousei a mão na tampa do caixão.

— O que você acha que está fazendo?

Era o cara da gravata-borboleta. Ele tinha se apresentado a nós como inspetor de saúde ambiental, mas eu não sabia o que isso queria dizer.

— Eu só estava...

Gravata-Borboleta ficou entre mim e o caixão do meu pai.

— Eu lhe expliquei o protocolo, não foi?

— Bom, explicou, quero dizer...

— Por motivos de segurança pública e respeito, nenhum caixão pode ser aberto aqui. — Ele falou como se estivesse lendo um trecho de livro didático. — Este veículo do condado levará o caixão do seu pai ao departamento de medicina-legal, onde ele será aberto por um profissional capacitado. Este é o meu trabalho aqui: garantir que abrimos a sepultura correta, garantir que o caixão combina com os registros públicos da pessoa a ser exumada, garantir que todas as medidas de saúde tenham sido tomadas e, finalmente, garantir que o

transporte aconteça sem pressa e com o devido respeito. Portanto, se não se importa...

Olhei para Myron. Ele assentiu. Lentamente, ergui a mão do pinho úmido e sujo. Dei um passo atrás.

— Obrigado — agradeceu Gravata-Borboleta.

O operador do guindaste estava sussurrando com um zelador, que ficou pálido. Não gostei daquilo. Não gostei nem um pouco.

— Alguma coisa errada? — perguntei a Gravata-Borboleta.

— Como assim?

— Quero dizer, por que todos esses sussurros?

Gravata-Borboleta começou a examinar sua prancheta como se ela tivesse alguma resposta especial.

— E então? — indagou tio Myron.

— Não tenho mais nada a informar no momento.

— Como assim?

Com o rosto ainda branco, o zelador começou a prender o caixão com cintas de náilon.

— O caixão estará no departamento de medicina-legal — respondeu Gravata-Borboleta. — É só isso que posso dizer no momento.

Ele foi até a cabine da picape e sentou-se no banco do carona. O motorista deu a partida. Corri até a janela dele.

— Quando? — perguntei.

— Quando o quê?

— Quando o perito vai abrir o caixão?

Ele verificou a prancheta outra vez, mesmo dando a impressão de que já sabia a resposta.

— Agora — respondeu.

CAPÍTULO 2

ESTÁVAMOS NO DEPARTAMENTO DE medicina-legal, esperando a abertura do caixão, quando meu celular tocou.

Eu estava prestes a ignorar a chamada. Faltava pouco para a resposta à pergunta-chave da minha vida: meu pai estava morto ou vivo?

Uma ligação podia esperar, certo?

Mas, afinal de contas, eu só estava aguardando o tempo passar. Talvez um telefonema servisse de distração. Verifiquei rapidamente o identificador de chamadas e vi que era Ema. O nome verdadeiro de Ema é Emily, mas ela se veste toda de preto e tem um bocado de tatuagens, logo uns caras consideraram que ela era “*emo*” e alguém, inteligentemente (estou sendo sarcástico), apelidou-a de Ema.

E o nome pegou.

Meu primeiro pensamento: Ah, não, aconteceu alguma coisa com o Colherada!

Tio Myron se inclinou por cima do meu ombro e apontou para a tela do celular.

— É a filha de Angelica Wyatt?

Franzi a testa. Como se isso fosse da conta dele.

— É.

— Vocês dois ficaram bem próximos.

Franzi a testa mais um pouco. Como se isso fosse da conta dele.

— É.

Eu não sabia bem o que fazer. Poderia me afastar do meu tio intrometido e atender. Myron podia ser bastante sem noção, mas até ele captaria a mensagem. Levantei o telefone e perguntei:

— Ah, você se incomoda?

— O quê? Ah, certo. Claro. Desculpe.

— Oi — atendi.

— Oi.

Já falei que Ema era minha melhor amiga. Nós só nos conhecíamos havia algumas semanas, mas vinham sendo semanas perigosas e malucas, semanas que afirmam e ameaçam a vida. As pessoas podem ser amigas a vida inteira e não chegar perto de ter a ligação que se formou entre nós.

— Alguma notícia do... ahn...? — Ema não sabia como terminar a frase.

Nem eu.

— Pode chegar a qualquer momento. Estou no departamento de medicina-legal.

— Ah, desculpe. Não devia ter incomodado você.

Havia alguma coisa no tom de voz dela que não me agradou. Senti o coração

subir à boca.

— Qual é o problema? É o Colherada?

Colherada era o meu segundo melhor amigo, acho. Na última vez que o vi, ele estava deitado numa cama de hospital. Tinha levado um tiro, salvando a vida de nós dois, e agora era possível que nunca mais andasse.

Eu bloqueava esse pensamento horrível o tempo todo. Também o remoía o tempo todo.

— Não — respondeu ela.

— Você soube de alguma novidade?

— Não. Os pais dele também não me deixam visitá-lo.

Os pais do Colherada tinham me proibido de entrar no quarto dele. Me culpavam pelo que acontecera. Mas eu também me culpava.

— Então qual é o problema?

— Olha, eu não deveria ter ligado. Não é nada de mais. Sério.

Isso só me deu certeza de que era algo de mais. Sério.

Já ia insistir que ela me contasse o motivo do telefonema, mas Gravata-Borboleta voltou para a sala.

— Preciso desligar. Ligo assim que puder.

Myron e eu nos aproximamos de Gravata-Borboleta. Ele estava de cabeça baixa, tomando notas.

— E então? — indagou Myron.

— Devemos ter os resultados daqui a pouco.

Percebi que eu estava prendendo o fôlego. Soltei o ar, depois perguntei:

— Por que aqueles sussurros todos?

— Perdão?

— No cemitério. Os caras que cavaram e o operador do guindaste.

— Ah. Aquilo.

Esperei.

Gravata-Borboleta pigarreou.

— Os zeladores — “Ah, é assim que eles são chamados”, pensei — notaram que o caixão parecia meio... — Ele olhou para o nada, pensativo, como se procurasse a próxima palavra.

Depois de três segundos que pareceram uma hora, questionei:

— Parecia o quê?

— Parecia leve. Mas eles estavam errados.

Isso não fez sentido.

— Como assim?

Ele levantou a prancheta, como se ela pudesse protegê-lo contra um ataque.

— É só isso que posso dizer até que tenha a papelada necessária.

— Que papelada necessária?

— Preciso ir agora.

— Mas...

A porta atrás de mim se abriu. Uma mulher de terninho entrou na sala.

Nós nos viramos lentamente e a encaramos.

— A perícia terminou.

— E?

A mulher olhou à esquerda e depois à direita, como se alguém pudesse estar bisbilhotando.

— Por favor, sigam-me. A legista está pronta para falar com vocês.

CAPÍTULO 3

— **OBRIGADA PELA PACIÊNCIA.** Sou a Dra. Botnick.

Eu esperava que a legista fosse uma mulher monstruosa, arrepiante ou algo assim. Pense bem. Os legistas lidam com gente morta o dia todo.

Cortam os defuntos e tentam descobrir o que os matou.

Mas a Dra. Botnick era miúda, com um sorriso inadequadamente feliz e o tipo de cabelo ruivo que beira o laranja. Sua sala tinha sido despida de qualquer tipo de personalidade. Não existia nada pessoal, nem fotos de família, por exemplo, mas, afinal de contas, numa sala cheia de morte, será que as pessoas gostariam de olhar imagens dos entes queridos? Sobre a mesa, havia um *deskpaddle* couro marrom, um escaninho de mesa vazio na mesma cor, um suporte de lembretes, um porta-lápis com uma caneta e dois lápis, um abridor de cartas. As paredes tinham diplomas e nada mais.

Ela continuou sorrindo para nós. Olhei para Myron, que parecia perdido.

— Sinto muito — disse a Dra. Botnick — Não sou muito boa com pessoas.

Nenhum dos meus pacientes reclama. — Ela começou a rir. Ficamos impassíveis. Ela pigarreou.

— Sacaram?

— Saquei — respondi.

— Porque meus pacientes, bom, estão mortos.

— Saquei — repeti.

— É inadequado, certo? Foi mal. Querem saber a verdade? Estou meio nervosa. Esta é uma situação incomum.

Senti a pulsação acelerar. A Dra. Botnick encarou Myron.

— Quem é o senhor?

— Myron Bolitar.

— Então deve ser irmão de Brad Bolitar?

— Sou.

O olhar dela encontrou o meu.

— E você deve ser o filho dele, não é?

— Isso mesmo.

Ela anotou alguma coisa num pedaço de papel.

— Poderiam me dizer a causa da morte dele?

— Acidente de carro — respondi.

— Sei. — Ela anotou outra coisa. — Em geral, quando as pessoas pedem a exumação de um corpo, é porque desejam enterrá-lo em outro lugar. Não é este o caso, é?

Myron e eu dissemos que não.

— Onde está Kitty Hammer Bolitar? — perguntou a Dra. Botnik.

Kitty Hammer Bolitar era minha mãe.

— Não está aqui — falou Myron.

— Bom, dá para ver. Onde ela está?

— Está indisposta — explicou Myron.

A Dra. Botnick franziu a testa.

— Tipo, no banheiro?

— Não.

— Kitty Hammer Bolitar está citada como esposa, portanto é o parente mais próximo — continuou a Dra. Botnick. — Onde ela está? Ela deveria participar disto.

Finalmente eu revelei:

— Ela está num centro de reabilitação para drogados em Nova Jersey.

De novo a doutora me encarou. Vi gentileza nos olhos dela e talvez um pouquinho de pena.

— Houve uma tenista famosa chamada Kitty Hammer. Eu a vi no USOpen quando ela tinha apenas 15 anos.

Senti um peso no peito, como uma pedra.

— Isso não é relevante — retrucou Myron rispidamente.

É, era a minha mãe. Num determinado ponto, Kitty teve a chance de ser uma das maiores tenistas de todos os tempos, no nível de Billie Jean King e das irmãs Williams. Então aconteceu uma coisa que acabou com sua carreira: ela engravidou.

De mim.

— Está certo — concordou a Dra. Botnick. — Desculpe.

— Olhe, o corpo dele está ali ou não? — questionou tio Myron.

Observei o rosto dela à procura de algum tipo de sinal, mas não havia nada. A Dra. Botnick seria uma ótima jogadora de pôquer. Ela voltou a atenção para mim.

— É para isso que vocês estão aqui?

— É.

— Para descobrir se seu pai está no caixão, certo?

Confirmei outra vez.

— Por que você acha que o seu pai não está ali?

Como eu poderia explicar?

A Dra. Botnick me olhou como se realmente quisesse ajudar. Mas mesmo na minha cabeça a história parecia insana. Eu não poderia contar a ela sobre a Dona Morcega, que poderia ser Lizzy Sobek, a heroína do Holocausto que todo mundo achava que tinha morrido na Segunda Guerra Mundial. Não poderia contar sobre o Abrigo Abeona, a sociedade secreta que resgatava crianças, e sobre como Ema, Colherada, Rachel e eu tínhamos arriscado a vida a serviço dele. Não podia contar sobre aquele paramédico arrepiante, de cabelo cor de areia e olhos

verdes, que levou meu pai e, oito meses depois, tentou me matar.

Quem acreditaria nesse papo maluco?

Tio Myron viu que eu estava me remexendo na cadeira.

— Os motivos são confidenciais — respondeu, tentando me salvar. — Poderia, por favor, simplesmente dizer o que encontrou no caixão?

A Dra. Botnick começou a morder a ponta da caneta. Nós esperamos.

Myron insistiu:

— Meu irmão está no caixão? Sim ou não?

Ela pousou a caneta na mesa e ficou de pé.

— Venham comigo e vejam com seus próprios olhos.

CAPÍTULO 4

SEGUIMOS PELO CORREDOR COMPRIDO.

A Dra. Botnick mostrou o caminho. O corredor parecia se estreitar à medida que andávamos, como se as paredes ladrilhadas se fechassem. Eu já estava quase sendo forçado a andar atrás do Myron, em fila, quando a legista parou na frente de uma vidraça.

— Esperem aqui, por favor. — A Dra. Botnick abriu a porta ao lado e pôs a cabeça para dentro. — Pronto?

— Me dê dois segundos — respondeu uma voz.

A Dra. Botnick fechou a porta. A vidraça era grossa. Arames se entrecruzavam no vidro, formando losangos. Havia uma cortina bloqueando a visão.

— Estão preparados? — perguntou a Dra. Botnick

Eu tremia. Assenti e Myron disse que sim.

A cortina se levantou devagar, como num teatro. Quando estava totalmente erguida — quando pude ver claramente dentro da sala —, tive uma sensação estranha, como se houvessem encostado conchas do mar nos meus ouvidos. Por um momento, ninguém se mexeu. Ninguém falou. Só ficamos parados.

— Que diabo...? — começou a perguntar tio Myron.

À nossa frente, estava uma maca. E, em cima dela, uma urna prateada.

A Dra. Botnick pôs a mão no meu ombro.

— O seu pai foi cremado. As cinzas dele foram postas naquela urna e enterradas. Isso não é costumeiro, mas também não é incomum.

Balancei a cabeça.

— Está dizendo que só havia cinzas no caixão? — indagou Myron.

— É.

— DNA — intervim.

— Perdão?

— Vocês podem fazer um teste de DNA com as cinzas?

— Não entendo. Por que eu faria isso?

— Para confirmar que são do meu pai.

— Para confirmar...? Essa tecnologia não existe, sinto muito.

Encarei Myron. Havia lágrimas nos meus olhos.

— Você não vê?

— O quê?

— Ele está vivo.

Myron empalideceu. De rabo de olho, pude ver Gravata-Borboleta se aproximando.

— Mickey... — começou Myron.

— Alguém está encobrindo as pistas. Nós não iríamos cremar o meu pai.

— Infelizmente isso não é verdade — replicou Gravata-Borboleta, estendendo um papel para nós.

— O que é isso?

— A autorização para que o corpo de Brad Bolitar fosse cremado segundo as exigências legais do estado da Califórnia. Está tudo no documento, inclusive a assinatura do parente mais próximo, com reconhecimento de firma.

Myron esticou a mão para pegar o papel, mas eu fui mais rápido.

Perscrutei o documento e fitei a parte de baixo.

Tinha sido assinado pela minha mãe.

Eu podia sentir Myron lendo por cima do meu ombro.

Kitty Hammer Bolitar dera muitos autógrafos em seu tempo de tenista.

Sua assinatura era bem característica, com o *K* gigante e a curva no lado direito do *H*. Aquela tinha as duas coisas.

— É uma falsificação! — gritei, apesar de não parecer nem um pouco. —

Só pode ser falsa.

Todos me encararam como se um braço tivesse brotado de repente no meio da minha testa.

— A firma foi reconhecida — retrucou Gravata-Borboleta. — Isso significa que uma pessoa independente testemunhou e confirmou que sua mãe assinou o documento.

— Vocês não entendem...

Gravata-Borboleta pegou o papel de volta.

— Sinto muito. Não há mais nada que possamos fazer por vocês.

CAPÍTULO 5

BECO SEM SAÍDA.

Estávamos sentados no aeroporto, esperando para embarcar no voo para casa. Tio Myron franziu a testa, concentrando-se um pouco além da conta na tela do smartphone.

— Mickey?

Olhei para ele.

— Não acha que é hora de me contar o que está acontecendo?

Era. Tio Myron merecia saber. Ele havia cobrado favores e se colocado na reta. De certa forma, tinha merecido minha confiança. Mas existiam outras coisas a considerar. Primeiro, eu fora alertado mais de uma vez pelo pessoal do Abrigo Abeona a *não* contar ao Myron. Não podia simplesmente ignorar esse conselho.

Segundo — e isso estava sempre acima de tudo —, eu ainda culpava Myron pelo que tinha acontecido com meus pais. Quando Kitty engravidou de mim, Myron reagiu mal à notícia, pois não confiava nela. Meu tio e Brad brigaram por causa disso. Meus pais acabaram indo morar no exterior e só voltaram anos mais tarde, e então... meu pai estava “talvez morto” e minha mãe, trancada num centro de reabilitação.

Tio Myron esperou minha resposta. Eu estava imaginando como dizer não quando me lembrei de que ainda precisava ligar para Ema. Ergui o celular e falei “Preciso atender” apesar de o telefone nem ter tocado.

Saí de perto do portão e telefonei para Ema. Ela atendeu imediatamente.

— E aí? — perguntou ela.

— E aí nada.

— Ahn? Achei que eles iam abrir o caixão.

— Iam. Quero dizer, abriram.

Expliquei sobre a cremação. Ema me ouviu sem interromper, como sempre. Ela era uma daquelas pessoas que escutavam com toda a atenção.

Concentrava-se no rosto da gente. Os olhos não saltavam para todo canto.

Não balançava a cabeça em momentos inadequados. Mesmo agora, quando só estava ao telefone comigo, dava para sentir a concentração dela.

— E você tem certeza de que a assinatura é dela?

— Parece que é.

— Mas poderia ser falsificada.

— Duvido. Quero dizer, um tabelião testemunhou, ou sei lá o quê. Mas poderia ser...

— O quê?

— Depois que o meu pai morreu, bom, foi aí que ela desmoronou.

— Ela começou a se drogar?

— É — respondi, revivendo tudo naquele momento. — Na verdade, mamãe ficou tão desligada... não sei como ela poderia tomar uma decisão assim.

— E agora?

— Vou para casa. Tenho treino de basquete.

Sei o que você está pensando. Quem se importa com o treino de basquete numa hora assim? Resposta: eu. Sei que parece bizarro. Mas até mesmo agora — ou talvez especialmente agora — eu precisava voltar à quadra. Precisava que o basquete fosse uma prioridade. Era o lugar onde eu me dava bem, minha válvula de escape; apesar de qualquer coisa, eu ansiava por aquilo.

— Alguma novidade sobre a situação do Colherada? — indaguei.

— Não.

— E sobre a Rachel?

Silêncio.

Esperei. Perguntar pela Rachel poderia ter sido um erro, não sei.

Rachel fazia parte do nosso grupo, mesmo sendo bastante popular e provavelmente a garota mais gata da escola, ou seja, mesmo parecendo não ter nada em comum com a gente.

— Rachel está bem — disse Ema, a voz dura como uma porta batendo com força. — Está se virando, acho.

Eu precisava falar com Rachel quando voltasse. Tinha jogado uma bomba enorme em cima dela, que mudara sua vida, e depois viajara para Los Angeles. Precisava remediar isso.

— Então por que você ligou antes?

— Isso pode esperar até você chegar em casa.

— Fale comigo, Ema. Preciso me distrair.

Ela respirou fundo. Eu podia vê-la agora, sentada sozinha naquela mansão enorme com o portão trancado.

— Por que nós? — perguntou.

Eu sabia o que ela queria dizer. Nada tinha sido por acaso. Um grupo secreto chamado Abrigo Abeona havia recrutado a gente — Ema, Colherada, Rachel e eu — para ajudá-lo a resgatar crianças e adolescentes. Isso nunca foi dito às claras. Ninguém se candidatou para o serviço e eles não tinham vindo atrás da gente. A coisa simplesmente... aconteceu.

— Eu me pergunto isso todo dia.

— E...?

— Não sei.

— Tem que haver um motivo. Primeiro Ashley, depois Rachel e agora...

— Agora o quê?

— Tem mais alguém sumido.

Apertei o telefone com força.

— Quem?

— Você não o conhece.

Eu achava que conhecia todo mundo que Ema conhecia. Um pensamento idiota. Talvez porque ela sempre bancasse com perfeição a “grande rejeitada e solitária”. Os outros alunos zombavam do seu peso e das roupas pretas. Ema sempre ficava sozinha no refeitório na hora do almoço. Tinha se apropriado do estilo carrancudo e o elevado a uma forma de arte.

— Mas você conhece? — perguntei.

— Conheço.

— Quem é?

— Ele é... bom, é tipo meu namorado.

CAPÍTULO 6

CARA, EU NÃO ESPERAVA essa resposta.

Como eu podia não saber que Ema tinha um namorado? Como ela conseguia esconder esse tipo de coisa de mim? Quero dizer, não entenda mal. Achei fantástico. Ema era incrível. Ela merecia ter alguém.

Então por que eu estava chateado?

Porque a gente falava tudo um para o outro, não era? Agora eu não tinha tanta certeza. *Eu* contava tudo a ela, mas talvez essa fosse uma via de mão única. Sem dúvida Ema não havia sido igualmente franca.

Como ela não contou que tinha uma droga de namorado?

Mas, afinal de contas, eu havia revelado que talvez existisse alguma coisa a mais entre mim e Rachel?

Não.

Por quê? Se Ema era só minha amiga — se o fato de ela ser mulher não importava —, por que não falar sobre a Rachel?

— Você está bem? — perguntou tio Myron.

Agora estávamos no avião, espremidos na última fileira. Nós dois éramos altos e o espaço para as pernas na classe econômica é projetado para alguém cerca de 60 centímetros menor.

— Estou.

— E agora?

— Agora o quê?

— Você me pediu ajuda para conseguir a exumação do seu pai, certo?

— Certo.

Tio Myron tentou dar de ombros, mas a poltrona era pequena demais para isso.

— E agora que fizemos isso, qual é o seu próximo passo?

Eu tinha me perguntado a mesma coisa, claro.

— Ainda não sei.



Assim que pousamos, telefonei para Ema. Ela não atendeu. Tentei o celular de Rachel. Não houve resposta. Mandeí um torpedo para as duas dizendo que tinha voltado para Nova Jersey. Liguei de novo para o hospital, tentando falar com o quarto do Colherada, mas a telefonista não passou a ligação.

— Não é permitido ligar para esse quarto — explicou ela.

Não gostei nem um pouco disso.

Tínhamos pousado na hora certa, o que significava que eu ainda podia ir ao

treino de basquete. Eu havia perdido a atividade nos últimos dias por causa da viagem. Logo, estava atrasado com relação ao time e isso me preocupava um pouco. Na verdade, eu não tinha treinado com o time principal e sabia que ficaria muito para trás.

A Kasselton High, minha nova escola, tinha um time principal e um juvenil. O primeiro era para os alunos dos dois últimos anos. Os calouros e o pessoal do segundo ano jogavam no juvenil, e até agora, nos doze anos do treinador Grady com os Camels de Kasselton, ele nunca havia posto um iniciante na equipe principal.

Atenção, alerta de falsa modéstia: eu, um mero estudante do segundo ano, fui convidado para tentar entrar no time principal.

Mal podia esperar para chegar à quadra, mas enquanto tio Myron diminuía a velocidade para parar o carro na frente da escola, senti um nó de nervosismo no estômago. Myron deve ter percebido.

— Está nervoso?

— O quê, eu? — Balancei a cabeça com firmeza. — Não.

Tio Myron pôs a mão no meu ombro.

— Você pode demorar um tempo para esquentar as turbinas depois de um voo longo, mas quando estiver na quadra com a bola na mão...

— Certo, obrigado — interrompi-o, sem querer escutar.

Não era a preocupação com meu desempenho que provocava o nervosismo.

Eram meus colegas de time. Resumindo: todos me odiavam.

Nenhum dos seniores gostava da ideia de um cara do segundo ano estragar a festa deles.

Dava para ouvir risos no vestiário, mas, assim que empurrei a porta, tudo se silenciou, como se alguém tivesse apertado um interruptor. Troy Taylor, o capitão sênior, me olhou irritado. Para dizer o mínimo, Troy e eu tínhamos questões não resolvidas. Desviei o olhar e abri um armário.

— Aí, não — disse Troy.

— O quê?

— Essa fileira é da elite.

Todos os outros estavam naquela fileira. Olhei os outros caras. Alguns estavam de cabeça baixa, amarrando os tênis com um zelo exagerado.

Alguns me encaravam com hostilidade. Procurei Buck, que era o melhor amigo do Troy e um baita sacana, mas ele não estava ali.

Esperei que alguém me defendesse ou, pelo menos, comentasse algo.

Nada aconteceu. Troy deu um risinho e fez um gesto com a mão, como se me enxotasse. Meu rosto ficou vermelho, sem graça. Imaginei o que deveria fazer, se lutar ou recuar.

Não valia a pena, decidi.

Eu odiava satisfazer Troy, mas me lembrei de uma coisa que meu pai dizia:

não vença a batalha e perca a guerra.

Peguei minhas coisas, passei para a fileira seguinte e vesti o short e a camiseta de treino. Depois de amarrar os tênis, fui para a quadra. Aquele eco maravilhoso de bolas de basquete quicando me acalmou um pouco, mas, quando abri a porta, os sons cessaram.

Crianças...

Havia quatro ou cinco caras perto de cada uma das três cestas. Troy fez um arremesso para a da extrema direita, já com seu olhar furioso.

Procurei Buck de novo — ele vivia com o Troy, sempre seguindo-o —, mas não estava ali. Imaginei se o garoto teria se machucado e, por mais cruel que isso possa parecer, esperei de verdade que fosse o caso.

Olhei os caras em volta da cesta do meio. Se aqueles rostos fossem janelas, todas estariam trancadas e com as cortinas baixadas. Na terceira, vi Brandon Foley, o pivô que era o outro capitão. Ele era o cara mais alto do time, com mais de 2 metros, e antes tinha sido o único a reconhecer minha existência. Quando fui em sua direção, Brandon me encarou e balançou ligeiramente a cabeça.

Fantástico.

Danem-se. Fui para uma cesta na extrema esquerda e fiquei arremessando sozinho. Meu rosto ardia. Deixei a ardência penetrar fundo.

Era uma coisa boa. A ardência iria alimentar meu jogo e me fazer melhorar.

A ardência tiraria da minha cabeça, pelo menos por alguns instantes, o fato de que eu ainda não sabia o que tinha acontecido com meu pai. A ardência me deixaria esquecer — não, não de verdade — que meu amigo Colherada estava no hospital e talvez nunca mais andasse, e era tudo culpa minha.

Talvez isso explicasse por que todos os meus potenciais colegas de time, até Brandon Foley, tivessem se virado contra mim. Talvez eles também me culpassem pelo que havia acontecido ao nerd que todos adoravam perseguir.

Não importava. Arremessar, pegar o rebote, arremessar. Olhar para o aro, só para o aro; nunca olhar a bola em voo; sentir os sulcos nas pontas dos dedos. Arremessar, *xuá*, arremessar, *xuá*. Deixar o resto do mundo sumir por um tempo.

Você tem alguma coisa assim na vida? Algo que você pratica ou joga e que faz o mundo inteiro sumir, pelo menos por um tempo? O basquete era assim. Às vezes eu podia me concentrar tanto que todo o resto parava de existir. Existia a bola. Existia o aro. Mais nada.

— Ei, fera.

O som da voz de Troy me arrancou do estupor. Olhei em volta. A quadra estava vazia.

— Reunião de time para os que não são da elite — avisou Troy. — Sala 178. Depressa.

— Onde é isso?

Troy franziu a testa.

— Está falando sério?

— Sou novo na escola, lembra?

— Andar de baixo. Depois das portas de metal. Depressa. O treinador Grady odeia quando alguém se atrasa.

— Obrigado.

Larguei a bola e fui depressa pelo corredor. Enquanto descia a escada, um pequeno incômodo começou no fundo do meu cérebro. Imaginei por que o treinador Grady iria convocar uma reunião para tão longe do ginásio.

Gostaria de ter parado e prestado atenção ao incômodo. Mas não tinha tempo. E o que eu iria fazer, afinal, subir de volta correndo e pedir ao meu camarada Troy mais detalhes sobre a reunião?

Por isso fui correndo. Não havia mais ninguém por ali. O eco dos meus tênis batendo no linóleo parecia alto como tiros.

Minha cabeça começou a rodar. Que lugar exatamente era aquele? O andar de baixo era para as turmas mais adiantadas. Eu nunca tinha ido até ali. Mas, se meu senso de direção estivesse correto, eu já me aproximava do local exato onde Colherada havia levado um tiro alguns dias antes.

Apressei o passo.

Sala 166. Depois 168. Eu estava chegando mais perto: 170, 172...

À frente, vi a porta dupla de metal que Troy tinha mencionado.

Atravessei-a. Ela se fechou atrás de mim com um estrondo.

E me trancou do lado de fora.

Parei e fechei os olhos. Não existia sala 178. O treino provavelmente estava começando agora mesmo. Eu teria que dar a volta pelos fundos, passar pelo campo de futebol e ir até a entrada da frente para chegar ao ginásio.

Corri o mais depressa que pude, mas ainda assim levei quase dez minutos para retornar. Meus colegas já estavam no aquecimento com bola quando passei correndo pela porta. O técnico Grady não ficou satisfeito. Ele se virou e disse, ríspido:

— Você está atrasado, Bolitar.

— Não foi minha...

Mas me interrompi. O que exatamente eu iria dizer? Troy me olhou com aquele mesmo sorrisinho idiota. Ele sabia. Eu tinha duas opções. Uma: contar o que havia acontecido de verdade ao treinador, que poderia acreditar ou não, mas de qualquer modo eu seria rotulado como dedo-duro.

Ou duas: ficar de boca fechada.

— Desculpe, treinador.

Mas Grady não tinha terminado:

— Chegar tarde ao treino é falta de respeito com seus colegas e treinadores.

Confirmei com a cabeça.

— Não vai acontecer de novo.

— Você ainda nem entrou para o time.

— Sim, senhor.

— E isso não vai beneficiar a sua causa.

— Entendo, senhor. Sinto muito, de verdade.

O técnico me encarou por um instante a mais do que o necessário.

— Dê três voltas na quadra e entre na fila. Troy?

— Sim, treinador?

— Cadê o Buck?

Eu diria que o Buck era mais perverso do que uma cobra, mas isso não seria gentil com a cobra.

— Não sei, treinador. Ele não atendeu o celular.

— Estranho. Ele nunca faltou ao treino. Certo, exercício, vamos lá.

O treino não melhorou muito. Sempre que estávamos trabalhando jogadas, os caras lançavam a bola nos meus pés, tornando quase impossível pegar. Quando acontecia uma disputa, eles nunca mandavam a bola para mim, não importando o quanto eu estivesse livre. Claro, eu consegui alguns rebotes. Pontuei duas vezes com roubadas. Mas, se os seus colegas de time dão gelo em você, não há muito que se possa fazer.

E então, faltando só um minuto de treino, vi uma abertura gloriosa.

Eu estava cobrindo BrandonFoley, que pegou um rebote e fez um passe longo para Troy Taylor. Antes Troy tinha ficado só no garrafão para marcar pontos fáceis. Ele pegou a bola e diminuiu a velocidade dos quiques.

Estava dando tempo, se preparando para saltar, ganhando pique para uma enterrada fenomenal.

Os outros caras ficaram para trás, esperando para ver se Troy iria fazer a jogada com uma ou duas mãos, se tentaria uma enterrada de costas ou algum truque mais difícil.

Eu não esperei.

Corri para a cesta com todo o gás. À minha frente, Troy pulou. Sua mão estava acima do aro, espalmando a bola. Faltava, talvez, meio segundo para a enterrada quando eu saltei por trás e dei um toco na bola.

— Que por...? — gritou Troy, surpreso.

Um toco limpíssimo.

— Falta! — gritou ele.

Não falei nada, só corri em direção à bola que quicava.

— Você fez falta!

Peguei a bola, que havia saído da quadra. A posse era do time dele.

Meu pai tinha me ensinado que a gente deve deixar o jogo falar. Não grita com os juízes. Não fica de papo furado. Só joga.

Estendi a bola para Troy, que a arrancou das minhas mãos.

— Ele fez falta em mim! — berrou de novo.

— Leve a bola para fora, Troy — disse o treinador Grady. — Comece a jogada.

— Mas...

— É só um treino. Vamos. Faltam dez segundos.

Troy não ficou satisfeito, murmurando algo baixinho.

Ignorei aquilo e me preparei. Cobri Brandon de perto. Sabia que ele era a primeira opção junto ao garrafão. Troy iria querer jogar a bola para Brandon por cima da minha cabeça. Eu não iria deixar que isso acontecesse.

— Vamos lá! — gritou Troy, e todos os jogadores começaram a se mover.

Mantive um antebraço no Brandon, tentando perceber o momento em que ele saltaria. Eu estava de costas para a bola, os olhos no cara, vigiando com atenção.

O tempo passou.

Caso transcorressem cinco segundos, nós teríamos a bola. Lancei um olhar para ver o que Troy ia fazer.

Ele estava esperando que eu fizesse exatamente isso.

Quando vi o sorriso dele, soube que tinha cometido mais um erro. Troy estava esperando que a curiosidade me dominasse. Sem aviso e sem hesitar, ele jogou a bola direto na minha cara.

Não deu tempo para reagir. A bola bateu com força no meu nariz como um punho gigante. Cambaleei para trás. Vi estrelas. Meus olhos começaram a lacrimejar. Minha cabeça ficou entorpecida. Tentei me manter de pé, tentei não dar ao Troy a satisfação de cair, mas não consegui.

Tombei sobre um dos joelhos e segurei o nariz com as mãos em concha.

Brandon pôs a mão no meu ombro.

— Você está legal?

O treinador apitou.

— Que droga foi essa?

— Ei, desculpe — disse Troy, todo gentil e inocente. — Eu estava tentando mandar a bola para o Brandon.

Afastei a mão de Brandon do meu ombro. A dor estava diminuindo. O nariz não estava quebrado. Levantei-me o mais depressa que pude. Minha cabeça girou, protestando, mas não recuei.

Pisquei para afastar as lágrimas e encarei Troy.

— De quem é a bola? — perguntei com a voz mais calma possível.

— Tem certeza de que você...? — começou Brandon.

— Você é que mandou para fora — respondeu Troy. — Ela acertou sua cara e saiu de quadra.

— Então a bola é sua. Vamos jogar.

Porém, nesse momento, Stashower, o técnico assistente, entrou correndo de

volta no ginásio. Ele sussurrou alguma coisa no ouvido do treinador Grady, que empalideceu.

— Certo, isso é tudo, pessoal. O treino acabou. Deem uma corrida e vão para o chuveiro.

Fiz a corrida depressa e fui para minha fileira solitária de armários.

Peguei o celular e verifiquei as mensagens. Só um SMS — era de Ema: **vem aqui depois do treino? me diz a hora.**

Digitei rapidamente, informando que o treino tinha acabado naquele momento e que, sim, claro, eu iria.

Afinal de contas, precisávamos encontrar seu “namorado” sumido.

Ainda não tinha recebido notícias de Rachel. Eu não sabia o que fazer.

Com certeza algum adulto “solicito” diria algo tipo “dê um tempo”, mas eu odiava esse conselho. Eu havia soltado a bomba. Tio Myron me alertara de que até mesmo a verdade mais desagradável era preferível à mais bela mentira. Eu segui esse conselho. Conteí a Rachel a desagradável verdade sobre a morte da mãe dela.

Agora, pelo jeito, ela não queria me ver de novo.

Pensei no Colherada naquela cama de hospital. Pensei nas cinzas na sepultura do meu pai. Pensei na minha mãe na clínica. Pensei no basquete, nos meus sonhos de enfim jogar num time de verdade e em como, agora que isso tinha acontecido, todos os meus colegas me odiavam.

Fiquei sentado perto do armário. O suor pingava. Dava para ouvir meus colegas fazendo piadas e desfrutando daquela amizade fácil, risonha, que eu jamais conheci de verdade. Emocionalmente exaurido, permaneci onde estava. Decidi que iria esperar. Deixaria o resto do time tomar banho e se vestir e, depois que todo mundo tivesse ido embora, iria me arrumar.

Não tinha forças para continuar olhando para eles naquele dia.

Troy estava no meio de alguma história demorada quando Stashower enfiou a cabeça pela porta.

— Troy? O técnico quer falar com você na sala dele.

— Só estou terminando uma piada...

— Agora, Troy.

Todo mundo soltou um “uuuu” amigável e zombeteiro enquanto Troy saía. Então, o resto dos garotos tomou banho e se vestiu. Eu fingi verificar mensagens importantes no meu iPhone. Dez minutos se passaram. As pessoas começaram a sair dando tapinhas nas costas uns dos outros, decidindo quem iria no carro de quem, marcando uma hora para se encontrarem no HeritageDiner e resolvendo em que casa ficariam.

Pensei que o time inteiro tinha saído, mas Brandon surgiu e se sentou no banco perto do meu armário.

— Treino brabo — comentou ele.

Dei de ombros.

— Tudo bem.

— Troy não é um cara ruim de verdade.

— É, ele é um verdadeiro príncipe.

Brandon sorriu. Eu sabia que ele era um dos caras mais populares da escola: presidente do conselho estudantil, do Key Club e da sede local da Sociedade Nacional de Honra e, como já falei, um dos capitães do time de basquete.

Você conhece o tipo. É um cara legal, mas quer que todo mundo goste dele.

— Você precisa entender a situação — prosseguiu Brandon.

— Aham.

— É meio incômodo. Você é o único do segundo ano.

Era muito mais do que meio incômodo, mas não vi grande sentido em continuar com a conversa.

— Mickey?

— O quê?

— Você sabe que esse time venceu o campeonato do condado no ano passado, não sabe?

— Sei.

— E que só faltou um jogo pra gente ganhar o estadual. Sabe quanto tempo faz que a KasseltonHign não ganha o estadual?

Eu sabia. A grande vitória era lembrada em todas as paredes do ginásio na forma de flâmulas e camisetas de ex-alunos. Vinte e cinco anos atrás, tio Myron, o maior pontuador e roubador de rebotes de todos os tempos na escola, comandara os Camels de Kasselton no único título estadual. Um dos seus colegas — o *segundo* maior pontuador e *segundo* maior roubador de rebotes do time — era ninguém menos do que Edward Taylor, o pai de Troy. Agora ele era o xerife da cidade.

Inimizade passando de geração em geração.

— E daí? — perguntei.

— No ano passado, cinco caras do terceiro ano eram titulares do nosso time e todos nós estamos de volta. Jogamos juntos desde que éramos astros mirins no quinto ano. Troy, Buck, Alec, Damien e eu... nós crescemos juntos.

Somos os cinco titulares desde os 11 anos. Isso pode não parecer grande coisa para você.

Mas era grande coisa. Eu nunca tive nada assim. Meus pais tinham vivido no exterior durante toda a minha vida. A gente pulava de um lugar para outro, de um país para outro, principalmente no Terceiro Mundo. A gente levava uma vida nômade, de mochileiros, montando barraca, vivendo em lugares pequenos. Eu não fazia ideia de como era ter amigos assim.

Como disse antes, Ema e Colherada eram meus melhores amigos de todos os tempos e fazia poucas semanas que eu os conhecia.

— Logo, agora nós cinco estamos no último ano — continuou Brandon em sua voz calma, racional e madura. — Vai ser nosso último ano juntos.

Vamos para a faculdade e nunca mais vamos ser do mesmo time de novo.

Estamos esperando este momento praticamente a vida inteira. E agora, por sua causa, um de nós não vai mais ser titular.

— Você não sabe...

Brandon ergueu a mão.

— Por favor, Mickey, não vamos bancar os humildes. Você sabe que joga bem. Eu sei que você joga bem. Troy sempre foi nosso maior pontuador e melhor jogador. Daqui a pouco você é que vai ser. E ele também sabe disso.

Você está nesta escola há poucas semanas. Nesse tempo, você tirou a namorada dele e logo vai ter o lugar dele no time.

Ele estava falando de Rachel. Eu quis corrigi-lo — não a tirara dele e ela não era minha namorada —, mas talvez fosse melhor só ficar quieto.

Brandon se levantou.

— Dê um tempo a ele para se acostumar com isso, certo?

— Eu não roubei a namorada dele.

Isso é que era ficar quieto.

— O quê?

— Rachel terminou com ele antes mesmo de eu chegar aqui.

— Esse não é o ponto.

— Claro que é. E não posso fazer nada se jogo melhor do que ele.

— Eu não disse que você podia. Só estou falando o que está acontecendo.

— Não estou nem aí.

— O quê?

— Troy é um idiota. Você está tentando explicar o comportamento agressivo dele, não só comigo, mas com Ema e Colherada também. Ele pega no meu pé desde o primeiro dia, antes mesmo de me ver fazendo um arremesso, e jogou intencionalmente uma bola na minha cara. Portanto, desculpe, Brandon, não estou com clima para ouvir alguém justificar obullying dele.

— Não estou justificando.

Fiquei de pé.

— Está, sim. E você deixou aquilo acontecer. Você, o grande capitão e presidente de tudo nesta escola idiota, só ficou ali parado e deixou acontecer.

Brandon não pareceu gostar.

— Olha, Mickey, eu vim aqui ajudar você.

— Chegou meio tarde, Brandon. E, se sua ajuda é para justificar por que seu melhor amigo me odeia, eu estou bem, obrigado. É com ele que você deveria falar, e não comigo.

Brandon me olhou por mais alguns instantes. Senti vontade de retirar o que tinha dito. Ele havia estendido a mão em amizade e eu lhe dera um tapa. Mas eu

também estava com raiva, cansado por causa do treino, da viagem, e simplesmente enjoado de toda a bosta que ficava se empilhando em cima de mim. Não queria ouvir falar nos problemas do Troy. Já tinha o suficiente sozinho.

Mesmo assim, acabei dizendo:

— Brandon, eu não quis...

— Vejo você por aí.

Ele se virou e saiu em silêncio.

Ótimo.

Na verdade, eu não tinha nada para dizer a ele, de qualquer modo.

Enfim estava sozinho. Tirei a roupa e entrei no chuveiro. Você já esteve sozinho num vestiário? Todo som ecoa como se estivesse amplificado. Abri a água e entrei embaixo do jorro maravilhosamente forte. Levei bastante tempo, deixando a água bater nas costas e na cabeça, de olhos fechados, respirando fundo.

Calma, falei comigo mesmo.

Tinha acabado de sair do chuveiro quando ouvi a porta do vestiário se abrir violentamente. Espiei pela quina da parede.

Era o Troy.

Ele não me viu. Fiquei onde estava. Troy desmoronou no banco à frente do seu armário. Ele colocou as mãos no rosto. Ouvi um som, um som tipo...

Troy estava chorando!

Por um momento, pensei que o treinador Grady tivesse dado uma bronca nele por causa do comportamento de hoje. Quem sabe o técnico soubesse que Troy havia me sacaneado me enviando àquela reunião falsa e jogando a bola na minha cara?

Mas logo eu iria saber que aquilo não tinha nada a ver comigo.

A porta do vestiário se abriu de novo. Era Stashower.

— Pegou suas coisas, Troy?

Troy fungou e enxugou as lágrimas do rosto com o antebraço.

— É mentira, o senhor sabe.

— Nós ouvimos você.

— Estão armando para cima de mim.

— De qualquer modo, vou ficar aqui enquanto você esvazia seu armário.

— Agora?

— Agora, Troy. Precisa tirar tudo.

Troy parecia a ponto de protestar, depois pensou melhor. Abriu o armário. Tirou a bolsa e enfiou tudo dentro, com raiva. Tudo. Tênis, roupas, dinheiro trocado. O xampu. A colônia (colônia?!). Até, argh, uma foto antiga grudada no lado de dentro da porta do armário: dele com o braço em volta de Rachel, que estava com um uniforme de animadora de torcida.

Que droga estava acontecendo?

— Vou acompanhar você — disse o treinador assistente com voz firme.

— Não precisa — replicou Troy. Em seguida, foi intempestivamente para a porta e a escancarou. — É mentira. Tudo isso.

Então Troy foi embora.

CAPÍTULO 7

EU DEVERIA FICAR EMPOLGADO. Pelo jeito, meu grande inimigo estava fora do time. Mas, em vez disso, me senti confuso e meio perdido. Mas, afinal de contas, essa parecia ser minha condição permanente nos últimos tempos. Eu me dava melhor quando não precisava pensar muito — quando estava na quadra ou tinha uma tarefa específica.

E qual era minha próxima tarefa?

Ajudar Ema a encontrar o namorado, acho.

Fui andando pela comprida entrada de veículos e atravessei o terreno enorme na frente da casa. Mal pus a ponta do dedo na campainha da enorme mansão de Ema, a porta se abriu lentamente.

— Jovem senhor Mickey. Bem-vindo.

Era Niles, o mordomo da família, falando com um sotaque britânico tão forte que só podia ser falso. Ele usava smoking, casaca ou algo assim. A postura era reta feito um ariete. Ele arqueou uma sobrancelha.

Ema veio correndo até a porta.

— Corta essa, Niles.

— Desculpe, senhora.

Ema revirou os olhos.

— Ele andou vendo muitos programas ingleses.

— Ah — fiz, mas não sabia se tinha entendido direito.

Era engraçado ver os dois ali parados. Ambos vestiam preto, mas terminavam aí as semelhanças. Niles usava roupa formal. Ema estava em estilo gótico total: roupas pretas, cabelo negros, batom preto, maquiagem branca. Tinha brincos de prata subindo pelas duas orelhas, um piercing numa sobrancelha e um anel de caveira em cada mão.

Enquanto descíamos a escada, não pude deixar de olhar os pôsteres dos filmes da bela Angelica Wyatt. Alguns tinham foto do rosto. Alguns eram de corpo inteiro. Às vezes ela estava sozinha. Às vezes, com algum cara. No degrau de baixo, ficava um cartaz da comédia romântica que ela fizera com o Matt Damon no ano anterior.

Só algumas pessoas sabiam que Angelica Wyatt — é, a Angelica Wyatt — era mãe da Ema.

Nós nos sentamos em pufes enormes.

— Me conte o que aconteceu na Califórnia — pediu Ema.

Foi o que fiz. Ao término, Ema comentou:

— Talvez fosse a vontade do seu pai.

— O quê? Ser cremado?

— É, um monte de gente opta por isso. É uma possibilidade, certo?

Refleti sobre isso. Nós tínhamos viajado o mundo inteiro. A maioria das culturas estrangeiras — a maior parte das que meu pai admirava — preferia a cremação ao enterro. Lembrei que, uma vez, meu pai reclamou do “desperdício” de terra boa, que poderia ser usada para plantação, porque estava sendo usada como cemitério.

Será que ele poderia ter dito à minha mãe que queria ser cremado?

Pensei mais um pouco, depois disse:

— Não.

— Tem certeza?

— Se papai quisesse ser cremado, não iria querer ser enterrado também. Escolheria uma coisa ou outra.

Ema assentiu.

— Mas a assinatura do documento era da sua mãe?

— Era.

— E...?

— Preciso perguntar sobre isso a ela. O problema é que, no momento, ela não pode receber visitas. Está em crise de abstinência.

— Por quanto tempo ainda?

— Não sei. — Olhei para Ema. É, ela demonstrava interesse, mas eu sabia o que ela estava fazendo. Por algum motivo, ela perguntava tudo aquilo só para enrolar. — Agora fale do seu namorado sumido.

— Antes eu queria mostrar uma coisa.

— Certo.

Ela começou a tirar a blusa.

— Ahn... — falei, porque sou bom com palavras.

— Relaxa, seu tarado. Quero mostrar uma tatuagem.

— Ahn...

— Você vai ver por quê.

Ema era toda coberta de tatuagens. Isso ajudava a cultivar a imagem de garota má. Usava as tatuagens quase como uma cerca, avisando às pessoas para ficar longe. É, eu sei que um monte de gente adora tatuagens, mas Ema só estava no primeiro ano do ensino médio. Muita gente da escola ficava intimidada vendo que aquela menina tão nova tinha tantas. Como ela obtivera a permissão dos pais?

Eu mesmo havia pensado isso.

Porém, mais recentemente, descobri a verdade: as tatuagens eram temporárias. Ema tinha um amigo chamado Agent que trabalhava num estúdio de tatuagem e gostava de experimentar desenhos antes de colocar em alguém de modo permanente. Usava a pele de Ema como tela de esboço.

Ema virou as costas para mim.

— Olhe.

No centro das costas, estava uma imagem que era familiar para Ema,

Colherada, Rachel e eu.

Uma borboleta. Mais especificamente, a borboleta *Tisiphoneabeona*.

Essa imagem nos assombrava. Eu a tinha visto numa lápide atrás da casa da Dona Morcega. Na porta do quarto de Rachel no hospital. Numa antiga foto de hippies dos anos 1960. Até mesmo num velho retrato da famosa Lizzy Sobek, a garota que levava crianças para a segurança durante o Holocausto. Eu a vira em cima da “possível” sepultura do meu pai, no verso de uma foto no porão da Dona Morcega, até num estúdio de tatuagem.

— Você me contou — falei.

— Eu sei. Mas voltei lá para mandar refazer. Você sabe. Para o Agent deixar mais nítida ou mudar. Em geral, as tatuagens vão sumindo depois de algumas semanas.

Senti um pequeno arrepio nas costas.

— Mas...?

— Mas ele não pôde.

Eu sabia a resposta, mas perguntei mesmo assim:

— Por quê?

— É permanente. Agent disse que não sabe como isso aconteceu. Mas a borboleta está aí. Para sempre.

Permaneci em silêncio.

— O que está acontecendo, Mickey?

— Não sei.

Ficamos sentados em silêncio.

— Fale do seu namorado que sumiu — pedi, por fim.

Por um ou dois segundos, Ema não se mexeu. Ela engoliu em seco, piscou algumas vezes, depois olhou para o chão.

— Chamar de *namorado* pode ser forçar um pouco a barra.

Esperei.

— Mickey?

— O quê?

Ema começou a girar o anel de caveira da mão direita.

— Você precisa me prometer uma coisa.

Sua linguagem corporal estava toda errada. Ema era muito autoconfiante. Ficava confortável na própria pele. Agora, de repente, essa confiança tinha sumido.

— Está bem.

— Você precisa prometer que não vai zoar com a minha cara.

— Está falando sério?

Ela só me encarou.

— Certo, certo, prometo. É estranho, só isso.

— O que é estranho?

— Essa promessa. Achei que você não se importasse com a opinião das pessoas.

— Não me importo. Eu me importo com a *sua* opinião.

Um segundo se passou. E outro. Então, eu disse “Ah”. Porque realmente, *realmente*, sou bom com as palavras. Claro, era um comentário idiota da minha parte. Todo mundo se importa com o que as pessoas pensam. Alguns só escondem melhor.

— Me conte — pedi.

— Conheci um cara numa sala de bate-papo.

— Você curte salas de bate-papo?

— Você prometeu.

— Não estou zoando.

— Está julgando. É tão ruim quanto.

— Não estou. Só fiquei surpreso.

— Não é como você acha. Olhe, eu estava ajudando minha mãe com as redes sociais. Ela é totalmente sem noção. Igual ao empresário dela, à agente e à secretária... Enfim. Por isso boleei uns lances promocionais para ela: Twitter, Facebook, saca? E agora fico verificando tudo para ela.

— Certo.

— Bom, eu conheci um cara numa sala de bate-papo.

Eu a fiquei encarando.

— O que foi? — perguntou Ema.

— Nada.

— Você está julgando de novo.

— Só estou aqui sentado. — Abri os braços. — Se você está vendo mais alguma coisa na minha cara, isso tem mais a ver com você do que comigo.

— Certo, claro.

— Só estou surpreso, certo? Que tipo de sala de bate-papo era, afinal?

— De fãs de AngelicaWyatt.

Tentei demaaaais ficar com a cara inexpressiva.

— Aí, de novo! — gritou ela.

— Para de olhar minha cara e diz o que aconteceu. Você estava numa sala de bate-papo da AngelicaWyatt. Começou a falar com um cara. Estou certo até agora?

Ema ficou sem graça.

— Está.

— Você estava usando um *nickname*?

— Não.

— Por que não?

— Por que eu iria usar? Ninguém sabe que eu sou filha de AngelicaWyatt.

Nem eu sabia, até que levei Ema para casa depois da escola na semana

anterior. Na escola, Ema era motivo de muita especulação. Já me disseram que toda escola tem algum aluno que parece vir da floresta para a aula todo dia. Ninguém sabe onde a criatura mora. Ninguém esteve na casa dela. Os boatos começam, como aconteceu com Ema. Alguns achavam que ela morava numa cabana no meio do mato. Que sofria abusos do pai. Que vendia drogas.

Na verdade, Ema encorajava esses boatos para esconder a verdade: era filha de uma estrela de cinema mundialmente famosa.

— Eu uso meu nome na sala de bate-papo para poder ser só mais uma fã.

— Certo, continue.

— Bom, aí eu comecei a conversar com um cara. Depois a gente começou a trocar e-mails e torpedos, esse tipo de coisa. — O rosto dela ficou vermelho. — Ele me contou sobre a vida dele. Disse que morava na Europa mas que a família tinha se mudado para os Estados Unidos no ano passado.

Falamos de livros, filmes e sentimentos. A coisa... a coisa ficou bem íntima.

Meu rosto se retorceu numa careta.

— Eca, argh— reagiu Emma. — Não esse tipo de intimidade!

— Eu não disse...

— Pare com isso, está bem? E nunca jogue pôquer, Mickey. Você seria terrível. Quero dizer, a gente *conversava*. A gente conversava de verdade e se abria. A princípio, certo, achei que o cara talvez fosse uma fraude, saca?

Como se eu estivesse sendo enganada.

— Uma armação. Um perfil falso.

— É. Você me conhece: eu não confio com facilidade. Mas, à medida que o tempo foi passando... — Os olhos de Ema se iluminaram. — É esquisito, mas nós dois mudamos. Principalmente ele. Ele pode ter começado fazendo algum tipo de jogo, mas virou um cara real. Não consigo explicar.

Assenti, tentando fazer com que ela continuasse.

— Então vocês ficaram íntimos.

— É.

— Você sentiu que ele estava começando a se abrir.

— É. Há uns dias, ele disse que tinha uma coisa muito importante para me falar. Que precisava confessar uma coisa. Pensei: ops, lá vamos nós. Vou descobrir que ele é uma menina de 11 anos ou é casado e tem 38 anos. Tipo assim.

— Mas não era?

Emma balançou a cabeça.

— Não.

— Então qual era o grande segredo?

— Ele acabou dizendo: esquece, não é nada de mais. — Ema chegou mais perto de mim. — Você não entende? Ele amarelou. Não consigo explicar direito. Estou resumindo centenas de torpedos e conversas. Foi como se alguma coisa

fizesse o cara sentir medo de me dizer a verdade.

— Você está certa.

— Estou?

— Você não está explicando direito.

Ema me deu um soco no braço.

— Só escute, certo?

— Certo.

— Jared e eu finalmente marcamos um encontro.

— Jared? O nome dele é Jared?

— Ah, agora você vai zoar o nome dele?

Levantei as duas mãos num gesto de desculpa.

— Ele mora em Connecticut. A umas duas horas daqui. Por isso a gente combinou de se encontrar no shopping de Kasselton. Jared tinha acabado de tirar a carteira e podia vir de carro. Falou que precisava me contar uma coisa importante de verdade, uma coisa que só poderia me dizer pessoalmente. Disse que, quando a gente se encontrasse, eu entenderia tudo.

— Entenderia tudo sobre o quê?

— Sobre ele. Sobre nós.

Eu não estava entendendo nada, mas falei:

— Certo. E aí?

— Aí... — Ema deu de ombros. — Nada.

— Como assim, nada?

— O que você acha que eu quero dizer? — reagiu ela bruscamente. — É isso. Fui ao shopping. Esperei no lugar onde a gente tinha combinado, naquele canto dos fundos do Ruby Tuesday. Mas ele não apareceu. Esperei uma hora. Depois duas. Depois... o dia inteiro. Fiquei ali sentada o dia inteiro.

— Jared não apareceu?

— Isso mesmo.

— E o que você fez?

Ema deu de ombros.

— Mandeí um torpedo. Mas ele não respondeu. Enviei um e-mail. A mesma coisa. Entrei na nossa sala de bate-papo, mas ele não voltou. Até chequei a página dele no Facebook, mas não havia nada de novo. Era como se ele tivesse evaporado.

Ema digitou alguma coisa e depois virou o laptop para mim. Era um perfil do Facebook, de um cara chamado Jared Lowell. Dei uma olhada na foto dele e, sem pensar, falei:

— Você foi enganada.

— O quê?

O cara da foto era absurdamente bonito. Não estou falando bonito estilo astro do futebol americano do colégio, mas estilo sex symbol da TV, cantor de *boy*

band.

— Esqueça.

Ema ficou com raiva.

— Por que você está dizendo isso?

— Esqueça, ok?

— Não, por que você disse que eu fui enganada quando viu a foto dele?

Porque ele é bonito, não é?

— O quê? Não. — Mas minhas palavras pareceram débeis até para os meus ouvidos.

— Você não acha que um cara desses poderia ficar a fim de uma garota que nem eu, certo?

— Não é nada disso — meio que menti.

— Se eu fosse Rachel Caldwell, você não teria problema para acreditar...

— Não é isso, Ema. Mas, quero dizer, olhe para ele. Qual é. Se eu dissesse que estava tendo um relacionamento pela internet com uma garota que conheci numa sala de bate-papo e, quando você visse a foto, ela parecesse uma modelo famosa, o que você acharia?

— Acreditaria em você — respondeu ela. Mas agora foi sua voz que soou fraca.

Certo. Claro. E aí, se quando eu fosse encontrar cara a cara a Srta.

Modelo, ela sumisse de repente... você ainda acreditaria?

— Acreditaria — disse ela, um pouco firme demais.

Pus a mão nos ombros dela.

— Você é minha melhor amiga, Ema. É a melhor amiga que eu já tive. —

Ela olhou para baixo, o rosto vermelho de constrangimento. — Eu poderia mentir e afirmar que tudo isso parece certo. Mas que tipo de amigo faz isso? Não estou dizendo que seu relacionamento com Jared não é real. Mas se eu não tiver coragem de falar o que parece, quem vai ter?

Isso fez com que ela se acalmasse. Ainda com o rosto abaixado, ela perguntou:

— Então você acha o quê, que era armação?

— Talvez. Só isso. Talvez fosse só uma brincadeira.

Ela me encarou.

— Uma brincadeira?

— Uma brincadeira cruel, mas é, talvez.

— Bom, rá-rá. — Ema balançou a cabeça. — Mickey, pense bem. Digamos que fosse uma armação. Digamos que foram os caras sacanas da escola.

Tipo o Troy ou o Buck, certo? Digamos que eles armaram essa coisa toda.

Esperei.

Ema abriu os braços.

— O que ganhariam com isso?

Eu não tinha resposta.

— Eles precisariam fazer com que eu soubesse, certo? Teriam zombado de mim. Teriam esfregado a coisa na minha cara ou vazado as conversas íntimas na rede. Fariam o mundo saber que idiota eu fui, não é?

Uma lágrima escorreu pelo rosto dela.

— Por que Jared, o palhaço, iria sumir sem mais nem menos?

Engoli em seco.

— Não sei.

— Mickey?

— O quê?

— É fácil zombar desses relacionamentos. Eu também costumava fazer isso. Mas pense bem. Quando a coisa é só escrita assim, quando é só com torpedos ou e-mails, só as palavras e mais nada, acaba sendo mais verdadeira. Não importa sua aparência ou em que mesa você se senta na hora do almoço. Não importa se você é astro de futebol americano ou se comanda o clube de xadrez. Tudo isso se torna irrelevante. São só os dois e a inteligência e os sentimentos de vocês. Entende?

— Acho que sim — admiti.

— Escute, Mickey. Olhe nos meus olhos e escute de verdade.

Eu a obedeci e, por um momento, me senti perdido e feliz. Eu confiava naqueles olhos. Acreditava neles.

— Eu sei — disse Ema. — Não me pergunte como. Mas eu sei. Nós precisamos fazer isso, mesmo se você achar que estou maluca.

— Por quê?

— Porque a decisão não é nossa.

— Ahn? Claro que é.

Ema balançou a cabeça.

— Essas coisas vêm até nós, Mickey. Isso é maior do que nós.

— Como assim?

— Você sabe.

— O quê, você acha que isso tem a ver com o Abeona?

Ema chegou mais perto para dividirmos o laptop. Percebi o perfume dela. Era novo, diferente. Eu já havia sentido aquele cheiro antes, mas não conseguia me lembrar onde. Ela abriu de novo a página do Jared.

— Só apareceu uma foto nova depois que o Jared sumiu...

Quando olhei para a tela, quase ofeguei.

Na página de Jared Lowell, estava a foto de uma borboleta.

Para ser mais específico, da *Tisiphoneabeona*.

— Não temos escolha — continuou Ema. — Precisamos encontrar o Jared.

Ficamos sentados mais um instante, fitando aquela borboleta. Senti de novo o perfume dela e uma pequena agitação. Nós nos encaramos. Nossos olhares se encontraram. Nada foi dito. Nada havia nada a dizer.

E então meu celular tocou.

Nosso contato visual se quebrou como se fosse um graveto seco. Ema desviou o olhar. Fitei a tela do telefone. O número de quem ligava estava como protegido.

— Alô?

Uma voz masculina, adulta, indagou:

— É o Mickey Bolitar?

A voz era grave, séria, e talvez houvesse um pequeno tremor de medo nela.

— É, é ele.

— Aqui é o Sr. Spindel, o pai do Arthur.

Após um segundo, consegui situar o nome e minha pulsação acelerou.

Eu sempre havia chamado Arthur Spindel de “Colherada”. O homem que estava telefonando era o chefe dos zeladores da Kasselton High — e pai do Colherada.

— Colherada está bem? — perguntei rapidamente.

O Sr. Spindel fingiu não ouvir:

— Você sabe onde Emily Beaumont está?

Emily era Ema.

— Aqui, do meu lado.

— Vocês dois poderiam vir ao hospital?

— Claro. Quando?

— O quanto antes — respondeu o Sr. Spindel, e desligou.

CAPÍTULO 8

NILES LEVOU NÓS DOIS AO SAINT BARNABAS. Parou perto da porta da frente. Nós corremos até o balcão de recepção.

— Quinto andar — informou a recepcionista. — O elevador fica à direita.

Procurem as placas para a UTI.

UTI. Colherada ainda estava na unidade de terapia intensiva. Senti os olhos marejarem, mas represei as lágrimas.

Fomos depressa até o elevador. Apertei o botão repetidamente, como se isso fosse dizer à máquina que estávamos com pressa. Ele demorou muito para chegar. Pulamos para dentro e, claro, outras três pessoas também entraram, apertando os botões de andares inferiores ao nosso.

Senti vontade de gritar para elas pararem com aquilo.

Quando enfim chegamos ao quinto andar, o Sr. Spindel estava esperando. Usava o mesmo uniforme bege de zelador, com as palavras SR.

SPINDEL estampadas no bolso direito do peito. Ele era um homem magricela com mãos grandes, geralmente afável. Agora não havia sorriso algum.

— Por aqui — orientou o Sr. Spindel.

Enquanto o seguíamos, Ema perguntou:

— Como está o Colhe... quero dizer, o Arthur?

— Nada mudou.

Nada mudou. As palavras silenciaram o corredor. Na última vez que o tínhamos visto, Colherada não sentia as pernas. Estava paralisado da cintura para baixo.

Nada mudou.

Mais adiante no corredor, avistei a Sra. Spindel sentada numa cadeira.

Lembrei-me da primeira vez que a vi, quando deixei o Colherada na frente de casa algumas semanas atrás. Ela havia recebido o filho à porta com uma alegria genuína. O rosto inteiro se iluminara ao lhe dar um abraço. Agora era como se alguém tivesse apagado essa luz. As bochechas estavam sulcadas. O cabelo parecia mais grisalho.

A Sra. Spindel me lançou um olhar maligno. Ela já me falara que o que tinha acontecido com o filho amado era culpa minha. Sem dúvida a opinião não havia mudado.

— Minha mulher não acha boa ideia — comentou o Sr. Spindel.

Não havia o que responder.

Chegamos perto de uma porta grande e pesada.

— Vou esperar aqui fora — disse o Sr. Spindel. — Vocês dois, entrem.

Empurrei lentamente a porta. Colherada estava sentado na cama.

Havia tubos, máquinas e sons de bipes. Ele parecia minúsculo naquela cama

grande de hospital, pequeno e magricela com óculos grandes, perdido no meio de todo aquele horror.

Quando Colherada viu a gente, seu rosto se abriu num sorriso enorme.

Por um segundo, todo o resto no quarto sumiu: só existia o sorriso daquele cara desajeitado.

— Vocês sabiam que Babe Ruth usava uma folha de repolho embaixo do boné de beisebol?

Ema e eu só ficamos ali parados.

— Sério — continuou Colherada. — Ele molhava a folha nos dias quentes, para se refrescar. Trocava a cada dois innings.

Não aguentei. Perdi as estribeiras. Corri até ele e fiz uma força enorme para não chorar. Não sou chorão por natureza. Mas enquanto ia até o Colherada e passava os braços em volta dele do modo mais gentil possível, sentia as lágrimas pressionando as pálpebras.

— Mickey? — disse ele, hesitante. — Que droga...

Fechei os olhos com força e tentei segurar as pontas. Agora precisava ser forte. Precisava ser forte para o Colherada. Eu era o amigo durão dele.

Lembrei que, no dia em que nos conhecemos, ele falara que eu era o Shrek e ele, o Burro. Eu era o protetor dele.

E tinha fracassado.

Não adiantava. Comecei a soluçar.

— Mickey? — repetiu Colherada.

— Desculpe — falei no meio dos soluços. — Desculpe mesmo.

— Pelo quê?

Só balancei a cabeça e continuei abraçado a ele.

— Pelo quê? — insistiu Colherada. — Você não atirou em mim, certo?

— Não.

— Foi o que achei. Então por que está se desculpando?

Soltei-o e o encarei, para ver se ele só estava curtindo com a minha cara, mas ele parecia perplexo de verdade.

— Mesmo assim, a culpa é minha.

Colherada franziu a testa.

— De onde é que você tirou isso?

— Está falando sério?

— Sério que nem um ataque cardíaco. — Colherada começou a rir. —

Cara, eu sempre quis usar essa fala, “sério que nem um ataque cardíaco”. Só que não é engraçado de verdade, quero dizer, pelo menos aqui. O Sr. Costo, no quarto ao lado, teve um infarto. É por isso que ele está no hospital.

Conheci a mulher dele. Gente boa. Ela estudou com Tippi Hedren no ensino fundamental. Saca, a atriz das antigas, do filme *Os pássaros*? Não é incrível?

Só fiquei olhando para ele. Ele sorriu de novo.

— Está tudo bem, Mickey.

Balancei a cabeça.

— Eu envolvi você em tudo isso.

Colherada empurrou os óculos nariz acima.

— É mesmo?

Olhei para Ema, que deu de ombros. Virei de novo para Colherada.

— Está zoando com a minha cara?

— Não. Sem querer ofender, Mickey, mas você está parecendo meio metido a besta.

— O quê?

— Você não é tão poderoso assim. Não me obrigou a fazer nada. Eu fiz minhas escolhas. Sou dono do meu nariz — Ele encarou Ema e piscou. — É por isso que a mulherada me adora, certo?

Ema revirou os olhos.

— Não me obrigue a lhe dar um soco.

Colherada riu. Continuei imóvel.

— Você não foi o único que a Dona Morcega escolheu — disse Colherada.

— Claro, você é o nosso líder, acho. Mas somos uma equipe. Todos nós fazemos parte do Abeona: você, eu, Ema. Rachel também. E será que a gente pode correr disso? Bom, eu não posso, quero dizer, não posso mesmo.

Nesse momento, minhas pernas não estão funcionando. Mas, mesmo se estivessem, acho que não poderia. E isso não tem nada a ver com você, Mickey. A culpa não é sua.

— Uau — falei.

— O quê?

— O que você diz meio que está fazendo sentido.

Colherada arqueou uma sobrancelha.

— Sou uma caixinha de surpresas. — Outra piscadela para Ema. — Outro motivo pelo qual a mulherada me adora.

Ema fechou o punho e o brandiu. Ele gargalhou, depois abriu os braços.

— E aí?

— E aí? — repeti.

— Por que vocês acham que eu disse ao meu pai que precisava ver os dois? A gente resgata crianças. Isso não vai parar porque eu me machuquei.

Quem a gente precisa resgatar agora?

— Apenas descanse — repliquei. — Você precisa se concentrar em ficar bom.

Colherada franziu a testa para mim e olhou para Ema.

— Um cara que eu conheci numa sala de bate-papo — respondeu ela.

— Namorado? — perguntou Colherada.

— Mais ou menos.

Colherada balançou a cabeça.

— Eu levo um tiro e você parte para outra?

— Vou bater em você.

Colherada ajeitou os óculos outra vez.

— Conte tudo.

Ela obedeceu. Colherada assentia. Não demonstrou dúvida nem um instante. Ele nunca julgava. Só ouvia. Isso fez com que eu me perguntasse quem era mesmo o líder daquele grupo. Quando Ema já estava concluindo, uma enfermeira entrou e informou que era hora de a gente sair.

— Estou com meu laptop — avisou Colherada. — Vou conseguir tudo o que puder sobre esse tal de Jared Lowell.

CAPÍTULO 9

DECIDI IR PARA CASA A PÉ porque precisava ver uma coisa.

Atravessei a Northfield Avenue e tentei clarear a mente. Virei à direita na outra esquina. Tinha um destino em vista, ainda que, de certa forma, ele não existisse mais.

A casa da Dona Morcega.

Sabia que não deveria mais falar sobre ela assim. Dona Morcega era o nome que a garotada da cidade dera à mulher velha, maluca e sinistra que morava na casa velha, maluca e sinistra, uma mulher de quem as crianças falavam aos sussurros, sobre quem inventavam histórias e de quem tinham medo de verdade.

Mas Dona Morcega não era maluca. Ou talvez fosse, mas de qualquer modo não era o que as crianças imaginavam. De certa forma, a realidade por trás da Dona Morcega era ainda mais apavorante.

Agora, a casa decrepita, que ficara de pé por mais de um século, mal passava de cinzas. Tinha sido queimada na semana anterior. Na ocasião, eu estava lá dentro. Escapei com vida por pouco. Ainda não sei por que aquele homem tentou me queimar vivo. Eu só havia me encontrado com ele uma vez antes.

Era o paramédico que dissera que meu pai estava morto.

Parei na frente dos restos da residência, cercada por uma fita amarela e preta da polícia. Imaginei se isso significava que era uma cena de crime, se as autoridades tinham deduzido que era um incêndio criminoso, e não um incêndio comum.

Lembrei-me do dia em que tudo começou, apenas algumas semanas antes. Eu estava indo a pé para a minha escola nova, entretido em pensamentos, passando exatamente por esse lugar quando a porta da frente da velha e assustadora casa se abriu rangendo.

A Dona Morcega me chamou: “Mickey?”

Eu não tinha ideia de como ela sabia meu nome.

Ela apontou um dedo ossudo para mim e disse as palavras que mudaram minha vida: “Seu pai não morreu. Ele está muito vivo.”

E então sumiu de novo dentro da casa.

Eu tinha pensado que o caixão dele daria a resposta. Em vez disso, apenas provocou mais perguntas.

Contemplei as ruínas da casa. Havia placas em toda parte: **CONDENADA e PROPRIEDADE PARTICULAR — NÃO ENTRE.**

E agora?

Existiam túneis secretos embaixo da casa. Eu me perguntei se o incêndio os teria afetado. Duvidei. Tentei me recordar da última vez — bom, da única vez — em que tinha estado neles. Sabia que a entrada ficava perto da garagem, no meio

do mato. Que eles iam até a casa. Que existiam outros caminhos no subsolo, um labirinto inteiro deles, talvez.

Todos proibidos para mim.

Será que tudo estava acabado? Ou existiriam pistas lá embaixo?

Pensei em ir até a garagem e procurar os túneis, mas não, não podia fazer isso agora. Para começar, existiam placas mandando ficar longe.

Porém, mais do que isso, havia vizinhos em toda parte. Um homem cortando grama. Uma mulher passeando com o cachorro. Duas meninas fazendo um desenho com giz numa entrada de veículos. Cogitava dar a volta pelos fundos e tentar encontrar outro caminho para o matagal atrás da propriedade da Dona Morcega, quando ouvi um som encantador, que sempre me atrainha.

Alguém estava quicando uma bola de basquete.

Para mim, o som funcionava como um chamado de acasalamento ou algo do tipo. Ele era tranquilizante, envolvente, reconfortante, convidativo.

Se alguém está quicando uma bola de basquete e você quer se juntar, é sempre bem-vindo. Isso faz parte do código. Você pode fazer arremessos com alguém, pegar o rebote ou disputar jogadas. Um não precisa conhecer o outro. Você não precisa ser da mesma idade ou do mesmo sexo nem jogar no mesmo nível. Tudo isso sumia quando alguém estava quicando uma bola de basquete.

À medida que eu chegava mais perto, percebi pelo som que era alguém treinando sozinho. Dois quiques. Arremesso. Dois quiques. Arremesso. Pela velocidade, eu diria que a pessoa estava treinando passadas embaixo da tabela. Os sons eram muito próximos para serem lances de fora do garrafão. Se você joga, vai saber o que estou dizendo.

Quando virei a esquina, vi BrandonFoley fazendo arremessos de gancho embaixo da tabela. Parei e observei por alguns segundos. Ele jogou três pela esquerda, três pela direita, depois de novo à esquerda. Acertava quase todos. Seu rosto estava coberto de suor. Ele estava concentrado, focado, completamente absorto pelo êxtase do exercício, mas existia algo além, não tão alegre, mais profundo.

— Ei! — gritei.

Brandon parou e se virou para mim. Aí pude ver que não era suor que cobria o rosto dele.

Eram lágrimas.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele.

— Estava passando quando ouvi o som da bola. Olhe, desculpe pelo que falei depois do treino. Foi legal você se aproximar.

Ele se voltou para a cesta e começou o exercício de novo.

— Esqueça.

Deixei que ele jogasse mais um minuto. Não havia folga nem diminuição da velocidade.

— Qual é o problema? — indaguei.

Brandon foi para fora do garrafão e arremessou, encestando sem tocar no aro. A bola começou a rolar para longe. Nenhum de nós foi atrás.

— Tudo está desmoronando — respondeu Brandon.

— O que está desmoronando?

— Todos esses anos, todos os times em que a gente jogou junto, tudolevava a esta temporada, e agora... — Brandon deu de ombros — ... acabou.

Fiquei em silêncio. Achava que aquilo tinha relação com o que eu testemunhara no vestiário, mas não queria dar a entender que havia presenciado algo a respeito.

— Tudo estava indo tão bem! — continuou Brandon. — A gente tinha trabalhado duro, se preparado, e aí hoje é o seu primeiro dia no time e...

Ele não concluiu o pensamento. Não precisava. Seu olhar dizia tudo.

— Espere aí, você está me culpando?

Brandon se virou para a cesta e começou a fazer arremessos de novo.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Troy e Buck

Meus dois archi-inimigos.

— O que é que tem?

— Os dois estão fora do time.

— O quê?!

— Isso mesmo que você ouviu. Troy era nosso maior pontuador. Buck era o melhor jogador de defesa. Os dois estão fora.

— Por quê?

— Qual o seu interesse nisso? — Ele fez outro arremesso de gancho. —

Droga, provavelmente você está feliz. Abre duas vagas para você.

Fui em direção à cesta. Peguei a bola e a segurei.

— Eu quero merecer uma vaga. Não quero ganhar porque outros caras saíram.

Por um segundo, Brandon pareceu sair do ar. Soltou uma respiração funda e enxugou o rosto com o antebraço.

— Desculpe — disse, a voz suavizando. — Estou pegando pesado com você, mas sei que a culpa não é sua.

— O que aconteceu?

— Buck se mudou.

— O quê? Agora?

Brandon aquiesceu.

— Os pais dele se divorciaram quando a gente estava no oitavo ano. Ele morava com o pai e o irmão, mas agora os pais decidiram que ele deve morar com a mãe.

— Assim, de uma hora para outra? No último ano da escola?

— Acho que sim. Não sei. Só fiquei sabendo hoje.

Em parte, fiquei satisfeito, claro. Eu e Buck nos detestamos. Mas isso não parecia certo.

— Então era por isso que o Buck não estava no treino.

— É.

— E o Troy?

Brandon ergueu a mão direita, me convidando a fazer um passe. Ele pegou a bola com a mão estendida, quicou-a uma vez e deu uma enterrada.

— Foi suspenso pela temporada inteira.

— Por quê?

— Esteroides.

Meu queixo caiu.

— Ele não passou no exame antidoping?

— É.

— Uau — falei, mas agora entendia o que tinha testemunhado no vestiário. O treinador Grady devia ter acabado de dar a notícia a ele.

— Troy jura que nunca tomou nada disso. Diz que estão armando para cima dele.

Fora o que ele tinha falado no vestiário.

— Como?

— Não sei.

— E quem faria isso? Quero dizer, os exames parecem um negócio bemsério.—

Eu sei.

Brandon me passou a bola. Fiz uma cesta.

— Você acredita no Troy? — perguntei.

Brandon pegou o rebote, me passou a bola. Eu a encestei, esperando a resposta. Ele parecia ruminar a questão.

— Troy pode ser um monte de coisas — comentou o capitão. — Sei que ele pode ser... bom, meio grosso. Até sei que ele curte fazer bullying. Mas mentiroso? Usando droga para trapacear?

Nós dois paramos e nos olhamos.

— É, sei que é maluquice, mas acredito no Troy.

CAPÍTULO 10

EU QUERIA VOLTAR À CASA DA DONA MORCEGA naquela noite, mas havia um problema: eu tinha muito dever de casa. Já vinha empurrando com a barriga durante dias e, se não comesse a trabalhar no texto de história e a estudar para a prova de matemática, ficaria numa baita encrenca. Desliguei o celular, fui para a mesa da cozinha e me pus a estudar.

A primeira aula da manhã de terça-feira era de história, com minha professora predileta, a Sra. Friedman. A mesa de Rachel estava vazia. Eu não sabia o que pensar, mas na verdade não chegava a ser uma grande surpresa. Houvera tiros na casa dela. A mãe dela morreu e Rachel acabou hospitalizada com um ferimento de bala, ainda que pequeno. Fisicamente ela estava bem. Psicologicamente, bom, aí já era outra história.

Eu é que contei a verdade a Rachel. O pai dela tinha me alertado para não contar, mas o tio Myron me deu outro conselho, avisando que, quando a gente mente, a mentira nunca vai embora. Ela assombra o relacionamento para sempre. Aquilo fizera sentido para mim.

Desde então, Rachel e eu não nos comunicamos mais. Porém, se eu precisasse fazer aquilo de novo... não sei.

O clima no refeitório da escola estava decididamente sombrio. Ema e eu sentamos à mesa de sempre, no local que costuma ser chamado de “Cidade dos Perdedores”. A mesa era para doze pessoas, mas naquele dia estávamos só nós dois ali. Ao olhar para o lugar onde o Colherada em geral ficava, senti o peito doer.

— Também estou preocupada com ele — disse Ema. — Mas ele não ia querer que a gente ficasse se lamentando.

Confirmei com a cabeça. Eu havia conhecido o Colherada naquele refeitório mesmo. Ele tinha vindo até mim e oferecido sua colher, por algum motivo que ainda não saquei. Eu começara a pensar nele como “o cara da colher”, e depois como “Colherada”. Colherada adorou o apelido e insistiu que a gente o usasse para sempre. Se fosse chamado de Arthur, ele ignorava.

As mesas do pessoal que considerávamos mais populares por qualquer motivo imbecil costumavam ser uma agitada colmeia de jaquetas do colégio, cabelos louros com luzes, vozes altas, gargalhadas e entusiasmados cumprimentos. Mas não naquele dia. Troy ainda estava ali, na cabeceira da mesa como sempre, mas quieto. O resto da mesa acompanhava seu clima. Na verdade, parecia que todo o refeitório estava num luto silencioso por causa do destino recente do líder.

— Está muito quieto aqui — comentou Ema.

Ela e eu vivíamos sincronizados.

— Quietos demais — concordei, levantando uma sobrançelha com ar

brincalhão.

Eu não era suicida a ponto de sorrir ou gargalhar, mas não queria ser hipócrita. Eu detestava o Troy por um bom motivo e isso não iria mudar por causa da situação. É, eu sabia como devia ser doloroso perder uma temporada de basquete, especialmente o último ano jogando com os companheiros. Mas, afinal de contas, alguns de nós nunca havíamos jogado com um grupo constante de amigos. Alguns não tinham recebido essas oportunidades para depois jogar tudo fora.

Eu não sentia pena dele.

Troy tinha jogado sujo tomando drogas para melhorar seu desempenho. Eu não engoli a defesa do Brandon. Era isso que todo atleta dizia quando era apanhado: foi um erro, foi armação, não fui eu. Eu provavelmente admiraria mais o Troy se ele apenas admitisse. Enfim, aquilo não era da minha conta.

Em geral a mesa do Troy ficava cheia, mas o lugar ao lado dele, que o Buck sempre ocupava, estava vazio. Buck costumava me encarar, murmurando que eu era um “homem morto”, correndo o dedo pela frente do pescoço, como uma faca. Depois zombava de Ema de algum modo cruel, chamando de “baranga” ou mugindo, um clássico idiota valentão inseguro.

Eu também não sentiria falta dele.

Mas achei estranho.

Troy e Buck eram melhores amigos desde o ensino fundamental. De repente, com alguns dias de diferença, Troy era apanhado num escândalo e Buck se mudava.

Baixei a cabeça para começar a comer quando percebi que, do nada, o salão ficara mais silencioso ainda, se é que era possível, como se todo mundo tivesse decidido prender o fôlego ao mesmo tempo.

Então ouvi Ema dizer:

— Epa.

Levantei a cabeça e senti o arrepio familiar.

Rachel Caldwell havia entrado no refeitório.

O silêncio tinha alguns motivos. Motivo Um: era a primeira vez que ela retornava à escola desde o incidente que matara sua mãe e deixara Rachel ferida. Tinha sido nosso último... não sei qual é a palavra... caso, acho, para o Abrigo Abeona. Nós o resolvemos, mas a resposta continuava sendo um segredo guardado cuidadosamente.

Eu não havia contado nem a Ema.

E me sentia mal por causa disso. Ema e Colherada tinham arriscado a vida e feito tudo ao seu alcance. Eram meus melhores amigos e eu detestava a ideia de esconder segredos deles, principalmente de Ema, mas o segredo não era meu. Se eu contasse a Ema, trairia Rachel. Mas, não contando a Ema...

No fim das contas, eu tinha esperança e acreditava que Ema fosse entender.

Mas podia estar errado.

Eu não via Rachel desde o dia em que viajara para a Califórnia, quando aparecera à porta dela e arruinara seu mundo.

Motivo Dois: Rachel era popular. Sendo específico: a capitã das animadoras de torcida, a garota mais gostosa da escola, de quem todo mundo falava — você já sacou. As pessoas prestam atenção em uma garotaassim. Motivo Três: Rachel e Troy haviam sido — tenho ânsia de vômito só de pensar — namorados. Rachel deixara claro para mim que, na época, ela era nova e idiota e que o relacionamento estava muito, *muito* acabado, mas que talvez ela devesse deixar isso um pouco mais claro para o Troy.

Mesmo assim, não pude deixar de notar que ela não se aproximou para dizer oi a Ema ou a mim. Dirigiu-se para a mesa do Troy. Ocupou a cadeira do Buck e forçou um sorriso triste para o ex.

Meu rosto ficou quente.

— Pare com isso — sussurrou Ema.

— O quê?

Ela franziu a testa e balançou a cabeça.

— Troy acabou de ser chutado do time de basquete. Ela tem que mostrar algum tipo de apoio, não acha?

Eu não achava. Mas aquele não era o ponto. Rachel não havia nem olhado na nossa direção. Ema não entenderia por quê. Mas eu entendia. Tio Myron me alertara que existiria um preço por contar a verdade, mas como é mesmo que ele tinha falado?

A verdade mais desagradável é preferível à mais bela mentira.

Ela estava me evitando. Não sei que conselho alguém me daria sobre isso. *Dê um tempo*, provavelmente. Eu já havia feito isso. Não muito tempo, mas o suficiente. Além disso, eu tinha aprendido que “dar tempo” costumava significar “tempo para a ferida infeccionar”.

Eu precisava falar com Rachel. O quanto antes.

CAPÍTULO II

FIZ Q UESTÃO DE PASSAR PELO ARMÁRIO de Rachel entre duas aulas, esperando esbarrar com ela. Finalmente, faltando só um período no dia, encontrei-a, mas ela não estava nem um pouco sozinha. Seu armário estava cercado de animadoras de torcida, atletas e um bando de gente popular, todos recebendo-a de volta, demonstrando preocupação.

Eu não conhecia ninguém. Eles não me conheciam.

Eu era o cara novo, logo existia alguma curiosidade natural a meu respeito. Minha altura também chamava atenção, acho, e talvez eu começasse a ganhar reputação por causa do basquete. Claro, eu tinha perdido um bocado de popularidade por andar com Ema e Colherada.

Portanto, talvez agora eu fosse menos uma curiosidade e mais uma esquisitice.

Rachel me viu chegar perto e balançou a cabeça devagar. Saquei o significado. *Fique longe*. Eu deveria ter respeitado, assentido e ido embora.

Mas não foi o que fiz. Fiquei parado e articulei uma pergunta: *Quando?*

A resposta dela foi um armário trancado com força. Rachel me fuzilou com os olhos, virou-se e foi andando.

Fantástico.

Meu último período naquele dia era de saúde, com o Sr. Nacht, uma aula que não poderia dar mais sono. Quando ela acabou, voltei correndo até o armário de Rachel. Nenhum sinal. Fui até o meu. Tinha treino de basquete dali a meia hora, mas seria bom chegar cedo e praticar arremessos. Peguei meu telefone. Havia um recado do Colherada: **consegui informações sobre jared. vem pra cá hoje de noite.**

Houve outro zumbido. Era de novo o Colherada, o garoto que vivia para os factoides irrelevantes: **porcos-espinhos flutuam na água.**

Bom saber, para o caso de eu me sentir tentado a salvar um porcoespinho naufrago.

Fui o primeiro a trocar de roupa e entrar na quadra. Fiz arremessos, adorando o eco solitário da bola. Os outros caras começaram a sair aos poucos do vestiário. Nenhum optou por treinar comigo. Não fiquei surpreso. Normalmente havia risos, brincadeiras, provocações, essas coisas. Naquele dia, não. O ginásio estava silencioso feito um túmulo — ou como o refeitório na hora do almoço. O único som vinha das bolas quicando.

Às quatro horas, o treinador Grady apitou e gritou para todo mundo se sentar. Brandon e um cara desconhecido abriram as precárias arquibancadas dobráveis. Todos subimos um ou dois degraus e encontramos um lugar para nos acomodarmos.

O técnico parecia ter envelhecido dez anos desde o último treino.

Andou de um lado para outro por alguns instantes. Ficamos sentados, observando. Atrás dele, o treinador Stashower segurava uma prancheta e esperava.

— Nosso trabalho sofreu um baque — disse o treinador Grady. — Como a maioria de vocês já sabe, Troy foi suspenso do time. Ele tem o direito de apelar, e apelou, mas nesse meio-tempo não vai ter permissão de treinar nem de jogar com o time. Troy era um de nossos capitães. Na ausência dele, que vai durar toda a temporada se a decisão não for revista depois da apelação... e francamente não conheço ninguém que já tenha conseguido isso... Brandon vai ser nosso único capitão.

Todos os olhares se voltaram para Brandon, que ficou de cabeça erguida, o rosto imóvel.

— Além disso, a família do Buck decidiu que seria melhor que ele fosse morar com a mãe, por isso não vai estar com a gente nesta temporada. Isso significa que dois jogadores do último ano, os dois titulares e líderes do time do ano passado, não vão jogar com a gente nesta temporada. Acho que não preciso dizer o tamanho desse golpe para o nosso programa.

O treinador Grady ajeitou o boné na cabeça e soltou um longo suspiro.

— Mas muitas vezes a vitória vem da adversidade. Nós podemos desistir ou podemos enfrentar o desafio. Para muitos de vocês, há uma oportunidade para se destacar. Para nós, como time, podemos deixar que esses reveses despedacem tudo... ou nos tornem mais unidos. Podemos nos juntar ou nos desfazer.

Ele pôs o pé no banco mais baixo, apoiou-se no joelho e se demorou alguns segundos examinando o rosto de cada um.

— Acredito em todos vocês. Acredito nesse time. E acredito que ainda podemos alcançar grandes feitos nesta temporada.

Silêncio absoluto.

— Certo, pessoal, deem três voltas e comecem o treino de triangulação.

Vamos.

Ele bateu palmas e nós começamos.

O treino não correu bem. Se eu esperava que a derrocada do Troy fosse me ajudar, estava tremendamente enganado. No mínimo, o resto dos caras parecia sentir mais raiva ainda de mim, como se a culpa fosse minha.

Eles me ignoravam. Faziam passes para os meus pés. Alguém me deu uma cotovelada feia. Lutei o tempo todo e joguei duro, mas parte de mim queria apenas desistir.

Ao término do treino, eu estava completamente suado, mas não queria ficar perto daqueles caras um segundo a mais do que o necessário. Já ia sair quando Brandon veio correndo atrás de mim.

— Mickey?

Eu me virei para ele.

— A gente precisa conversar.

— Ahn, está bem. Agora?

Ele chegou mais perto.

— Vamos esperar os outros caras saírem. Não quero que eles vejam a gente.
Vá tomar banho, se vestir, pode demorar.

Eu obedeci. Todo mundo me evitou, lançando-me olhares mortais.

Meia hora depois, Brandon e eu éramos os únicos ainda no vestiário.

— Pode falar — disse eu.

Brandon olhou para os lados.

— Aqui, não — sussurrou. — Venha comigo.

— Para onde?

— Venha comigo.

Ele segurou a porta aberta, me convidando para o corredor silencioso.

Não gostei daquilo. Os jogadores e treinadores tinham ido embora. Todos os professores também. Nossos passos ecoavam.

— Você sacou o que está acontecendo, não sacou? — perguntou Brandon.

— O quê?

— O motivo de os caras do time estarem com raiva de você.

— Não.

— Pense bem.

Pensei. Continuei sem sacar.

— Você entra para o time — explicou Brandon. — E de repente o Troy aparece com um resultado positivo no exame antidoping.

— O que é que tem? — E depois: — Espere aí, o pessoal acha que eu tive alguma coisa a ver com isso?

Brandon assentiu.

— A gente conhece o Troy há anos. Ele é um monte de coisas. Mas não é criminoso.

— Então o quê? Eles acham que eu batizei a urina dele ou algo assim?

Brandon me encarou.

— Você batizou?

— Pirou de vez?

— Batizou?

— Claro que não. Sério, mesmo que eu quisesse, como iria conseguir?

Brandon deu de ombros.

— Você tem acesso à escola.

— Que papo é esse?

— As pessoas sabem que você é amigo do filho esquisito do zelador.

Ele estava falando do Colherada. Eu já ia defender o Colherada, argumentar que ele não era esquisito, mas me lembrei de uma coisa:

Colherada era esquisito. Esquisito de um jeito maravilhoso. Mas não deixava

de ser.

— Ele tem chaves, certo? Ele poderia colocar você nos lugares.

— Para alterar os exames antidoping? Isso é loucura.

— É? Vocês estiveram aqui com traficantes na semana passada. O filho do zelador levou um tiro, certo?

— Certo, mas...

— Está acontecendo um monte de coisas malucas nesta cidade desde que você se mudou para cá. E, de algum modo, Mickey, você sempre parece estar no meio.

Agora estávamos num corredor escuro. Aquilo não me agradava.

— Aonde a gente vai, Brandon?

— Estamos quase chegando.

Quando alcançamos o fim do corredor, escutei uma voz familiar:

— Olá, Mickey. Obrigado por ter vindo.

Era o Troy.

CAPÍTULO 12

DEI DOIS PASSOS ATRÁS E PENSEI em como reagir.

Poderia sair correndo. Poderia ficar e lutar. Não estava com medo. Era muito bom com os punhos, mas tinha no mínimo dois adversários. Poderia haver mais deles por perto. Eu também poderia partir para cima de um, dar um golpe rápido e sair em disparada pelo corredor.

Mas nem Troy nem Brandon se moveram na minha direção. Ficaram imóveis, se olhando, nervosos, depois me encararam.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— A gente precisa conversar — explicou Brandon. — Só isso. Conversar.

— Você vai começar de novo com aquele absurdo de que eu armei para cima do Troy?

— Não — respondeu Troy. — Eu não acreditei nisso nem por um segundo.

Pela primeira vez desde que tínhamos nos conhecido, Troy Taylor não estava me olhando com hostilidade explícita. Não estava dizendo que eu era um homem morto. Não estava mugindo para Ema. Parecia um ser humano real.

— Preciso da sua ajuda, Mickey.

— Minha ajuda?

Brandon se adiantou.

— Tudo aquilo que eu disse antes. Que você podia invadir a escola. As coisas todas em que você se envolveu.

— O que é que tem?

Troy e Brandon se entreolharam.

— Você é bom em coisas assim.

— Do que vocês estão falando?

— Qual é, Mickey? — disse Troy. — Meu pai é o chefe de polícia aqui, lembra?

Cara, e como eu lembrava! O chefe Taylor provavelmente me odiava mais do que o filho dele.

— Ele me falou que você estava fazendo sua própria investigação quando aquela garota, a Ashley, sumiu. Disse que você dirigiu um carro e invadiu uma boate lá em Newark. Sei que você ajudou Rachel a descobrir quem atirou nela e na mãe dela. Você estava aqui, nesta escola, quando aqueles bandidos atiraram, e saiu do lado vencedor.

Lado vencedor..., pensei. Colherada estava parcialmente paralisado no hospital e Rachel estava arrasada. Belo lado vencedor.

— Ainda não sei aonde você quer chegar.

Troy olhou para Brandon, que sinalizou com a cabeça para ele continuar.

— Você é uma espécie de detetive adolescente — explicou Troy. —

Preciso da sua ajuda.

— Ajuda com o quê?

— Preciso que você me ajude a provar que não tomei esteroides.

— Eu? — Encarei Brandon, depois Troy. — Está brincando, né?

— Apenas escute o que ele está falando — pediu Brandon.

— Eu não fiz isso, Mickey. Juro.

Eu ainda não conseguia acreditar no que ouvia.

— Em primeiro lugar, Troy, não acredito em você. Mas, mesmo se acreditasse, você só pegou pesado comigo desde que cheguei. Você sacaneia meus amigos. Tentou me machucar no treino.

— Sei disso. E peço desculpas.

— Não é o suficiente.

— Mickey?

— O quê?

Troy abriu os braços.

— Nós somos colegas de time, não somos?

Fiquei em silêncio.

— É isso que os colegas de time fazem. Ajudam uns aos outros. Tipo família. É verdade, Mickey, talvez você seja o astro este ano. Talvez até marque mais pontos do que eu. Não sei. Mas você sabe que o time vai ter mais chance de vencer o campeonato estadual se eu estiver nele.

Arrastei os pés no chão.

— Isso não é da minha conta — repliquei.

— Mickey, olhe para mim um segundo. Certo? Olhe pra mim.

Obedeci.

— Desculpe — falou Troy. — Eu estava pegando no seu pé porque você é novo na escola, só está no segundo ano e, certo, talvez eu estivesse com ciúme. Quero dizer, você acabou de chegar na escola e já é um tremendo astro do basquete e, bom, minha garota já está passando mais tempo com você do que comigo.

Eu já ia retrucar alguma coisa, mas Brandon balançou a cabeça, me dissuadindo.

— Então eu estou aqui — concluiu Troy —, pedindo sua ajuda.

Eu não sabia direito como responder. Dei um passo atrás.

— Como você disse, seu pai é o chefe de polícia. Peça ajuda a ele.

— Ele não vai ajudar.

— Claro que vai.

— Preciso de alguém com a sua capacidade. Preciso de alguém que saque, que faça parte do time.

Quase engoli o papo naquela hora: a ideia de um time. Mas então me lembrei de tudo. De como ele fazia ameaças e implicava com o Colherada, de como

agarrou o laptop de Ema, armou para mim e quase fez com que eu fosse expulso do time, de como ele gritava “muuuu” e morria de rir sempre que Ema passava por ele no refeitório.

— Desculpe — repetiu Troy, e estendeu a mão. — Não podemos começar do zero?

— Preciso ir.

— Mickey... — começou Brandon.

— Essa batalha não é minha, Brandon. Você vive dizendo como eu me intrometi nessas coisas. Dessa vez vou ficar de fora.

Virei as costas e adentrei o corredor.

CAPÍTULO 13

BRANDON LOGO ME ALCANÇOU.

— Muito frio — disse ele.

— Está uns 15 graus lá fora.

— Rá, rá. Estou falando de como você dispensou o Troy.

— Fala sério! Você estava lá quando ele jogou a bola na minha cara. Há quanto tempo foi isso? Ah, certo. No último treino.

— Ele estava com ciúme. E explicou isso a você. Não dá para entender?

Você passou a vida viajando. Não sabe como é morar numa cidade como esta. As pessoas esperam coisas da gente. E para o Troy, bom, ele tem sido o melhor jogador de basquete da cidade. O pai dele é o chefe de polícia. Ele tinha uma namorada fantástica. É, eu sei, você não a roubou. Mas de repente alguém aparece e ameaça tudo o que ele se esforçou para conseguir. Você não tem nenhuma compaixão?

Refleti um pouco.

— Ele foi cruel com meus amigos.

— Porque eles são uma extensão de você.

De novo uma desculpa.

— E, sério, Brandon, o que eu posso fazer? O pai dele é que deveria ajudar.

— O pai dele não vai ajudar.

— Por quê?

— Porque não acredita nele.

— O quê?!

— Isso mesmo. Até o pai o abandonou. Acha que o filho trapaceou. O chefe Taylor quer ver se o Troy consegue voltar ao time por outros caminhos, sabe, pedir desculpas, dizer que foi a primeira vez. Mas Troy não quer. Ele quer ter o nome limpo. Quer que a verdade venha à tona.

Eu não sabia o que dizer.

— Tem outra coisa que você também deveria considerar — disse Brandon.

— O quê?

— Seus colegas de time, gostando ou não, acham que você teve alguma coisa a ver com a suspensão do Troy.

— Mas até o Troy disse que eu não tive nada a ver com isso.

— E talvez ele fale isso aos outros. Ou talvez não? Quem sabe ele vai se perguntar por que você rejeitou a oferta de paz e o enxotou? Quem sabe ele vai começar a pensar que os outros caras estão certos com relação a você?

Fiquei em silêncio.

— Saca o que estou dizendo?

— Acho que sim. Parece chantagem. Ajude o Troy ou fique parecendo o cara

que armou para cima dele.

— Isso é exagero. É mais tipo: ajude o Troy e pareça o colega de time com quem os outros caras querem jogar. Pareça o tipo de colega que os outros caras respeitam e querem ter por perto. Pareça o tipo de colega que defende o capitão, mesmo numa situação difícil.

— Uau.

— O quê?

— Não é de espantar que você seja sempre eleito o presidente da turma.

Brandon sorriu e pôs a mão no meu ombro.

— Ajude o Troy, Mickey. Ajude você mesmo. Ajude o seu time.

E como sou um completo idiota, eu aceitei.

CAPÍTULO 14

EMA NÃO GOSTOU NEM um pouco.

— Ficou maluco?

Estávamos entrando no saguão do hospital, indo para o quarto do Colherada.

— Se você me ouvir por um segundo...

— Ah, eu ouvi. Você quer ajudar o Troy Taylor! A porcaria do Troy Taylor!

— Ela abriu os braços. — Não há nenhum serial killer que precise da sua ajuda?

— Esqueça. Vou fazer isso sozinho, certo?

— Não, não está certo. Nós trabalhamos juntos. É assim que funciona. E temos problemas mais urgentes, muito obrigada.

— Quer dizer, o seu namorado? — tentei falar sem parecer sarcástico.

— Você está sendo sarcástico?

Eu tentei.

— Seria perda de tempo, de qualquer modo — disse Ema.

— Por quê?

— Porque você sabe que o Troy é culpado.

— Um monte de gente acha que não é.

— Tipo quem? O Brandon? Olha, o Brandon é um cara legal, mas sempre esteve sob o feitiço do Troy.

— Talvez eu precise fazer isso.

— Precise?

— Para me ajudar.

— Ajudar como?

— Ajudar a fazer com que os meus colegas de time olhem para mim de outro modo.

Ela piscou, surpresa.

— Você está falando sério?

— Eles me odeiam, Ema. Todos eles.

— E você acha que ajudar o Troy vai fazer o que exatamente? Vai fazer todos os atletas acharem que você é descolado?

— Não.

— Porque, se você quer ser descolado, o melhor a fazer é dispensar as pessoas que não são descoladas e estão perto de você.

— Quer parar?

Entramos no elevador.

— Ainda não entendo — continuou Ema. — O que você quer ganhar com isso? Abri a boca, fechei, tentei de novo. Não adiantava. Ela não entenderia.

— Você sabe o que o basquete significa para mim?

Ema me encarou e se aproximou um pouco. Senti meu corpo ficar mais

quente.

— Sei, claro.

— Não é possível ser um pária no time. Não é possível ser o solitário numa mesa de canto.

— Quer dizer, que nem eu?

— Não, quero dizer que nem *nós*. O basquete é um esporte coletivo.

Essa é a beleza dele. Eu quero fazer parte do grupo. É por isso que eu queria que meus pais se estabelecessem num lugar. Para eu poder jogar num time de verdade. Para eu saber como é fazer parte de uma equipe e tudo o que acompanha isso.

Não consegui falar mais nada porque a emoção chegou de repente. E se eu não tivesse querido isso? E se eu tivesse ficado de boca fechada? Será que meu pai estaria vivo? Será que minha mãe teria se mantido longe das drogas?

Será que meu desejo de fazer parte de um time de verdade havia destruído tudo?

— Sei que é isso que você quer, Mickey — disse Ema numa voz bem suave. — Entendo. Mas ajudar o Troy...

— Vai mostrar a todo mundo que eu estou disposto a fazer *qualquer coisa* para ser um bom membro do time.

Ema balançou a cabeça, mas não questionou.

Chegamos ao quarto do Colherada. Ninguém estava por perto, por isso bati de leve e empurrei a porta.

— Sabia que as formigas se espreguiçam quando acordam de manhã?

Eu sorri. O bom e velho Colherada.

— Ah, e estou falando do inseto. Não do meu primo Formiga. Ele nunca se espreguiça.

Imaginei que uma enfermeira ou um médico estaria ali se regalando com seus fatos aleatórios, mas quando vi quem era, estaquei.

Era Rachel.

Colherada sorriu para nós da cama.

— Fantástico — comentou ele. — Estamos todos aqui.

Rachel cumprimentou Ema com um abraço rápido, mas só meneou a cabeça para mim e se virou. Ema me olhou, confusa. Em geral, Rachel era muito mais amigosa comigo, mas, claro, Ema não sabia da conversa em que eu tinha contado a verdade sobre a mãe dela.

— Somos quatro — disse Colherada. — Sabiam que muitas culturas asiáticas acham que o número quatro dá azar? É porque, em japonês, “quatro” soa igual a “morte”.

Ele empurrou os óculos nariz acima.

— Bizarro, não é?

Ema suspirou.

— Descobriu alguma coisa sobre Jared Lowell?

Antes que ele pudesse responder, a porta atrás de nós se abriu. Uma enfermeira com uniforme rosa entrou. Não pareceu satisfeita em nos ver.

— O que é isso?

Colherada abriu os braços.

— Minha rapaziada.

— Sua o quê?

— Minha rapaziada. Esses aí são minha galera, minha turma, meu bando...

— São da família?

— Mais do que da família. São minha galera, minha turma, meu bando...

A enfermeira não engoliu.

— Você só tem direito a um visitante que não seja da família de cada vez, Arthur. E sabe disso.

Colherada franziu a testa.

— Mas ontem eu tive dois.

— Então alguém violou as regras. Preciso que dois de vocês saiam deste quarto imediatamente.

Nós nos olhamos sem saber o que fazer. Colherada cuidou da situação.

— Vou falar com vocês três separadamente, mas... e espero que as damas adoráveis não considerem que isso seja sexista de nenhum modo... primeiro Mickey e eu precisamos de uma conversa de homem para homem.

Ele piscou para mim. Tentei não franzir a testa. Percebi que Ema não gostou daquilo. Ela era a mais interessada em encontrar Jared Lowell.

— Eu posso esperar — falei. — Você e Ema podem ir primeiro.

Ele me olhou com intensidade, tentando passar uma mensagem. Então notei que o botão de chamada estava perto da mão direita dele. Imaginei se ele é que teria apertado, se era esse o motivo para a enfermeira ter aparecido de repente.

A enfermeira bateu palmas.

— Certo, senhoras, vocês ouviram o chefe. Vamos deixar os dois sozinhos para o papo de macho.

Ela gesticulou em direção à porta, conduzindo Ema e Rachel até o corredor.

Colherada e eu ficamos sozinhos.

— Você chamou a enfermeira? — perguntei.

— Chamei.

— Por quê?

— Queria mostrar a você o que descobri antes de contar para a Ema.

— Por quê? Ele é uma fraude, não é? O tal Jared Lowell.

— Não. O namorado dela, Jared, é muito real. Talvez real demais.

— Como assim?

Colherada apertou o botão perto da cama para poder se sentar mais perto.

A residência de Jared Lowell é em Massachusetts, um lugarzinho chamado ilha

Adiona.

— Mentira Número Um.

— O quê?

— Ele disse a Ema que mora em Connecticut.

— Bom, ele mora. Por isso usei a palavra *residência*. Na verdade, Jared Lowell mora na escola Farnsworth, um internato chique em Connecticut. Só para garotos. Eles precisam usar paletó e gravata todo dia. Dá para imaginar? Acho que isso estragaria meu estilo fashion. Normalmente sou conhecido na escola como um cara garboso, certo?

— Garboso?

— Elegante. Eu me visto com elegância, não acha?

Para manter o Colherada nos trilhos, respondi:

— Acho.

— De qualquer modo, Jared Lowell tem 17 anos e está se formando.

Tem mesmo um perfil no Facebook, mas quase nunca usava, pelo menos até recentemente. Depois que ele, ahn, desapareceu, tirou quase todas as fotos da página. Você já sabe disso, certo?

— Acho que sim.

— Então você viu alguma foto dele?

— Só a do perfil.

— Provavelmente não sabe que ele é alto.

Não entendi a importância disso.

— Certo...

Colherada me olhou nos olhos.

— Nem que ele tem 1,93 metro.

A minha altura.

— Certo...

— Nem que ele joga basquete. Na verdade, ele é o maior pontuador do time da escola, com uma média de dezenove pontos por jogo.

— Certo...

— Nem que o pai dele está morto, logo ele só tem a mãe.

Parei de dizer “certo”.

— Você notou que o Jared meio que se parece com você?

— Ele não se parece comigo.

— Ele é mais do tipo bonitinho. Você é mais fortão. Mas é, Mickey, existem semelhanças. Um monte.

— Aonde você quer chegar, Colherada?

— A lugar nenhum. Só acho interessante a Ema ficar a fim de um cara que poderia ser... bem... você.

Não falei nada.

— Mickey?

— O que você quer que eu diga, Colherada? Nós dois somos altos e jogamos basquete. Eu não estudo numa escola chique. Só estou no segundo ano, e não no último. Não moro com minha mãe, ela está numa clínica de reabilitação, lembra?

Colherada assentiu.

— Tudo isso é verdade.

— E esse negócio ainda me cheira a alguma enganação. Você conseguiu confirmar que o Jared Lowell é real?

— Consegui. Existem matérias sobre ele como jogador de basquete, até com fotos e estatísticas. Ele é real.

— Ainda estou achando que é enganação. Todas as coisas que você disse, certo, existem semelhanças. Então alguém, talvez o Troy, o Buck ou algum outro panaca, encontrou esse cara na internet e fez uma página falsa no Facebook...

— Não — interrompeu Colherada.

— Por quê?

— O perfil do Facebook existe há quatro anos. É meio difícil explicar, mas o provedor de internet original é da ilha Adiona, onde ele mora. E ele usou o perfil. Não muito. Ele não faz muito o tipo Facebook. Mas as postagens obviamente não são falsas.

— Então Jared Lowell é real?

— É.

— E a página do Facebook é dele?

— É.

Ergui as mãos com as palmas para cima.

— Então onde ele está?

— Normalmente eu diria que não é um grande mistério.

— Como assim?

— Quero dizer que não existem matérias nem indicações de que ele tenha sumido. Imagino que esteja na escola. Se ele tivesse sido ferido ou se tivesse desaparecido, acho que existiria alguma coisa na internet, não é?

— É.

— Só sabemos com certeza que ele não está usando o perfil e parou de se comunicar com Ema. Normalmente eu diria que isso não é da nossa conta. Por algum motivo, ele decidiu que Ema não era para ele e, bom, foi muito pouco cavalheiro ao não informar a ela.

— Por que essa situação não se encaixa em “normalmente”?

— Porque nada que tenha a ver com a gente é normal, Mickey. Você sabe disso.

Eu sabia.

— E, ainda que muitas fotos tenham sido tiradas do perfil dele no Facebook, só uma foi acrescentada depois que ele parou de falar com Ema.

Confirmei com a cabeça.

— A borboleta *Abeona*.

— Certo.

Suspirei.

— Então precisamos olhar isso direito.

— Certo de novo. A não ser...

— A não ser o quê?

— Nós temos nossos inimigos, não é, Mickey?

Pensei no paramédico com cabelo cor de areia e olhos verdes. Ele tinha levado meu pai para longe do acidente de carro. Havia incendiado a casa da Dona Morcega — o quartel-general do Abeona — comigo dentro.

— Temos.

— Jared Lowell poderia ser outro. Isso poderia ser uma armadilha.

Colherada devia estar certo. Mas acabei tendo uma ideia.

— Você se lembra disso?

Entreguei a ele uma velha foto em preto e branco. Dona Morcega tinha me dito que o homem que estava no retrato, vestindo uniforme nazista, era o Carniceiro de Lodz, um horrendo criminoso de guerra que matou centenas, talvez milhares de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial.

Mas não era. Pelo menos não totalmente.

O rosto pertencia ao paramédico de cabelos cor de areia e olhos verdes.

Durante muito tempo, eu havia ficado perplexo com isso: como um nazista da Segunda Guerra podia ter sido o paramédico que levou meu pai para longe? Mas às vezes a resposta mais simples está tão perto que a gente não enxerga.

Dona Morcega havia usado o Photoshop para colocar o rosto do paramédico no corpo do Carniceiro de Lodz.

Eu ainda não tinha ideia de quem ele era.

— Claro — respondeu Colherada. — O que é que tem?

Pus o dedo no rosto do homem da foto.

— Você sabe que ele não é o Carniceiro de Lodz, certo?

— Certo.

— Existe algum modo de você descobrir quem ele é?

Colherada examinou a foto e assentiu lentamente.

— Talvez exista. Deixe eu trabalhar nisso, tudo bem?

— Tudo bem.

Colherada pôs a foto na gaveta da mesinha de cabeceira.

— É melhor deixar Ema entrar. O que devo contar a ela?

— A verdade.

Olhei para meu amigo, paralisado da cintura para baixo naquela cama.

Eu tentava bloquear os pensamentos sobre aquilo. Era o único modo de me segurar. Mas, de repente, senti as lágrimas brotando de novo. Colherada me

encarou e depois virou o rosto.

— Arthur?

— Não me chame assim.

— Colherada?

— O quê?

Engoli em seco.

— Como você está? De verdade.

Ele me deu seu sorriso.

— Fantástico!

Só olhei para ele e esperei. O sorriso sumiu.

— Para dizer a verdade, estou meio apavorado.

— É. Dá para ver.

Silêncio.

— Mickey?

— Hein?

— Depois que eu falar com as garotas, você acha que pode ficar um pouco no meu quarto?

Me contive para não chorar.

— O tempo que você quiser.

CAPÍTULO 15

EMA ENTROU EM SEGUIDA, deixando Rachel e eu sozinhos pela primeira vez desde que eu contara a verdade sobre a morte da mãe dela. Durante alguns minutos, um evitou o olhar do outro. Eu me sentia ridiculamente sem jeito, arrastando os pés, assobiando de um modo falsamente casual.

Não fazia ideia do motivo para eu assobiar daquela forma, mas era isso que eu estava fazendo. Comecei a me balançar nas pontas dos pés. Minhas mãos pareciam enormes e eu não sabia o que fazer com elas. Enfiei-as nos bolsos.

Rachel era linda. Todo mundo a achava perfeita. Na nossa escola ela era A Garota, mas eu tinha descoberto com frequência que “a gata do ensino médio” muitas vezes pode ter uma aparência meio vazia, padronizada, uma espécie de fórmula. Que, quando você é considerada gata universalmente, essa “gaticice” também pode ser sem graça.

Não era o caso. A beleza de Rachel era, bom, interessante.

Fui hesitante para perto dela, meio esperando que ela balançasse a cabeça para eu ir embora de novo. Ela estava com um perfume fantástico, uma mescla de madressilva e lilás.

— Ei — falei, porque sou descolado.

— Ei.

— Você está legal?

— Numa boa.

Silêncio.

— Desculpe.

— A culpa não é sua.

— Seu pai achava que era melhor você não saber a verdade. Ele não queria que eu contasse o que aconteceu com sua mãe.

Rachel inclinou a cabeça.

— E por que você contou?

Eu não esperava que ela perguntasse isso. Pensei que iria receber crédito por ter sido honesto, mas ela estava me lançando um olhar penetrante, querendo uma resposta.

— Foi uma coisa que o meu tio disse.

— Seu tio Myron?

— É.

— O quê?

— Tinha a ver com mentiras. Mesmo quando elas são para o bem de uma pessoa.

— Continue.

— Não lembro as palavras exatas, mas ele disse que, independentemente das

intenções, a mentira nunca abandonaria a gente.

Rachel aquiesceu. Eu queria perguntar mais. Queria saber como o pai dela havia reagido, mas não tinha o direito de questionar. Ficamos mais alguns segundos em silêncio.

— Fiquei surpreso quando vi você aqui — comentei. — O Colherada chamou?

— Não.

— E como você soube que tinha de vir?

— Isto estava no meu armário.

Rachel me entregou um trabalho que fizera para a aula de história da Sra. Friedman. Tinha recebido um A com um comentário da Sra. Friedman:

“Ótimo trabalho!” Mas não era isso que importava e, sim, a imagem que alguém havia carimbado no canto superior direito da primeira página.

A borboleta *Abeona*.

— Você é que fez isso? — perguntou ela.

Suspirei.

— Você sabe que não.

— Então quem foi?

— Não sei. No entanto, todos nós sabemos.

Rachel balançou a cabeça.

— Você está parecendo um biscoito chinês da sorte. — Ela olhou para a porta do Colherada. — Então outro cara sumiu.

— Talvez. O que o Colherada disse a você antes que a gente chegasse?

— Que Thomas Jefferson tinha um tordo de estimação e, quando ficava sozinho no escritório, fechava a porta e deixava o pássaro voar.

Eu sorri.

— E então, quem sumiu?

— Um cara que Ema conheceu na internet. O nome dele é Jared Lowell.

Contei a ela tudo o que sabia.

— Posso fazer uma pergunta pessoal? — perguntei ao final.

— Claro.

— Você e o Troy estão...?

— Não. Você, mais do que todo mundo, deveria entender.

— O quê?

— Ele ama o basquete como *você* ama o basquete.

E o basquete havia sido tirado dele no último ano da escola. Talvez Troy fosse bom a ponto de jogar basquete universitário, até ganhar uma bolsa, e agora tudo tinha ido por água abaixo.

— Você acha que ele fez aquilo? — indaguei.

— Tomou esteroides?

— É. Ele diz que foi armação.

— Isso é possível?

— Não sei. Você conhece bem o Troy ... — Argh. — Quero sua opinião.

— Por que você se importa com o que eu acho?

— Porque ele pediu para eu investigar.

Rachel arregalou os olhos.

— O quê?

— Troy quer que eu prove que o exame estava errado, foi sabotado ou alguma outra coisa.

— Você?

— Essa foi exatamente a minha reação.

Ela balançou a cabeça.

— Uau.

— Então...?

— Não sei. Nunca soube de ele ter jogado sujo. Ele era competitivo demais, claro. Sofre muita pressão e, é, talvez estivesse passando do ponto.

Mas trapaça? Não acredito.

Ela saiu e Rachel entrou. Alguns minutos depois, Rachel reapareceu.

Todos iam embora juntos, mas eu disse que precisava ficar com o Colherada um tempo. Elas entenderam e foram para casa.

Entrei nervoso no quarto, mas Colherada me deixou à vontade imediatamente. A gente riu muito. A vida era engraçada, pensei. Os momentos mais pungentes sempre acabam sendo os mais confusos. Eu me diverti bastante com o Colherada, mesmo de coração partido. O riso pode ser mais intenso quando é misturado com lágrimas.

Estava ficando tarde, mas eu não queria ir embora. Mandeí um torpedo para o tio Myron e expliquei o que estava acontecendo. Ele entendeu: **pegove quando tiver terminado. não se preocupe com a hora.**

Falei para ele não esperar, que eu iria a pé, e desliguei o celular antes que ele pudesse telefonar para argumentar. O tempo passou. Colherada pôs um sitcom na televisão. A certa altura, notei que ele havia parado de falar, uma coisa que nunca acontecia. Olhei para ele.

Colherada tinha caído no sono.

Eu o fiquei observando. Um monte de emoções passou por mim. Não parei nem analisei nenhuma. Só deixei que fluíssem. Senti as pálpebras pesarem. Decidi que iria fechar os olhos por um minuto, não mais, depois me asseguraria de que Colherada estava bem e iria para casa. Pelo menos esse era o meu plano. Descansar os olhos por um segundo.

Não sei quanto tempo passou. Pode ter sido uma hora. Pode ter sido mais. Eu estava sonhando com o acidente que matou meu pai, o som dos pneus cantando, o estrondo do impacto, o voo do meu corpo. Vi meu pai caído no chão, sangrando, olhos fechados, e aquele paramédico, aquela porcária de paramédico com cabelo cor de areia e olhos verdes, me encarando...

Alguém encostou a mão no meu ombro.

— Mickey?

Meu sangue gelou. Acordei com um susto. De volta ao quarto do Colherada. Estava escuro. Ele dormia. A mão permanecia no meu ombro.

Virei o corpo na cadeira e olhei para a enfermeira ao meu lado. Só que, claro, não era uma enfermeira. Eu soube no instante em que escutara a voz.

Era a Dona Morcega.

CAPÍTULO 16

EU TINHA UM MILHÃO DE PERGUNTAS para fazer a ela.

Dona Morcega ficou com a mão no meu ombro. Era ossuda, com manchas de velhice e veias grossas. Ela devia ter bem mais de 80 anos. Eu sabia que devia parar de pensar nela como Dona Morcega. O nome verdadeiro dela era Elizabeth Sobek. Sua família inteira morrera durante o Holocausto, mas a jovem Lizzy havia salvado um grupo de crianças da morte certa num campo de concentração. Depois disso, a famosa adolescente tinha virado uma combatente da resistência à ocupação nazista.

Ninguém ouvira falar dela de novo.

A maior parte dos livros de história acredita que ela foi morta durante a Segunda Guerra Mundial.

A maior parte dos livros de história está errada.

— Você está bem? — perguntei.

Na última vez que eu havia estado na casa dela, o paramédico incendiara a construção até os alicerces. Desde então, eu não a tinha visto.

— Estou.

Ela assomou acima de mim, parecendo maior e mais forte do que no passado. Talvez porque tinha trocado a camisola velha, branca e comprida por um uniforme do hospital. O cabelo grisalho, que normalmente descia até abaixo dos ombros, estava preso num coque.

Ela foi até a frente da cama do Colherada e verificou o prontuário dele.

Seu rosto ficou sério.

— Você não pode fazer alguma coisa? — perguntei. — Ele não consegue andar.

— Não sou médica, Mickey.

— Mas não pode...

— Não. — Ela foi até a cabeceira do Colherada. Estendeu a mão e acariciou o cabelo dele. — Sinto muito.

— Isso não basta.

— Nunca basta.

— A culpa é sua.

— Talvez — Ela se virou para mim. — Nós salvamos muitos, mas sempre há um preço.

Fiz um gesto na direção da cama.

— Não deveria ser ele a pagar.

Ela quase sorriu.

— Quer me fazer um sermão sobre como a vida é injusta, Mickey?

— Não. — Eu me remexi na cadeira. — Onde você esteve?

— Não importa. — Ela olhou para Colherada. — Ele está destinado a grandes coisas, sabe?

— Então ele vai ficar bem?

— Eu não disse isso. — Ela me encarou. — Minha casa se foi.

— O paramédico. Ele queimou tudo.

— Eu sei.

— Ele tentou me matar.

Ela ficou em silêncio.

— Ainda não entendo. — Abri a gaveta da mesinha de cabeceira e peguei a velha foto. — Por que você me deu isso?

Ela permaneceu calada.

— A senhora disse que era o Carniceiro de Lodz— continuei, tentando controlar a raiva. — Mas não é. Quero dizer, o corpo é, acho. Mas o rosto... é o paramédico que falou que meu pai estava morto. Por que você me deu isso?

— O Carniceiro de Lodz matou minha família.

— Eu sei.

— Esse homem... Ele é o seu Carniceiro.

Balancei a cabeça.

— Então ele é o quê, meu inimigo?

Ela não disse nada.

— E ainda não entendo por que a senhora pôs o rosto dele nesse corpo.

— Foi um teste.

— Como assim?

— Eu queria ver sua reação. Precisava ver se você estava do nosso lado.

Ou do lado dele.

— Espere, isso não faz sentido. Quem é ele?

— Na última vez que você esteve na minha casa, você foi ao andar de cima, certo?

Eu assenti.

— Viu o Corredor dos Resgatados.

— É assim que você chama aquilo?

— Você viu?

Eu tinha visto. Quando subi a escada da casa velha, o corredor estava coberto de fotos de crianças. Centenas, milhares, talvez dezenas de milhares. Estavam em toda parte, subindo pelas duas paredes, grudadas no teto. Havia camadas sobre camadas. Algumas em preto e branco. Algumas coloridas. Eram tantas que não dava para ver as paredes nem o teto.

Só fotos.

Crianças desaparecidas. Risque isso: crianças resgatadas.

— As fotos foram queimadas no incêndio — falei.

— Eu sei.

— Ainda não entendo. O que as fotos têm a ver com o cara?

— Se você tivesse tido tempo de estudar o corredor com mais atenção, talvez encontrasse a foto de um menininho de cabelo cor de areia e olhos verdes.

Franzi a testa.

— Ele foi uma das crianças que você resgatou?

— Eu, não.

— Então quem?

Ela ficou me encarando.

— Meu pai?

Ela não respondeu. Não precisava.

— Meu pai resgatou esse cara? — Abri a boca, mas não saiu nenhuma palavra. Fechei-a e tentei de novo: — Mas como ele é meu inimigo?

— Ele é uma coisa pior do que isso — disse ela devagar.

— Ele provocou o incêndio. Quase me matou.

De novo ela ficou em silêncio.

— Ele matou meu pai?

— Não sei. Você falou que ele estava lá.

— Ele era o paramédico.

— E levou o seu pai?

— Sim.

Ela se virou e olhou para o Colherada.

— É só isso que eu sei.

— Do que você está falando? — Eu podia ouvir a raiva na minha voz. —

Na primeira vez que a vi, você saiu de casa e disse, na bucha, que meu pai estava vivo. Não lembra?

— Lembro — respondeu baixinho.

Ela fechou os olhos.

— Quando ouvi falar do acidente de carro do seu pai, chorei. Nós nos acostumamos com a morte e o preço a se pagar. Já expliquei isso. Mas seu pai tinha salvado um número muito grande. Sua mãe também. Eles dedicaram a vida à nossa causa e irritaram muita gente do mal. Mas, ainda assim, quando ouvi falar sobre o seu pai, acreditei que era só um acidente trágico. Não tinha ideia de que o Luther estava envolvido.

— Luther? É o nome dele?

Ela pegou a foto da minha mão.

— Eu deveria saber, Mickey. Acidentes acontecem, claro, mas, com gente como nós, é bem provável que algo mais perverso aconteça. Eu estava errada.

— O que fez você mudar de ideia?

Ela apenas me encarou.

— O que fez você suspeitar que esse tal Luther estaria envolvido?

A velha senhora sorriu e, por um segundo, vi a criança que ela fora.

— Você não acredita em magia, não é, Mickey?

Ah, faça-me o favor, pensei.

— Não.

— Nem eu. Já vi sofrimento demais para acreditar nos supersticiosos. E, no entanto...

Esperei. Como ela não falou nada, tentei uma nova abordagem:

— Quem é esse tal Luther? Qual é o sobrenome dele?

— Não sei.

— Como a senhora pode não saber?

Ela deu de ombros.

— Nós nos preocupamos com o resgate, não com o nome.

— Mas meu pai o resgatou?

— Sim.

— E depois a senhora pensou...

— Que seu pai tinha morrido num acidente de carro.

— O que fez a senhora mudar de ideia? — perguntei de novo.

— Você não vai acreditar. Eu também não acredito. Mas creio que existem algumas coisas que a gente ainda não consegue entender, que estão além da nossa capacidade de compreensão. Às vezes, explicar como o Universo funciona é como ensinar um leão a ler. A leitura é real. O leão é real. Mas ele nunca vai ler.

Descartei a analogia, mas ao mesmo tempo entendi.

— E o que aconteceu? — perguntei.

— Minha geladeira tinha pifado.

— Ahn?

— Era uma geladeira antiga. Fazia um zumbido alto. Mas ela estava comigo havia muito tempo. Eu gostava dela. Até o barulho me confortava.

Me contive para não suspirar.

— Srta. Sobek?

— Lizzy.

— O quê?

— Me chame de Lizzy.

— Certo, ótimo. Lizzy, eu perguntei sobre o tal Luther e o meu pai.

— E estou respondendo. Precisa ser paciente, Mickey. Onde eu estava?

— Você amava sua geladeira barulhenta — lembrei, tentando não transparecer sarcasmo.

— Ah, certo. Obrigada. É, minha geladeira. Estou com ela há,ahn, não sei. Muitos, muitos anos.

— Fascinante — ironizei, sem conseguir evitar.

Lizzy me ignorou.

— Um dia a geladeira pifou, por isso chamei o técnico. Isso foi há,ahn, não sei.

Há uns dois meses.

— Certo — falei, só para fazê-la continuar.

— E ele disse que viria entre o meio-dia e as cinco da tarde. É assim que esses técnicos fazem. Não informam uma hora específica, como antigamente. Dão um período de tempo. A gente precisa ficar sentada e esperar, mas, enfim, eu não tinha aonde ir.

Senti vontade de arrancar as palavras de sua boca, mas acho que ela precisava seguir no próprio ritmo.

— Bom, de qualquer modo, eu fui para o andar de baixo. Gosto de ficar sentada na sala e ouvir minha vitrola. Ouço o dia inteiro. Sei que é engraçado para uma velha, mas adoro o rock antigo. The Who. Rolling Stones. Tenho o *Pet Sounds*, dos Beach Boys. Já ouviu?

— Já.

— Gosta?

— Muito.

— Eu também. Minha banda predileta é HorsePower. Você conhece?

— É a predileta da minha mãe.

— Eu sei. — Ela sorriu. — Mas, naquele dia, eu queria ter certeza de ouvir a campainha. Não queria perder o técnico. Por isso não botei a música. Fiz uma xícara de chá e me sentei à mesa da cozinha para esperar a chegada do técnico. Pareceu demorar uma eternidade.

— Sei como é — murmurei.

— O quê?

— Deixa pra lá. Você estava esperando o técnico.

— É. E caí no sono. Bem na mesa da cozinha. Não sei por quê. Nunca cochilo durante o dia. Mas estava cansada, acho. Ou talvez tenha sido porque a geladeira estava silenciosa. Ou porque não havia música tocando.

Não sei explicar, mas caí no sono. E foi então que escutei.

— O quê?

— No meu sono. No sonho, acho. Escutei a voz do seu pai.

Me esforcei para não fazer uma careta.

— Num sonho?

— Talvez.

— E... ahn... o que ele disse?

— Não pude ouvir muita coisa. Estava muito abafado. Mas sabia que a voz era dele. Consegui identificar a palavra *Luther*. Praticamente só isso.

Mas ele parecia estar em apuros. Sua voz demonstrava pânico. Uma batida à porta me acordou: o técnico tinha chegado.

Não pude acreditar no que estava escutando.

— E foi por isso que a senhora pensou que meu pai estaria vivo?

— Foi.

— Porque escutou uma voz?

— A voz dele.

— Durante o sono?

— É.

Eu não sabia o que dizer.

— Mickey?

— O quê?

— Você conhece o destino da minha família, claro. Da minha mãe. Do meu pai. Do meu querido irmão.

Assenti.

— Todos estão mortos — continuou ela. — Por isso eu sei.

— Sabe o quê?

— Sei que os mortos nunca falam comigo.

Em algum lugar ao longe, ouvi os bipes das máquinas do hospital.

— Nem uma vez — prosseguiu ela. — Todas aquelas mortes, todos aqueles anos, todos aqueles fantasmas. Mas eles nunca falam comigo. Quer revirar os olhos porque a velha escuta vozes? Entendo perfeitamente. Mas, como aprendi, não podemos explicar tudo. Pelo menos por enquanto. Sei o que ouvi. Ouvi o seu pai. Ele me alertou com relação ao Luther. — Houve uma pausa. — E agora o Luther voltou, não é? Logo, talvez eu não seja tão maluca.

Silêncio. Por alguns instantes, ficamos imóveis. Por fim, falei:

— Foi por isso que a senhora usou o Photoshop para colocar a cabeça dele na foto do tal nazista?

— Truque fotográfico. É.

— Queria ver minha reação? Para saber se eu conhecia o Luther?

— É.

— A senhora achou... o quê? Que eu estava trabalhando com ele?

— Não sei. Mas ele esteve lá. Você disse que ele levou o seu pai embora.

— Levou. Mas papai resgatou o Luther, certo?

— Sim.

— E por que esse tal Luther iria querer fazer mal a ele?

— As coisas dão errado, Mickey. — Ela olhou para o Colherada. A implicação era óbvia. — Só porque você faz o que é certo não significa que o errado não vá encontrá-lo.

Senti uma lágrima ameaçando escorrer.

— E o que eu faço agora?

— Você já está fazendo. Tem a sua tarefa.

— O quê, está falando do cara que a Ema conheceu na internet?

— É.

— Por quê?

— Ela precisa descobrir a verdade. Você tem que ajudá-la.

— Certo.

— E, Mickey, nós nem sempre conseguimos fazer o resgate.

— Como assim?

— A sua busca. Pode não terminar bem.

— Por que você...?

A porta atrás de nós se abriu. Enquanto a enfermeira começava a entrar, Lizzy Sobeck moveu-se com uma velocidade que desafiava seus anos. Passou feito um raio pela porta, murmurando um pedido de desculpas à mulher confusa, e sumiu pelo corredor. Fui atrás, mas a enfermeira bloqueou minha saída.

— Com licença, mas quem era aquela mulher?

— Só outra enfermeira — respondi, e passei por ela.

Cheguei ao corredor e olhei para os dois lados. Nada.

Dona Morcega tinha sumido.

CAPÍTULO 17

NO DIA SEGUINTE, EMA E EU estávamos na mesa de sempre. Eu já ia contar sobre a visita da Dona Morcega quando Ema arregalou os olhos.

— O que foi?

Ela não respondeu. Estava olhando por cima do meu ombro e, a julgar pela sua expressão, algum zumbi de filme de terror se aproximava lentamente de mim, por trás, pronto para atacar e cravar os dentes na minha carne.

Virei devagar para entender por que Ema estava assim.

Troy Taylor vinha na nossa direção.

Trazia uma bandeja de almoço sobrecarregada. Três caixinhas de leite, um sanduíche do tamanho de uma almofada, uma enorme pilha de batata frita, gelatina e nem quero saber o que mais. Andava com uma tranquilidade e uma confiança que Ema e eu jamais teríamos naquele refeitório.

— Que droga é essa? — sussurrou Ema. — Ele não está planejando...

Troy parou na nossa frente e abriu um sorriso tão radiante que quase me fez pegar os óculos escuros.

— Ei, posso me sentar com vocês?

Antes que conseguíssemos superar a surpresa, Troy largou a bandeja com uma pancada forte, puxou uma cadeira e desabou nela como se alguém tivesse lhe cortado as pernas. Depois, pegou o sanduíche com as duas mãos.

— E aí, como vocês estão?

Deu uma mordida enorme e começou a mastigar.

Ema ficou olhando como se ele tivesse acabado de sair do traseiro de um cavalo.

— O que você quer?

— Quem disse que eu quero alguma coisa?

— Bom, normalmente você não se senta aqui.

— Estou tentando expandir meus horizontes. Algum problema?

— Em geral você se senta lá. — Ema apontou para a mesa dos “descolados”.

— Você só olha para cá quando muge para mim.

Troy largou o sanduíche, limpou as mãos num guardanapo e deu a Ema o olhar mais solene que já vi num adolescente.

— Eu queria pedir desculpas por aquilo.

— O quê?

— Ema... posso chamar você de Ema? Ou você prefere Emily?

Apanhada desprevenida, ela respondeu:

— Ahn... Pode ser Ema.

— Ótimo, obrigado. É, Ema, eu preciso pedir desculpas. Eu estava errado.

— Você estava errado todo dia? Todo dia desde, ahn... o sexto ano, mais ou

menos?

— Estava, é. Eu fui horrível. Não tenho nada a dizer em minha defesa.

Claro, eu poderia culpar o Buck. Você sabe que ele era o líder daquele tipo de coisa. Talvez eu sentisse a pressão para me enturmar, não sei. Você pode achar que é fácil ficar naquela mesa, ser... é, eu sei que isso soa cafona... ser um dos reis. Mas, como a Sra. Friedman ensinou na aula de história europeia, “pesada é a frente que usa a coroa”.

Ema e eu ficamos parados, de queixo caído.

— Então talvez seja porque o Buck foi embora — continuou Troy. —

Talvez acontecimentos recentes estejam fazendo com que eu veja as coisas com mais clareza. Mas, sério, Ema, quero pedir desculpas e tentar começar do zero.

— Você está brincando, certo?

Troy pareceu magoado.

— Nunca falei mais sério.

— Você deve achar que eu sou idiota.

— Como assim?

— Você usa as pessoas, Troy.

— Ema — intervim.

A cabeça dela se virou bruscamente para mim.

— O quê? Você está engolindo isso?

— Não, mas...

— Você está sendo usado, Mickey. Ele não está aqui porque teve uma grande revelação ou porque o Buck foi embora. Está aqui porque quer sua ajuda para livrar a cara dele porque não passou no exame antidoping.

— Ema? — chamou Troy.

Ela o encarou.

— Você pode estar certa — falou ele.

— O quê?

— Não estou dizendo que o Mickey e eu vamos ser grandes amigos, mas nós somos colegas de time. É uma ligação difícil de entender. Nós dois queremos ganhar, e com os colegas do nosso lado.

— Você fez o negócio, Troy. Nós dois sabemos que você é culpado.

— A última coisa que eu iria querer seria me expor, certo? Se eu fosse culpado, iria ficar quieto. É o que o meu velho quer que eu faça.

Isso silenciou Ema por um tempo.

— Entendo como você se sente — falou Troy.

— Não, não entende — retrucou Ema. — Como reagiria se eu me sentasse à sua mesa? Provavelmente iria começar a mugir ou sei lá o quê.

— É uma boa pergunta. — Ele assentiu. — Dói ouvir. Mas é um bom argumento.

— Então você não passa num exame antidoping e agora quer que a gente acredite que você viu a luz?

Troy refletiu um instante.

— A verdade é que eu preciso da ajuda do Mickey. Você não faz ideia de como foi difícil admitir isso. Brandon me ajudou de verdade a enxergar. É, eu sei o que parece, mas talvez conversar com o Mickey, sabe, cara a cara, tenha feito diferença. É fácil detestar alguém a distância. Não é tão fácil detestar frente a frente assim.

Ema apenas franziu a testa.

— Mas, quando eu estava falando com o Mickey, comecei a pensar em tudo. Na minha vida inteira, acho. Ali estava um cara com quem eu fui um perfeito idiota e ele se dispunha a me ajudar. Eu nunca fiz isso. Estou sendo honesto. Isso me fez refletir. Isso me fez pensar no tipo de cara que eu sou e no tipo de cara que eu quero ser. Olhei para mim mesmo por um tempão.

Acho que eu nunca tinha feito isso antes. As coisas sempre vieram fáceis para mim. Talvez eu precisasse disso, não sei. De qualquer modo, dei uma olhada bem longa no espelho. E não gostei do que vi.

Troy se levantou e pegou a bandeja.

— Não culpo você, Ema. E não espero consertar tudo num dia. Passos miúdos. Assim, se você não aceitar minhas desculpas pelas coisas horríveis que eu falei nesses anos todos, e por enquanto você não deveria aceitar, por favor, aceite minhas desculpas por ter me intrometido assim. — Ele meneou a cabeça e começou a se afastar. — Vejo vocês por aí.

Quase chamei o Troy de volta, mas deixei para lá. Ema também não respondeu. Só baixou a cabeça e começou a remexer na comida.

— Ele se acha o máximo, sabe?

Não falei nada. Não culpei Ema. Eu entendia. Mais do que entendia.

Também não confiava totalmente nele e só sofrera as agressões do Troy por algumas semanas. Ema havia enfrentado aquilo durante a maior parte da vida.

Por outro lado, ele tinha vindo procurar a gente. Tinha dado o primeiro passo. Não dava para simplesmente rejeitar o cara. Parecia errado. Parecia uma coisa que eles fariam, não nós.

Ema largou o garfo.

— A gente deveria dar uma olhada no exame do Troy.

— Sério?

Ema assentiu.

— Para provar de uma vez por todas que ele é um sacana mentiroso.

CAPÍTULO 18

DEPOIS DA ESCOLA RECEBI um torpedão do Colherada. Era endereçada a Rachel, Ema e eu: **consegui uma coisa. podem dar uma passada de noite?**

Todos respondemos que sim.

Cheguei cedo ao vestiário, me troquei e fui até a cesta do canto. Era o primeiro a chegar e curti cinco minutos de solidão. O próximo a aparecer foi um cara do terceiro ano, Danny Brown. Quando o vi pegar uma bola e entrar na quadra, parei de quicar e esperei o costumeiro olhar de pedra.

Só que não o recebi.

Em vez de ir para a cesta do centro, Danny Brown veio na minha direção.

— Ei, Mickey.

— Ahn, ei, Danny.

Ninguém nunca tinha apresentado a gente. Nunca tínhamos trocado uma palavra. Outros caras saíram e, para minha perplexidade, vieram até a minha cesta no canto. Danny pegou o rebote e jogou para mim. Treinamos passes e arremessos. Os jogadores me diziam oi. A gente se cumprimentava batendo as mãos no alto. As pessoas queriam saber o que eu estava achando da nova escola. Perguntaram sobre algumas das minhas aulas.

Avisaram quais professores eu deveria evitar e me ofereceram guias de estudo que seriam úteis.

Um cara do último ano chamado Eric Bachmann perguntou se eu precisava de carona para casa depois do treino.

Pela primeira vez na vida, eu me senti parte de um time.

Sei que isso não parece nada em comparação com o que acontecia ao meu redor. O namorado de Ema estava sumido. Eu tinha um pai morto e uma mãe na clínica de reabilitação, e um cara maluco, o Luther, provavelmente estava me perseguindo. Mas, naquele momento, só por um ou dois minutos, eu me permiti curtir essa camaradagem maravilhosa que era tão comum para outras pessoas.

A alegria continuou durante a partida. Meus colegas passavam a bola para mim. Eu passava para eles. Numa jogada rápida, fingi que ia para o aro, levantei a bola acima da cabeça e, como se tivéssemos nos comunicado telepaticamente, Brandon saltou bem alto, agarrou a bola com uma das mãos e voou para uma enterrada fenomenal.

Basquete pode ser poesia em movimento.

Todo mundo uivou, berrou e deu tapas nas minhas costas. Brandon só apontou para mim, meneou a cabeça e voltou para a defesa.

Nem posso dizer como foi bom.

As animadoras de torcida estavam ensaiando no canto. Todas tinham visto a jogada. Rachel abriu um pequeno sorriso para mim e meu coração deu um salto

mortal para trás.

Naquele dia, o treino de quadra era só de uma hora. A segunda hora era de musculação do outro lado da rua, na Academia Schultz's. A academia era cheia de máquinas modernas e pesos cromados. Telas de televisão adornavam os aparelhos de trabalho aeróbico. Havia uma lojinha de roupas e uma de sucos. A música era alta e pulsante.

Nosso astral baixou no instante em que entramos. A Schultz's pertencia a Boris Schultz, o pai do Buck, e ir ali fez todo mundo pensar nele.

Mais de vinte anos antes, o Sr. Schultz tinha sido um fisiculturista famoso, Mister Nova Jersey, que chegara aos dez melhores no Mister América.

Ainda era enorme, com um peitoral tão grande que dava para jogar squash rebatendo a bola nele. Usava cabelo à escovinha. Seu corpo era anguloso, com pontas aguçadas; a impressão era que, se eu trombasse nele, poderia quebrar um osso.

Mas naquele dia o Sr. Schultz parecia menor. Eu tinha visto isso antes, com minha mãe e talvez comigo mesmo. A doença pode ter esse efeito, mas a tristeza também. Ele orientou a gente nos aparelhos, tentando demonstrar animação, entusiasmo, mas soando artificial. Supino, bíceps, agachamento. Ele gritava os clichês encorajadores de sempre sobre maximizar o esforço, “vamos lá, mais dois”, e coisas assim.

Porém, seu coração não estava naquilo.

Na última vez que tínhamos estado ali, ninguém queria alternar uma série comigo. Até que o treinador Stashower veio fazer isso. Naquele dia, eu tinha um monte de voluntários e acabei fazendo dupla com o Danny Brown.

Estávamos na metade da série quando notei uma coisa estranha. Ou, deveria dizer, alguém.

Tio Myron?

Por uma vidraça, dava para ver meu tio de pé na sala do Sr. Schultz. O pai do Buck saiu da área de musculação e o cumprimentou. Seu filho mais velho, a lenda local Randy Schultz, também estava lá. Alguém tinha me explicado um dia as chances de uma pessoa se tornar atleta profissional.

Resumindo: próximas de zero. Kasselton é relativamente grande. Li em algum lugar que, no nosso condado em Nova Jersey, para cada três mil que começam a jogar basquete na escola no terceiro ano, um acaba num time universitário, na primeira, segunda ou terceira divisão. Então pense bem.

Na nossa cidade, a liga começava com quinhentos caras. Então, a cada seis anos, um jogaria na universidade. As chances de partir daí para o profissional?

Esqueça.

Na história da cidade de Kasselton, louca por esportes, só tinha existido um atleta profissional, mas uma lesão o impedira de estar em mais do que um ou dois jogos.

Você adivinhou. Tio Myron.

Agora, pela primeira vez desde que a carreira de Myron desmoronara duas décadas atrás, Kasselton podia ganhar outro atleta profissional: um *tightend* do futebol americano chamado Randy Schultz. Depois de quebrar cada recorde de recepção na Kasselton High, Randy tinha chegado ao estrelato no futebol americano universitário, sendo indicado ao prêmio de melhor atleta, e no momento esperava a convocação para a liga nacional. Os especialistas avaliavam que Randy seria selecionado em algum ponto das duas primeiras rodadas de contratação.

Kasselton poderia ter seu primeiro jogador de futebol americano profissional.

Mas, naquele instante, Randy estava soturno, sério — e falando muito com meu tio. Fiquei observando, tentando atrair o olhar de Myron. O pai do Buck me viu. Franziu a testa e baixou a cortina.

Que negócio era aquele?

— Mickey?

Era o Danny Brown.

— Próximo aparelho.

Era o de agachamento. A gente se ajudou no exercício e depois foi para o vestiário.

— O pessoal vai no Pizzaiola após o treino. Quer uma carona? Posso deixar você em casa depois.

Fiquei em êxtase.

— Ahn, claro, obrigado.

Ele me deu um sorriso torto. Tomei banho e tentei conter a alegria.

Tinha sido um bom dia. Nos últimos oito meses, eles haviam sido dolorosamente poucos. Eu queria uma noite de gente normal. Queria uma noite na qual pudesse comer pizza com meus colegas de time.

Qual era o problema?

Dez jogadores foram ao Pizzaiola. Eu contaria o que a gente conversou, mas foi só papo de macho. Reclamamos dos times profissionais da área.

Curtimos com a cara de alguns professores. Falamos de garotas, mas eu não conhecia nenhuma delas de verdade. Eles fizeram perguntas sobre mim.

— Onde você morava antes?

— Num monte de lugares.

— Tipo...?

— Principalmente na África. Na América do Sul, na Ásia, na Europa. A gente viajava bastante.

Eles ouviam com os olhos arregalados. A maioria só tinha morado e só conhecia a vida em Kasselton. O segundo jogador “mais novo” se mudara para a cidade oito anos antes. Todos aqueles caras haviam crescido juntos.

Sabiam tudo uns sobre os outros, quase podiam prever o que o outro iria falar,

sabiam exatamente o que fazia o outro rir, como provocar determinadas reações nos demais, quando recuar.

Para aqueles caras, eu me transformei de esquisito em exótico.

Não sei quanta pizza a gente comeu, mas foi muita. Brandon, em especial, era capaz de devorar fatias em questão de segundos. Uns adultos entravam, cumprimentavam e perguntavam sobre as chances do time.

Todo mundo parecia conhecer todo mundo. Brandon sempre se levantava e apertava a mão deles. Às vezes os apresentava com uma educação exagerada. “Sr. Mignone, permita-me apresentá-lo ao...” e então dizia o nosso nome completo. A maioria dos garotos apenas meneava a cabeça. Eu não tinha sido criado assim, por isso ficava de pé e apertava cada mão.

Inevitavelmente eles perguntavam a mesma coisa:

— “Bolitar”? Você é parente do Myron?

— Sobrinho.

Eles deduziam que eu era filho do Brad e silenciavam.

Como eu disse, todos se conheciam por ali.

Eu estava me divertindo, especialmente quando a atenção se desviava de mim e eles me deixavam só observar e ouvir. Eu ri um bocado. Tentei me lembrar da última vez que tinha rido tanto assim e acho que isso nunca havia acontecido. Quis que o mundo sumisse. Quis me esquecer do Abrigo Abeona, de crianças desaparecidas, do meu pai ou...

Ou do Colherada naquela cama de hospital.

Fechei os olhos. É, eu queria esquecer. Só por uma noite. Mas não consegui. Eu tinha algumas horas e talvez, por enquanto, isso bastasse.

Meu telefone zumbiu. Era um torpedo de Ema: **estamos todos aqui.cadêvc????**

CAPÍTULO 19

Q UANDO CHEGUEI AO HOSPITAL, Ema e Rachel me encontraram perto do elevador. Ema me olhou, cautelosa.

— A que horas o treino terminou? — perguntou ela.

— Não se preocupe com isso.

Rachel percebeu a tensão, mas, sabiamente, deixou para lá.

— Venha. Podemos entrar todos.

— Achei que era só um de cada vez.

— Enfermeira nova, regras novas — explicou Rachel. — A de hoje disse que tudo bem.

Rachel foi na frente. Fiquei atrás dela com Ema, que manteve os olhos focados adiante.

— O que foi? — perguntei.

— Está tarde.

— E daí?

— Onde você estava?

— No basquete.

— Já acabou há horas.

— Você está brincando, certo?

Ema continuou andando.

— Preciso informar a você aonde vou?

— Só quando você diz que vai se encontrar comigo.

— Perdi a noção do tempo. Eu tive treino e fomos à academia do pai do Buck, depois, bom, fomos ao Pizziola.

Ela estacou.

— Você foi comer pizza com *eles*?

— Eles são meus colegas de time, Ema. Não dá para entender?

Ela balançou a cabeça.

— O que foi agora?

— Você não percebe, não é?

— Eles são meus colegas de time. Eu não preciso detestar os caras.

— Eu não disse que precisava.

— Mas...?

— Mas nada, Mickey. Você é livre para fazer o que quiser.

— Valeu, mãe — ironizei.

Chegamos ao quarto do Colherada. Ele estava sentado na cama com um maravilhoso sorriso pateta na cara.

— Ei, Mickey, você contou a elas?

— O quê?

— Que estou destinado a grandes coisas.

— Espere aí. Você ouviu aquilo?

— Ouvi *tudo*.

— Então o tempo todo em que Dona Morcega esteve aqui...

— É, eu estava acordado.

Rachel ofegou.

— Ela esteve aqui? Neste quarto?

Ema me fuzilou com os olhos. Ótimo, agora que eu tinha conseguido que o time de basquete parasse com os olhares raivosos, Ema havia contraído o hábito.

— É — respondeu o Colherada. — Ela fingiu que era enfermeira. Disse que eu estava destinado a grandes coisas. — Ele ergueu e baixou as sobrancelhas na direção de Rachel várias vezes. — Impressionada?

— Eu ia contar a você na hora do almoço — falei a Ema. — Mas aí o Troy chegou...

— Tudo bem — replicou Rachel, ainda que eu não estivesse me dirigindo a ela. Acho que ela sabia. Acho que estava tentando me salvar. — E o que ela disse?

Coloquei as duas a par da visita de Dona Morcega.

— Então agora temos certeza — falou Rachel. — Precisamos achar o Jared Lowell.

Confirmei com a cabeça. Ema, não. Tinha parado de lançar adagas com os olhos. Agora só parecia magoada. Em parte eu entendia. Em parte estava ficando meio chateado.

— A questão é: como? — indagou Rachel.

Colherada pigarreou.

— É aí que eu entro.

Ele apertou uma tecla do laptop.

— Acabei de mandar para vocês meu dossiê mais recente sobre Jared Lowell. Consegui entrar na ficha dele na escola Farnsworth. Ele é bom aluno, por sinal. O primeiro da turma. Porém, mais importante, consegui o endereço do dormitório dele e o horário de aulas. No anexo, vocês também vão achar um mapa do campus. — Colherada empurrou os óculos nariz acima. — Com essa informação, não deve ser difícil encontrar o cara.

— O campus fica em Connecticut — disse Rachel.

— Eu sei.

— E como vamos chegar lá?

— Ah — fez Colherada. — Mickey dirige.

— Não estaria dentro da lei — retrucou Ema.

— E eu não posso dirigir até Connecticut — completei. — Já é errado fazer isso aqui na cidade e seria arriscado demais ir tão longe sem carteira. Além disso, meu tio confiscou todas as chaves do carro.

— Vocês podem ir de ônibus — sugeriu Colherada, digitando no laptop. —
Vejam. Peguem o 441 na Northfield Avenue e façam baldeação em Newark
— Ele criou uma lista de horários de partida durante a manhã. — De lá, vocês
podem pegar um táxi.

— Então vamos quando? — perguntei.

— Amanhã não tem aula — lembrou Ema. — Reunião de professores. É nossa
melhor chance.

Eu precisaria estar de volta às quatro da tarde para o treino de basquete, mas
não senti necessidade de dizer aquilo na hora. Um telefone vibrou. Era o de
Rachel. Ela deu uma olhada na tela e franziu a testa. Não pude evitar: imaginei se
era o Troy.

— É o meu pai — avisou ela, suspirando fundo. — Desde que a minha mãe
morreu...

Ela não terminou a frase. Todos entendemos.

— Ele quer saber onde eu estou — concluiu por fim. — É melhor eu ir.

Rachel enfiou o telefone no bolso e pegou a mochila.

— Vai ser difícil para mim sair amanhã. Papai quer me levar para tomar café
da manhã fora e depois talvez visitar minha avó.

— Não precisa explicar — falei.

— Nós podemos cuidar disso — acrescentou Ema.

— Talvez a gente precise de alguém aqui, de qualquer modo — acrescentei. —
Só para garantir.

Eu não fazia ideia do que quis dizer com isso, mas soava bem, como se
tivéssemos dado algo para ela fazer. Mas Ema estava certa: não precisávamos de
três de nós lá.

A gente se despediu e Rachel saiu do quarto. Quando ela foi embora,
Colherada me encarou.

— Podemos trabalhar em duas coisas ao mesmo tempo, Mickey.

— Como assim?

— Dona Morcega falou com você sobre o Luther.

Fiquei em silêncio.

— Luther é o cara daquela foto que você me deu, certo?

— Certo.

— O seu Carniceiro? — perguntou Ema.

Assenti.

— Então o seu pai era igual à gente — comentou Colherada. — Resgatava
crianças para o Abeona.

— É — confirmei.

— Você sabia?

— Não. Ou talvez suspeitasse, não sei.

— Não consigo entender... — comentou Ema. — Se o seu pai salvou o Luther,

por que ele tentaria fazer mal a você?

— Simples — respondeu o Colherada.

— Como assim?

— Talvez o Luther não quisesse ser resgatado.

Eu e Ema nos entreolhamos.

— Não entendi — falei.

— Nem eu, por enquanto — afirmou Colherada. — Mas Dona Morcega disse que às vezes as coisas dão errado. Comecei a pensar nisso. Me lembro de ter lido sobre a síndrome de Estocolmo. Sabem o que é?

Eu tinha uma vaga ideia, mas deixei que ele contasse.

— Você começa a gostar do carcereiro. Você não sabe mais que aquilo é errado. Eu li sobre crianças que têm pais muito ruins, que as machucam.

Mas ainda assim querem ficar com eles. Talvez o Luther fosse assim. Pode ser que ele não quisesse ser resgatado.

— Faz sentido — comentou ela.

Colherada abriu os braços.

— Sou uma caixinha de surpresas, não é?

— E como isso ajuda a gente a encontrar o cara?

— É isso que eu planejo descobrir — respondeu Colherada. — Tenho a foto que você me deu. Tenho o primeiro nome. Não é muita coisa, mas talvez dê para eu encontrar algo.

CAPÍTULO 20

EMA ESTAVA MUITO QUIETA no elevador.

— Vamos pegar o primeiro ônibus para Connecticut amanhã — disse eu.

— Podemos chegar à escola do Jared às dez horas.

— Certo.

— Qual é o problema?

— Nenhum.

Franzi a testa.

— Sei como você quer fazer parte daquele time — falou ela.

— E eu sei que isso apavora você.

— O quê?

— Você acha que eu vou começar a andar com eles em vez de com vocês?

Ema balançou a cabeça.

— Às vezes você é muito tapado.

— Não é isso?

— Não, não é isso.

Agora estávamos do lado de fora. O ar da noite era fresco, agradável. O ar dos hospitais é sempre parado e pesado. É difícil respirar dentro deles.

Parei um momento e inspirei fundo.

— Então o que é?

— Deixa pra lá.

— Qual é, não faz isso. O que é?

— Para algumas pessoas, basta dizer que o forno é quente e elas não põem a mão. Mas outras pessoas precisam pôr a mão no forno. Precisam sentir a dor.

— Isso é profundo, Ema. O exemplo não deveria ser com uma frigideira?

Ela parou e pôs as mãos nos meus braços. Vi seus olhos me encarando ao luar. Só ficamos ali um segundo e um pensamento esquisito me bateu:

Eu queria dar um beijo nela.

Não creio que eu já tivesse pensado nisso de forma consciente. Nós sempre tínhamos estado nitidamente na “área da amizade”. Mas, olhando para Ema naquela luz maravilhosa, quis segurar o rosto dela e lhe dar um beijo.—

Você vai pôr a mão no forno — continuou ela. — Eu quero proteger você dessa dor. Mas não posso. Só posso dizer que, quando doer, eu vou estar do seu lado.

— E eu vou estar do seu lado. Sempre.

— Sempre — repetiu Ema.

Ficamos nos encarando. Não sei por quanto tempo. Já ia levar as mãos ao rosto dela quando alguém passou de carro, buzinou e berrou:

— Vão arranjar um quarto!

Isso quebrou o feitiço.

As mãos de Ema escorregaram para longe dos meus braços. Ela deu um passo atrás. Nós dois nos viramos e começamos a caminhar para casa.

Andamos em silêncio durante um tempo. Nenhum de nós iria puxar o assunto. Só iríamos fingir que o momento não tinha acontecido. A cada passo, ele parecia mais distante, como se tivéssemos deixado o quase beijo no estacionamento do hospital. A tensão se aliviou.

Estávamos virando só amigos de novo.

Quando chegamos à esquina, Ema me surpreendeu pegando a rua queia na direção da casa incendiada de Dona Morcega. Eu a acompanhei.

— O que você está pensando em fazer? — perguntei.

— Existem túneis embaixo da casa. Foi o que você me disse.

— É.

— E, na última vez que descemos ao porão, nós encontramos uma pista.

— Você acha que a gente poderia encontrar outra?

Ema deu de ombros.

— Vale a pena tentar.

Eu tinha pensado a mesma coisa, claro. Agora estava escuro. Seria mais fácil chegar sem sermos vistos pelos vizinhos. Mas, também, a noite deixava o lugar ainda mais assustador. Paramos na calçada.

À frente, os restos da casa desmoronada formavam uma silhueta ameaçadora. As luzes da rua eram fracas. A construção ficava perto da floresta. Era estranho, pensei, que nenhuma árvore atrás dela tivesse pegado fogo.

Que horrores essa casa teria visto no correr dos anos?, imaginei.

Não tínhamos lanternas, mas estávamos com os smartphones. Abri o aplicativo de lanterna. Só queria usar quando estivéssemos no subsolo. A luz poderia ser vista pelos vizinhos xeretas. Eles ligariam para a polícia e, digamos, a coisa não terminaria bem.

O caminho estava bloqueado por dezenas de placas de PROIBIDO ENTRAR.

A fita amarela em torno das ruínas queimadas funcionava como olhos de gato numa estrada.

— Estranho — sussurrou Ema.

— O quê?

— Essas placas, a fita. É quase um exagero.

Eu também tinha pensado nisso. Será que a polícia e o corpo de bombeiros estavam tão preocupados assim em manter as pessoas longe dali? As placas não pareciam oficiais, eram só do tipo que se compra numa loja de ferragens. Imaginei se Lizzy Sobek teria colocado aquilo ali. Não achava provável. Talvez fosse alguma outra pessoa que trabalhava para o Abrigo Abeona. Talvez o cara de cabeça raspada que, recentemente, eu soubera que se chamava Dylan Shakes.

Não importava. Eu não estava ligando para os avisos. Ia entrar. Podia haver pistas sobre Jared Lowell em algum lugar nas entranhas daquela propriedade, mas eu estava mais interessado em informações sobre o arqui-inimigo do meu pai, o misterioso Luther.

Dona Morcega — desculpe, ainda penso nela assim, e não como Lizzy Sobek — tinha dito que Luther fora resgatado pelo Abeona e que a foto dele estava naquele corredor incendiado.

— Outra coisa — murmurou Ema.

— O quê?

— Por que Luther pôs fogo na casa?

— Porque eu estava dentro dela.

Estava escuro demais para enxergar o rosto de Ema, mas pude sentir seu ceticismo.

— Então por que, sei lá, não dar um tiro ou uma facada em você? Por que incendiar uma casa inteira?

Entendi aonde ela queria chegar.

— Porque ele queria destruir provas.

— Pode ser.

— E algumas provas...

— Podiam estar nos túneis embaixo da casa — concluiu Ema.

Chegamos ao que tinha sido a soleira da frente antes do incêndio. Eu me lembrei de como a casa era decrepita, como até os alicerces pareceram tremer quando bati à porta, como a pintura era tão velha que os flocos caíam como se a casa tivesse caspa.

Agora a casa não passava de entulho. Mas, de algum modo, isso não pareceu diminuir sua magnitude. O fogo fora apagado dias antes, mas um cheiro forte atacou meus sentidos. Não havia fumaça nem brasas, mas eu ainda tinha a impressão de que o vapor subia dos destroços. Pensei no que essa casa abrigara. Pensei no fato de que uma lendária heroína do Holocausto, que todos consideravam morta havia muito tempo, tinha morado ali, escondida, durante tantos anos. Pensei em todas as crianças resgatadas, em todas as que foram escondidas ali temporariamente, que teriam se curado ou contado suas histórias naquele lugar.

A construção podia não existir mais, porém as vozes ainda sussurravam para nós.

Ema pegou minha mão quando pisamos nos escombros. Tínhamos estado ali antes. Conhecíamos o caminho. Antes a lareira era à esquerda.

Em cima dela, ficava um porta-retrato com uma foto antiga de Dona Morcega ao lado de um grupo de hippies, provavelmente tirada nos anos 1960. Eu salvei essa imagem do incêndio. Estava na gaveta da minha mesinha de cabeceira.

Tudo na sala havia sumido: o sofá, a antiga vitrola na qual Dona Morcega

escutava discos de vinil de rock, a poltrona, o armário... Tudo era fuligem e poeira.

Liguei o aplicativo de lanterna, mantendo o facho baixo. Na última vez que tinha estado ali, o entulho tomava a escada do porão. Agora não mais, provavelmente porque eu havia feito uma abertura.

Desliguei a lanterna. Certo. Agora sabia aonde ir.

Comecei a andar. Ema me acompanhou.

— Eu desço primeiro, para ver se é seguro — falei.

— Porque você é o homem grandão corajoso?

— Porque já estive lá embaixo, lembra?

— Lembro. Você me fez ficar aqui em cima.

Suspirei.

— Quer descer primeiro?

— E arranhar seu ego heroico? Sem chance.

Balancei a cabeça. O luar era apenas suficiente para destacar o sorriso provocador de Ema. Eu quis dar uma sacudida suave nela. Ou talvez um beijo. Cara, eu precisava parar de pensar nisso.

A abertura era um buraco gigante. Apontei a luz para ele por um breve instante. A escada não parecia forte o bastante para aguentar meu peso, mas eu não tinha escolha. Sabia que a queda não seria muito grande, de qualquer modo. Só precisava estar preparado.

Quando cheguei ao terceiro degrau, ouvi um estalo. Pulei logo antes que a escada cedesse e aterrissei no piso de concreto.

— Tudo bem? — perguntou Ema.

— Tudo.

Liguei a lanterna do celular. Agora eu estava no subsolo; os vizinhos não veriam a luz.

— Estou descendo — avisou Ema.

— Espere.

— O quê?

O facho da lanterna dançou pelo espaço. Num canto, havia uma máquina de lavar e secar que parecia algo da época do presidente Eisenhower. Algumas roupas velhas estavam empilhadas à esquerda. Abri duas caixas de papelão: só lixo dentro. Nenhuma pasta, nem pista, só uma confusão de poeira e fuligem.

— Não precisa se incomodar — falei. — Não tem nada aqui.

— Tem certeza?

Verifiquei o piso outra vez. Era onde eu tinha encontrado a foto, na última vez que estivemos ali. Mas agora não havia nada. Por fim, ergui o facho para onde sabia que estaria a resposta.

A porta de aço reforçado.

Eu já vira a porta antes. Enquanto todo o resto da casa apodrecia, aquela porta

parecia mais forte do que nunca. Encostei a mão nela. A fuligem caiu e eu pude ver um brilho. Tentei a maçaneta.

Trancada.

Como eu já esperava. Experimentei empurrar com o ombro. Ela não se mexeu nem um pouco.

Precisava chegar ao outro lado.

Mas não havia como conseguir desse jeito. Isso não significava que eu estava derrotado. Só precisava de outra rota.

— Mickey?

— Vou subir de novo.

Testei os degraus de baixo. Estavam bem firmes. Subi alguns. Ema ofereceu a mão para me ajudar. Eu não precisava, mas, se recusasse, ela diria que eu era sexista ou algo assim. Por isso, segurei-a, o que podia ser um gesto mais sexista ainda.

— E agora? — perguntou ela quando eu estava de novo na sala.

— A garagem. Na vez que Dylan Shaykes me trouxe aqui, me fez passar por um túnel que começava na garagem, lá atrás, e ia até a casa. Eu vi outros corredores e portas. Aposto que um deles leva ao que há atrás dessa porta de aço.

A garagem ficava na floresta, a uns 50 metros dali, o que era bem estranho, mas tudo naquela propriedade era assim. As árvores chegavam até a casa, como se tivessem se esgueirado uma noite e ocupado o quintal dos fundos. Para mim, isso não fazia sentido. Agora, claro, eu entendia melhor. Havia uma estrada na floresta. Era possível ir até a garagem sem medo de ser visto. Até dava para usar o túnel e entrar na casa sem que alguém notasse.

Muitos segredos cercavam o Abrigo Abeona.

As portas da garagem estavam fechadas, mas não eram reforçadas.

Verifiquei a lingueta, levantei a perna e golpeei com o calcanhar num ponto logo acima da maçaneta.

A porta cedeu.

— Então estamos cometendo crime de invasão — disse Ema.

— Provavelmente.

Ela deu de ombros e entrou na frente. Apontei a lanterna para o chão.

— Pare.

— O quê?

Indiquei o chão. Havia pegadas frescas na terra.

Coloquei o pé ao lado de uma das pegadas, que era só um pouquinho menor em comparação à minha. Eu calço 46, logo a pessoa que entrara provavelmente era um homem adulto.

Usando a lanterna, acompanhei as pegadas até o...

O alçapão que levava ao túnel. Elas paravam ali.

Como nunca deixo passar o óbvio, falei:

— Alguém esteve aqui recentemente.

— Ou ainda está — acrescentou Ema.

Silêncio.

— Deixe eu...

— Se você disser “descer sozinho”, vou lhe dar um soco.

— Então nenhum de nós desce.

— Ahn?

— O Colherada está paralisado. Levou um tiro. Não vou assumir mais riscos. Ema balançou a cabeça.

— Precisamos fazer isso, Mickey. Você sabe disso.

— Não precisamos fazer nada. Imagine se o Luther estiver aí embaixo.

— Então ele ficará acuado.

— Está brincando, né?

Ema chegou mais perto de mim.

— O que mais a gente pode fazer, Mickey? Ir para casa?

Eu queria que Ema fosse para casa. Mas sabia que ela não faria isso.

— Vamos ter cuidado — continuou ela. — OK?

Que opção eu tinha?

— Ok

O alçapão tinha uma tranca. Fiquei agachado e o abri. Nós dois olhamos para o túnel.

Escuridão. Nada além de um buraco preto.

— Fantástico — comentei.

Ema já estava com a lanterna do celular ligada. Uma escada de mão descia pela abertura.

— Primeiro eu — anunciou ela e pôs o pé no primeiro degrau.

— Deixe eu ir.

— Não confio em você. Você vai olhar embaixo da minha saia.

— Ahn... Você está usando calça.

— Ops.

Ela conteve um riso nervoso e começou a descer. Fui atrás. Quando chegamos embaixo, Ema apontou o facho para a frente. A lanterna não era muito forte, mas confirmou o que eu já sabia: estávamos num túnel. No fim dele, se encontrássemos o caminho certo, estaria aquela porta de aço reforçado.

A questão era: o que mais a gente iria encontrar?

Ema já ia começar a andar quando pus a mão no seu braço e ela se virou para mim. Pus um dedo nos lábios sinalizando para que ficasse em silêncio. Apurei os ouvidos.

Nada.

Era um bom sinal. Tudo ecoava ali embaixo. Se Luther ou alguém se movesse, a gente escutaria. Claro, isso não significava que não houvesse uma pessoa ali

embaixo. O eco funcionava nos dois sentidos. Eles podiam ter escutado a gente descer. Luther, ou quem quer que fosse, poderia estar esperando em algum lugar, abaixado, pronto para o ataque.

— Vamos devagar — sussurrei.

Ema assentiu.

Fomos andando pelo túnel. Imaginei como uma coisa daquelas teria sido construída. O código de edificações de Kasselton nunca a aprovaria.

Será que Lizzy Sobek contratara operários? Eu duvidava. Será que voluntários trabalharam ali? Será que os “escolhidos” pelo Abrigo Abeona haviam feito aquele túnel?

Talvez. Talvez meu pai tivesse ajudado a construí-lo.

Mas também não era algo provável. O túnel parecia muito velho.

Quanto tempo teria demorado a construção? Bom, por que isso importava?

Chegamos a uma porta.

Lembrei-me de ter passado por ela na última vez que estivera ali.

Dylan Shaykes, que tinha me trazido, dissera para eu continuar andando.

Tentei rememorar aquele momento. O homem parecia com medo? Não. Só queria que eu prosseguisse porque o meu objetivo ali era encontrar Dona Morcega.

Estendi a mão para a maçaneta.

Mas não havia nenhuma.

Ahn? Olhei melhor e vi o que dava a impressão de ser uma fechadura.

Nada mais. A porta era lisa. Também de aço reforçado. Empurrei. Ela não cedeu.

O que o Abeona estava tentando esconder?

Já íamos avançar pelo corredor quando Ema falou:

— Mickey, olhe.

A princípio, não vi nada, mas depois acompanhei o fecho da lanterna até o chão. Havia uma pequena alavanca, como uma daquelas que se puxa para acionar um alarme de incêndio.

— O que você acha? — perguntei.

— Acho que devemos puxar.

Ema estendeu a mão antes que eu pudesse fazer isso e deu um puxão na alavanca. Ela não se moveu. Então, puxou com mais força. A alavanca cedeu com um som sugado e um estalo.

A parede ao nosso lado começou a deslizar.

Demos um passo atrás. Era bizarro. A parte externa da parede foi para a frente, deslocou-se para a direita e cobriu a porta de aço.

— Que droga é essa?

Agora a porta havia sumido. Estava completamente camuflada.

Ficamos parados um momento, olhando, meio que à espera de que alguma

outra coisa acontecesse. Nada. Imaginei se existiriam mais portas naquele túnel.

Ou mais alavancas.

— Puxe de novo — pedi.

Ela obedeceu. A parede grunhiu antes de voltar para seu lugar de origem. A porta estava visível de novo. Empurrei-a mais uma vez, esperando que talvez a alavanca a tivesse destrancado ou algo assim, mas ela não cedeu.

— Não entendo.

— Eu também não. Será que a gente deve continuar andando?

Confirmei com a cabeça. Não tínhamos muito mais o que fazer ali.

Havia uma bifurcação mais adiante no túnel. Paramos. Tentei me lembrar para onde tinha ido na outra vez. Não me recordava daquele trecho, mas na época eu estava bem distraído. Dylan Shaykes — em quem, na ocasião, eu só pensava como Cabeça Raspada — estava me levando para a casa.

Para onde tínhamos ido: esquerda ou direita?

Não tenho muito senso de direção, mas a direita parecia ser o caminho para a casa. Além disso, a ponta mais longa da bifurcação — que seria mais natural pegar — era a da direita.

Mas eu já havia ido naquela direção, certo?

Ia apontar a lanterna para a esquerda quando ouvi um barulho.

Congelei.

— O que foi? — sussurrou Ema.

— Ouviu isso?

— Acho que não.

Ficamos parados. Ouvi o som de novo. Mas não sabia o que era. Minha imaginação? Talvez. Mas, o que quer que fosse, parecia muito distante. Já aconteceu este tipo de coisa com você? Já ouviu um som tão fraco, tão distante, tão abafado que você nem tem certeza de ser real? Como se seus ouvidos lhe pregassem uma peça...

— Você escutou? — perguntei.

Como somos tão afinados, Ema respondeu:

— Talvez. Alguma coisa muito fraca... Pode ser só um cano velho — arriscou Ema. — Ou sons da casa. Daqueles que mal dá para ouvir.

— Sei.

— E o que a gente deve fazer?

— Provavelmente não ficar muito tempo por aqui.

Virei a lanterna para a esquerda. Quando nós dois vimos o que estava ali, Ema disse:

— Bingo.

Talvez, pensei.

A primeira coisa que avistamos foi uma televisão velha. Não era antiquíssima — não como aquela geladeira barulhenta da Dona Morcega, que pifou —, mas

era um aparelho grande, com uma tela que não poderia ter mais de 8 polegadas. Uma máquina que parecia um gravador gigantesco estava ligada a ela.

— É para fitas de videocassete, acho — falou Ema. — Ainda temos uma coisa assim na sala de vídeo lá de casa.

Entrei no recinto. Na prateleira acima, havia dezenas de fitas, enfileiradas como livros. Comecei a tirá-las dali.

— Acho que não são de videocassete — opinei.

Tio Myron tinha em casa VHS, dos jogos dele na escola. As que estavam ali pareciam um pouco diferentes. Eram um pouco menores, menos retangulares. Eu esperava encontrar algo nas etiquetas, mas só estavam escritos números.

— Mickey?

O tom de voz de Ema gelou meu sangue. Virei-me lentamente. Os olhos dela estavam arregalados. Sua mão estava em cima da televisão.

— O que foi?

— A televisão.

— O que é que tem?

Ela engoliu em seco.

— Está quente. Alguém estava usando a TV agora mesmo.

Ficamos petrificados naquele espaço escuro e úmido e aguçamos os ouvidos.

Outro barulho. Real. Não havia dúvida.

Ema olhou para o aparelho de vídeo. Apertou um botão e uma fita foi ejetada. Ela enfiou-a na bolsa e disse:

— Vamos sair daqui.

Não questionei. Voltamos rapidamente para o túnel, dessa vez indo para a garagem. Tínhamos andado uns 10 metros quando ouvi um barulho atrás. Parei e me virei.

Luther estava ali.

Na outra ponta do túnel, olhando irritado pra gente.

Por um momento, ninguém se mexeu. Mesmo ali embaixo, mesmo com aquela luz fraca, dava para enxergar o cabelo cor de areia e os olhos verdes.

Tive um flash da primeira vez que o vira, no dia do acidente do carro.

Eu estava caído, machucado, tonto, sem compreender o que tinha acontecido. Olhei para o lado e vi meu pai totalmente imóvel. Um paramédico me encarou e balançou a cabeça.

Aquele paramédico estava no fim do túnel.

Os punhos de Luther se fecharam. Parecendo furioso, deu um passo na nossa direção. Ema agarrou meu braço e gritou:

— Corre!

Não me mexi.

Ele deu outro passo.

— Mickey? — chamou Ema.

— Vai.

— O quê?

— Vai!

Eu não iria sair. Não iria deixar que ele escapasse de novo. Esse tal Luther, esse cara que eu não conhecia, era o arqui-inimigo do meu pai. Isso fazia com que ele fosse meu inimigo.

A sepultura do meu pai podia não ter me dado nenhuma resposta. Mas eu apostava que esse cara me daria.

Eu não iria deixar que ele sumisse de novo.

Luther e eu nos encaramos como dois pistoleiros num filme de faroeste. Eu não sabia direito o que fazer. Tinha passado a maior parte da vida no exterior, em diversos países, e meu pai havia insistido que eu aprendesse várias artes marciais. Eu era grande. Era forte. Sabia lutar.

Mas a maioria das artes marciais funciona com base na agressão do oponente. Eu nunca tinha aprendido, por exemplo, a correr para um oponente num túnel e derrubá-lo. Eu sabia como reagir a um ataque, como rolar com o adversário e incapacitá-lo.

Por isso, esperei mais um segundo que ele viesse na minha direção.

Ele também esperou.

Imaginei se ele saberia lutar. Não importava. Ele não iria sair dali. Não chegaria perto de Ema. Éramos só nós dois.

Não havia motivo para esperar mais.

Comecei a calcular a distância e pensar no ângulo de ataque — ir por baixo, acertar as pernas — quando escutei uma voz atrás de nós.

— Cacete, o que é agora?

Alguém estava passando pelo alçapão da garagem. A voz parecia familiar.

— Polícia de Kasselton! Todo mundo parado!

Era o chefe Taylor, o pai de Troy. Ele desceu a escada às pressas.

Apenas olhei de relance, pois não queria perder Luther de vista. Ele ainda me encarava.

— Meu Deus... — O queixo do chefe Taylor caiu enquanto ele perscrutava o túnel, incrédulo. — Que lugar é este?

Virei-me de novo rapidamente. Outro policial descia a escada atrás dele.

Quando voltei a olhar para Luther, ele tinha começado a correr para o outro lado.

— Não! — gritei.

— Parado! — berrou o chefe Taylor. O facho da sua lanterna estava em cima de mim. — Mickey Bolitar! Parado aí agora mesmo!

Eu o ignorei. Corri para o fim do túnel. Ao virar à direita, vi uma porta — a porta de aço reforçado do porão, talvez? — se fechar com um estrondo.

Luther tinha passado por ela.

Corri para lá. Pus a mão na maçaneta.

— Certo, Mickey — disse o chefe Taylor, lado a lado com o outro policial.

— Já chega.

Tentei calcular quanto tempo demoraria para abrir a porta e passar correndo por ela. Tempo demais. Os dois me alcançariam.

Foi então que todos ouvimos um grito.

Os policiais se viraram na direção dele.

— Socorro! Socorro!

De repente, a ficha caiu. O berro e o pedido de socorro eram de Ema, mas eu percebi, pelo tom exagerado, que ela não corria perigo de verdade.

Ema estava tentando desviar a atenção deles! Genial!

Abri a porta e a atravessei em disparada. Tinha voltado ao porão.

Agora o lugar estava mais escuro. Ouvi um som estalado, no alto. Apontei a lanterna do celular.

Vi a perna de Luther no degrau de cima.

Corri e saltei para ela. Agarrei o tornozelo e me pendurei nele, pondo todo o meu peso. Estava suspenso no ar, com a mão escorregando. Com o outro pé, ele pisou com força no meu braço. Não liguei. Continuei pendurado.

— Me solta! — gritou Luther.

— Cadê o meu pai?

— Está morto!

Eu não acreditava nele. E tinha um plano.

Se eu pudesse balançar as pernas para a escada, teria apoio suficiente para puxar Luther para o piso de concreto do porão.

— Me solta!

— Não!

Puxei o pé dele e arqueei as costas, mirando as pernas na direção da escada. Atrás de mim, ouvi a porta se abrir.

— Parado! — ordenou o chefe Taylor.

— Ele está fugindo! — gritei.

Mas Taylor e o outro policial não quiseram ouvir. Eles se jogaram em cima de mim. Tentei ficar agarrado, mas podia sentir os dedos escorregando sob o peso dos dois.

— Ele matou meu pai!

Despenquei no chão. Acima de mim, vi Luther sorrir e ir embora.

— Fique parado! — berrou Taylor.

— Ele matou meu pai! Faça-o parar!

— Do que você está falando?

Não adiantava responder: estávamos no subsolo e Luther já ia fugindo.

O chefe Taylor se levantou. O outro policial me virou de barriga para baixo e me algemou.

Ema surgiu.

— Deixem ele em paz! Ele não fez nada!

— Vocês dois estão presos — anunciou Taylor.

— Por quê?

— Um vizinho viu vocês invadindo a garagem. Isso é crime. Você já se livrou de muita encrenca, Mickey, mas não desta vez.

— Escute — falei. — O senhor precisa encontrar aquele homem.

— Não preciso encontrar ninguém — retrucou Taylor. — Eu mandei você parar. Você não obedeceu. Fugiu de um policial. Resistiu à prisão. Sinto muito, Mickey, você já teve chances demais.

— Mas se o senhor ouvir a gente... — começou Ema.

— Quer ser algemada também, mocinha? — falou o chefe Taylor.

— O quê?

— Vire-se de costas.

— O senhor está brincando...

— Vire-se de costas!

Ema obedeceu. Incrédulo, vi o chefe Taylor algemá-la.

— Não quero ouvir mais nenhuma palavra de vocês dois.

Eles nos levaram de volta pelo túnel. Outra vez vi que Taylor olhava em torno como se não pudesse acreditar nos próprios olhos.

— Que lugar é este? — perguntou a mim.

Não respondi.

— Eu fiz uma pergunta, Mickey.

— Não sei.

— Então por que você invadiu a garagem?

— Não sei do que o senhor está falando.

O rosto dele ficou vermelho.

— É isso aí. Já estou cheio de você. Vou levá-lo para a cadeia municipal em Newark. Você vai passar algum tempo lá. População adulta. Eu já contei uma vez sobre o cara de unhas muito grandes, lembra? Você vai ser colega de cela dele. — Taylor se virou para o outro policial. — Jackson, vamos trancar os dois na viatura e dar uma olhada neste túnel.

Foi difícil fazer a gente subir a escada porque nossas mãos estavam presas às costas. Jackson sugeriu tirar as algemas. Taylor recusou. Quando chegamos ao quintal da frente, ele mandou:

— Espere com eles aqui. Eu vou entrar de novo...

— O que está acontecendo?

Todos estacaram ao escutar a voz esganiçada e velha. De pé na calçada, como se tivesse acabado de se materializar, estava Dona Morcega. Jackson conteve um grito. Ela havia voltado à *persona* completa de maluca: camisola branco-amarelada comprida, chinelos velhos, o cabelo branco descendo até a cintura.

— Senhora — disse Taylor, arriscando-se a dar um passo na direção dela —, esses dois invadiram sua garagem.

— Não, não invadiram.

— Ah, sim, senhora, nós vimos...

— Não venha com “sim, senhora” para cima de mim — retrucou ela. —

Eles têm permissão para estar aqui. Eu pedi que eles verificassem meu túnel. —

Pediu?

— Claro.

— Bom, com relação àquele túnel...

— Por que eles estão algemados?

— Veja bem, nós recebemos uma denúncia de que eles invadiram...

— E eu acabei de dizer que eles não fizeram isso, certo?

Ela esperou uma resposta.

— Ahn, sim, senhora.

— Então tire imediatamente as algemas dessas crianças.

Taylor fez um gesto para Jackson, que pegou uma chave.

— Senhora, poderia dizer para que servem aqueles túneis?

— Não.

— Perdão?

— O senhor tem um mandado?

— Um mandado? Não. Como eu disse, recebemos uma denúncia...

— Isto aqui virou um estado policial? Já vivi em estados policiais. São lugares horríveis.

— Não, senhora, este não é um estado policial.

— Então o senhor não tem direito de estar na minha propriedade, tem?

— Estávamos atendendo a um chamado.

— Que foi feito por equívoco, obviamente. Isso o senhor já descobriu.

Sabe o que quero que façam agora?

— Ahn... — Eu estava adorando ver o chefe Taylor aborrecido. — Ir embora?

— Exatamente. Não me faça pedir de novo. Xô!

CAPÍTULO 21

ASSIM QUE A VIATURA PARTIU, Dona Morcega foi andando na direção da garagem. Fomos atrás. Eu e Ema fizemos perguntas. Ela não respondeu.

Apenas seguiu em silêncio.

Agora a floresta parecia mais densa. A escuridão nos envolveu como um manto.

— Srta. Sobek? — arrisquei.

— Por que vocês vieram aqui?

— Para encontrar pistas.

— Sobre...?

— Sobre o Luther.

Eu não podia ver sua reação no escuro.

— Acho que encontraram mais do que isso.

— Quem é ele?

— Eu já expliquei.

— Ele falou que meu pai está morto.

A senhora ficou calada.

— Ele estava mentindo?

— Eu já conversei sobre isso.

— Você escutou a voz dele.

— Escutei.

— E os mortos nunca falam com você.

— A gente vai voltar ao túnel? — perguntou Ema.

— Não, Ema — respondeu Dona Morcega. — Nós nunca mais vamos voltar lá.

— Não entendo.

— Ele foi revelado. Agora a polícia sabe dele.

— Não era um segredo — intervim. — Luther sabia dele.

— Claro que sabia.

— Não compreendo — comentou Ema. — Aonde a gente vai?

— Vocês dois vão para casa.

— E você?

Ela levantou uma das mãos bem alto. De repente, faróis se aproximaram. Um carro veio pela estrada escondida na floresta. Não me surpreendi. Era o mesmo automóvel preto que me seguia desde que eu me mudara para a casa do tio Myron. A porta do carona se abriu.

Cabeça Raspada desceu. Como sempre, vestia terno preto. Mesmo à noite, usava óculos escuros.

— Olá, Dylan — cumprimentei.

Ele me ignorou.

— Vão para casa — falou Dona Morcega. — Nunca mais voltem aqui.

— O que a gente deve fazer? — perguntei.

— Eu já disse. Você se lembra, não é?

Confirmei com a cabeça.

— A senhora quer que a gente encontre Jared Lowell.

Dona Morcega encarou Ema como se nunca a tivesse encontrado antes.

Foi na direção dela e pôs a mão nos seus ombros.

— Você é mais forte do que imagina, Ema.

Ema olhou para mim, depois para Dona Morcega.

— Ahn, obrigada.

— Você ama esse rapaz.

— Bom, não sei. De certa forma, nem o conheço.

— Vai machucar.

— O que vai machucar?

— A verdade.

Ema e eu ficamos totalmente imóveis.

— Vão para casa. Os dois. Nunca mais voltem aqui.

Lizzy Sobek olhou para sua propriedade como se a visse pela primeira vez — ou, mais provavelmente, a última. Imaginei o que ela estaria vendo, quanta história aquele terreno contaria, quantas crianças resgatadas e aterrorizadas teriam passado por ali.

— Nenhum de nós deve voltar jamais.

Dona Morcega pareceu flutuar em direção ao carro. Cabeça Raspada/Dylan abriu a porta de trás. Ela entrou sem dizer mais nada.

Dylan sentou-se no banco do carona.

O carro preto foi embora.

CAPÍTULO 22

NAQUELA NOITE, SONHEI COM minha mãe.

Não lembro os detalhes. O sonho foi bem surreal. Mamãe estava nova, bem nova mesmo, de uma época de que eu nem me recordo. Às vezes minha mãe onírica usava uniforme branco de tenista. Outras vezes, não.

Mas estava saudável, sorrindo como antigamente, como fazia antes que meu pai morresse e os demônios chegassem e a levassem para longe de mim.

Por que ela mandaria que papai fosse cremado, e sem me contar?

Eu não fazia ideia.

Por que ela enterraria uma urna com cinzas como se fosse o corpo dele? Não sabia. Mas eu tinha visto o documento de autorização. A assinatura era dela.

Era mesmo?

Eu já havia sido idiota a ponto de ser enganado por um truque fotográfico simples, pensando que Luther era um velho nazista da Segunda Guerra. Talvez a resposta fosse igualmente simples. Talvez mamãe não tivesse assinado o documento. Talvez alguém tivesse feito uma falsificação.

De novo a pergunta óbvia: por quê?

Resposta: dê um passo de cada vez. Descubra se ela assinou os papéis.

Se não, fale com o tabelião. Vamos ver aonde isso leva. Mas uma coisa de cada vez.

Eu precisava ver minha mãe.



— Você acordou cedo — disse o tio Myron, um pouco animado demais.

— Vou sair com Ema.

— Para onde?

Eu não queria que ele soubesse da minha viagem até a escola Farnsworth.

— Por aí.

Ele não gostou da minha resposta, mas não me pressionou. Tio Myron estava comendo uma tigela de cereal infantil pouco saudável e lendo o verso da caixa. Fazia isso todo dia de manhã.

— Quer um pouco?

Ele também perguntava isso toda manhã. Eu preferiria simplesmente enfiar açúcar pela goela.

— Não, obrigado, vou fazer uns ovos mexidos.

— Posso fazer para você.

Ele propunha isso toda manhã. Uma vez eu aceitei. Ficou horrível.

Myron não sabia cozinhar. Ele tem dificuldade até para esquentar uma pizza

sem torr -la.

— Não precisa, obrigado.

Quebrei os ovos, coloquei um pouquinho de leite. Tio Myron tinha comprado azeite trufado para mim. Era um segredo que eu havia aprendido com minha mãe. Apesar de ser caro, deixava os ovos muito mais gostosos.

— Preciso ver minha mãe — falei.

Tio Myron desviou o olhar da caixa de cereal.

— Não pode.

— Sei que ela está na reabilitação.

— E sabe que os médicos disseram que precisamos ficar longe durante pelo menos mais duas semanas.

—   importante.

Myron se levantou.

— Você quer perguntar a ela sobre a cremação.

— Isso.

— Não vai adiantar. Quero dizer, pense bem: o que ela vai responder, Mickey?

Fiquei quieto.

— Se sua mãe garantir que não fez isso, talvez ela estivesse tão drogada que não lembre. Se garantir que fez... — Myron parou, pensando. — Bom, certo, talvez isso acabe com essa sua busca, seja l  o que for.

— Vou ligar para a clínica. Mas vou precisar do seu apoio.

Tio Myron suspirou fundo, mas assentiu.

— Certo. Mas precisamos fazer o que for melhor para a sua mãe. Você entende, não é?

Claro que eu entendia. Ele se sentou e voltou a comer o cereal. Fui para o fogão. Tinha quarenta minutos até a hora de encontrar Ema no terminal de  nibus. Então, eu me lembrei de uma coisa.

— Ei, Myron?

— O quê?

— Eu vi você na academia do Schultz. Você estava conversando com o Sr. Schultz e o Randy.

Myron comeu mais um bocado do cereal. Talvez houvesse confirmado com a cabeça, não tive certeza.

— O que foi aquilo? — perguntei.

— Eu conheço a família deles há muito tempo. O Sr. Schultz cresceu nesta cidade.

— Ele estudou na Kasselton High?

— Estudou.

— No seu ano?

— Não. No do seu pai.

Eu não sabia direito como reagir.

— Eles se conheciam?

— Seu pai e o Sr. Schultz? Claro. Desde o ensino fundamental.

Tentei imaginar um mundo onde o pai do Buck e o meu pai brincavam no recreio na infância. Era difícil.

— E ontem você estava conversando com ele e o Randy.

— É.

— Sobre o quê?

Ele enfiou outra colherada de cereal na boca e mastigou de forma exagerada, ainda mais levando em conta todo o tempo que aquilo tinha ficado mergulhado no leite.

— Você sabe o que eu faço para viver?

— Achei que você estava aposentado.

— Temporariamente, é. Quero dizer, eu vendi minha empresa. Mas você sabe o que eu fazia?

— Era agente esportivo, certo? — perguntei, mexendo os ovos com uma espátula de madeira.

— Certo.

— E era por isso que eles queriam ver você?

— Como?

Será que o tio Myron estava sendo intencionalmente tapado?

— Randy quer que você seja agente dele?

— Acho que não — respondeu Myron devagar.

— O que foi, então?

— Quando eu estava estudando para ser agente, cursei a faculdade de direito.

Eu sabia disso. Quando a carreira de Myron no basquete acabou abruptamente, ele foi parar em Harvard e virou advogado.

— E...?

— Então o que as pessoas me dizem é confidencial.

— Quando você está agindo como advogado.

— Isso.

— Então você é advogado do Randy?

— Não.

— Não entendi.

Tio Myron começou a se remexer.

— Por que você está tão interessado nisso?

— Por nada — respondi, tentando parecer casual. — Você sabe que ele tem um irmão chamado Buck?

— É, sei. É do último ano. Ele andou causando encrenca para você, não foi?

— Não mais.

Myron aquiesceu.

— O Sr. Schultz me contou. Buck voltou a morar com a mãe. Algo a ver com

uma disputa de custódia. Ele estava bem chateado.

— Então era sobre isso que ele queria falar com você?

— Não sou advogado de divórcios.

— Isso é um não?

— É um não.

Esperei. Agora tio Myron começou a ler com muita atenção a caixa de cereais, como se fossem escrituras religiosas.

— Você não vai me contar o que vocês conversaram, não é?

Ele não se deu o trabalho de levantar os olhos.

— Não, Mickey, não vou.

— Poderia me dizer se tem alguma coisa a ver com o Buck?

Tio Myron refletiu antes de responder:

— Não tem.

— Então, o fato de Randy querer falar com você e o fato de Buck ter ido morar de repente com a mãe... são só uma tremenda coincidência?

— É.

Mas dava para perceber que nem ele acreditava nisso.

CAPÍTULO 23

ENCONTREI EMA NO TERMINAL.

— Não é um VHS — informou ela.

— O que é, então?

— Um negócio chamado Betamax. Era feito pela Sony. Acho que foi popular nos anos 1980, mas agora ficou obsoleto.

— E como a gente faz para assistir?

— Não sei. A gente pode procurar na internet, acho. Ver se alguém está vendendo um aparelho no eBay ou algo do tipo. Ou a gente pode voltar à casa da Dona Morcega e usar o que está no túnel.

— Você ouviu o que ela disse.

Ema assentiu.

— Nunca voltar lá. Ela foi bem enfática.



Pegamos um engarrafamento perto da ponte TappanZee, mas ainda assim a viagem de ônibus durou menos de três horas. Havia três alunos da Farnsworth no veículo — todos usando paletó e gravata —, logo os seguimos.

O campus era mais perto do que a gente esperava, menos de 800 metros de caminhada.

Ficamos um pouco atrás dos três caras. De vez em quando, eles se viravam e olhavam para nós, talvez imaginando se os estávamos seguindo.

Às vezes olhavam abertamente para Ema. Talvez houvesse escárnio nos olhos deles, não tive certeza. Ema estava usando seu preto habitual: roupa preta, esmalte preto, batom preto. Tatuagens nos dois braços e no pescoço.

Eu quase podia sentir que ela estava ficando desconfortável, por isso decidi acabar com a tensão:

— Ei, pessoal.

Todos se viraram e estreitaram os olhos para nós.

— Vocês conhecem Jared Lowell?

— Conhecemos, claro — respondeu um cara com um grande topete louro. — Por quê, vocês são amigos dele?

Eu e Ema nos entreolhamos. Cara, eu não tinha pensado nisso.

— Ahn, mais ou menos.

— Perfeito — murmurou Ema, ironizando.

— O que isso quer dizer? — questionou Topete Louro.

— Nada.

Mas agora Topete Louro me olhou com suspeitas. Nós passamos por um lugar

chamado Wilke's Deli. Havia um punhado de alunos na fila para almoçar.

— Ahn, eu sou primo dele — acrescentei debilmente.

Ema me olhou horrorizada.

— É mesmo?

— É.

— Então acho que a altura é coisa de família.

— Acho que sim.

— Se você é primo, por que disse “mais ou menos” quando perguntei se você era amigo dele?

Ema cruzou os braços. Também queria saber minha resposta.

— Ah, somos primos — falei, desajeitado. — Isso é “mais ou menos” amigos.

Dá para entender?

Eu sorri como um âncora de TV. À frente, vi uma torre branca e alta que reconheci do site da escola Farnsworth. Estávamos chegando perto do campus.

— Ei, foi legal conhecer vocês.

Viramos rapidamente à direita. Com o canto da boca, Ema comentou:

— Uau, você é bom.

— Obrigado.

— Eu estava sendo sarcástica.

— É, eu também.

Ela parou de andar.

— Mickey?

— O quê?

— Como eu estou?

— Fantástica.

— Não puxe o meu saco.

— Não estou puxando.

Ema começou a roer uma unha.

— O que tem de errado? — indaguei.

— Eu gosto mesmo desse cara, ok? Sei que você quer desconsiderar isso porque a gente se conheceu pela internet. Mas sinto algo por ele. Sinto falta dele. A gente se comunicou de um modo que...

Senti uma pequena pontada. Esperei que ela continuasse, então perguntei:

— De que modo?

Ela balançou a cabeça.

— Deixa pra lá. Vamos.

No site, o campus parecia lindo; ao vivo, era melhor ainda. Os prédios de tijolos envelhecidos contornavam um vasto círculo de grama verde digna de um torneio de golfe. O gramado tinha sido cortado com esmero, formando um listrado perfeito. O círculo era tão grande que abrigava dois campos de futebol americano e um de beisebol. Agora os três estavam vazios, todo o campus estava

silencioso. Olhei o relógio do celular e depois consultei o horário das aulas.

— Jared está na aula de literatura comparada. Sai em vinte minutos.

— E enquanto isso a gente faz o quê?

Notei dois seguranças numa cabine. Um olhava para nós. Percebi como Ema deveria parecer deslocada para ele.

— A gente deveria sair das vistas. Essa escola é só para homens e, bom, você provavelmente se destaca.

Eu estava me referindo ao fato de ela ser mulher, claro, porém era mais do que isso. Aquele campus dava a impressão de ser bem careta e antiquado. Ema não parecia nem uma coisa nem outra.

— Com licença.

Eu tinha falado alguns segundos atrasado. As palavras vinham de outro segurança do campus. Era um homem pequeno, com um bigode tão grosso que parecia que alguém havia colado um porquinho-da-índia embaixo do nariz dele.

— Oi — falei.

— Você é aluno daqui? — perguntou o segurança.

Eu ia mentir e dizer que sim, mas não daria certo. O guarda pediria minha carteira de estudante, procuraria o meu nome numa lista ou algo do tipo. Eu estava pensando em como lidar com aquela situação quando Ema estendeu a mão, entusiasmada.

— Oi! — exclamou ela com sua falsa voz animadinha que era quase o oposto completo do tom normal. — Meu nome é Emily.

O guarda apertou a mão dela, hesitante.

— Ahn, prazer em conhecê-la.

— E o seu nome? — indagou Ema, ainda segurando a mão dele.

— Bruce Bohuny.

— Bom, prazer em conhecê-lo também, Sr. Bohuny! Ah, e este é o meu irmão Mickey.

Ela me indicou. Eu meneei a cabeça porque sou rápido em sacar as coisas.

— Diga oi ao Sr. Bohuny, Mickey.

— Ahn, oi.

O Sr. Bohuny e eu nos cumprimentamos.

Ema deu a nós dois seu sorriso de maior voltagem. Quem era aquela garota?

— Sr. Bohuny, meu irmão está visitando o campus porque quer estudar aqui e eu pensei em dar uma volta por aí com ele. Seria um problema?

— Veja bem, vocês precisam de passes de visitantes.

— Precisamos? — Ela franziu a testa para mim. — Mickey, você sabia?

— Não. Não sabia.

— Então vocês não têm passes de visitantes? — perguntou Bohuny.

— Sinto muito, *muitíssimo* — respondeu Ema, e pareceu mais do que lamentar, pareceu quase arrasada com essa falha. — O que nós deveríamos fazer, Sr.

Bohuny?

— O escritório de admissão fica naquele prédio da esquerda. — Ele apontou com o dedo e, aparentemente, com o bigode. — A entrada fica do outro lado do círculo. Lá vocês podem conseguir um passe. Posso levá-los, se vocês quiserem.

— Por favor, não se incomode — disse Ema, apertando a mão dele outra vez. — Já tomamos muito do seu tempo. Muito obrigada, Sr. Bohuny.

— Tudo bem.

Fomos na direção do escritório de admissão. O segurança ficou nos vigiando.

— Quem é você? — murmurei.

Ela deu um risinho.

— E agora? — perguntei.

— Continue andando.

— Você tem algum plano?

— Tenho. Você vai ter que falar sozinho com o Jared.

— Como?

— Vamos ao escritório de admissão. Dê o seu nome e diga que está interessado em estudar aqui. Você vai conseguir um passe de visitante.

— E você?

Ela balançou a cabeça.

— Não posso bancar a irmã lá. Eles podem pedir um documento. Vai parecer esquisito demais. Vá sozinho. Encontre o Jared. Eu espero vocês dois naquela delicatessen por onde a gente passou.

Ema não hesitou nem olhou para trás. Saiu do campus enquanto eu continuava até o escritório de admissão. Eu achei que conseguiria direto um passe e ir em frente, mas não era assim que funcionava. Precisei preencher formulários. Precisei mostrar minha identidade. Precisei marcar um passeio pelo campus às três horas e uma entrevista às quatro.

— Seria possível dar uma volta por aí? — perguntei quando terminei com a papelada. — Só queria passear pelo o campus sozinho um pouco.

A mulher atrás da mesa franziu a testa e pediu:

— Venha comigo um momento.

Epa. Acompanhei-a por um corredor com painéis de madeira. Retratos a óleo de homens sérios, ex-diretores, me olhavam com desaprovação.

Pareciam dizer “Seu lugar não é aqui” e, naquele dia pelo menos, era difícil questionar.

A recepcionista parou junto de uma porta e me deu uma longa olhada.

— Você é alto.

Eu não sabia direito como responder, por isso fiquei calado.

Ela abriu a porta e pegou um paletó azul.

— A escola tem um código de vestimenta rígido. Você não leu isso no folheto?

— Devo ter deixado escapar.

— Por sorte você está usando camisa com colarinho. Aqui está uma gravata.

Agradei. O paletó ficou meio apertado, mas serviria. Joguei a gravata no pescoço e comecei a dar o nó enquanto voltávamos para a recepção. Ela me deu um passe de visitante e disse para eu usá-lo na lapela. Obedeci.

Olhei a hora. A aula de literatura comparada de Jared acabaria em dois minutos. Peguei um mapa mais detalhado do campus no escritório de admissão e tentei não sair correndo de lá. A aula era na sala 111, no FeaglesHall. O quarto prédio à direita.

Fui rapidamente, num desajeitado passo corrido, e cheguei com alguns segundos de folga. O sino da torre tocou. Pude ouvir o som das cadeiras raspando na madeira. Os alunos começaram a sair. Fiquei encostado na parede perto da sala 111 e esperei. Era o próprio Sr. Casual. O Sr. Cuidando da Minha Vida.

Doze caras saíram da sala. Eu tinha visto uma foto de Jared Lowell.

Nenhum rosto batia. Além disso, Colherada dissera que ele era da minha altura, mas nenhum aluno tinha mais de 1,80 metro. Continuei aguardando, ainda encostado na parede como se a estivesse escorando, na esperança de que ele tivesse ficado para trás.

Alguns minutos depois, o professor saiu. A essa altura, o corredor estava vazio, exceto pelo Sr. Casual.

— O senhor gostaria de alguma ajuda? — indagou o homem.

Eu ia perguntar se Jared Lowell havia assistido à aula, mas já sabia a resposta. Se eu perguntasse onde Jared estava, bom, eu não teria aprendido minha lição sobre questionar sem pensar direito. Respondi que não, obrigado, e fui andando.

E agora?

Quando saí do prédio, fiquei pasmo de novo ao ver como aquele campus era espetacular. Como devia ser maneiro estudar ali. O gramado era uma sensação e, colina abaixo, a água cintilava ao sol. O que seria aquilo, o oceano Atlântico? Alunos remavam em simetria perfeita. O lugar inteiro cheirava a classe alta e riqueza. Esperei ver o início de uma caça à raposa ou um jogo de polo.

Talvez Jared estivesse doente naquele dia. Graças ao Colherada, eu sabia que ele morava no segundo andar da Casa Barna. Podia ver se ele estava lá. A outra opção era... o quê? Podia ir encontrar Ema nadelicatêssen, mas deveria ser difícil voltar ao campus sem provocar um monte de perguntas.

Valia a pena tentar. Eu não tinha muito a perder.

A Casa Barna devia ser o prédio mais novo da Farnsworth. Enquanto todos os outros eram de tijolos imponentes, aquele era esguio, de vidro fumê. Tentei a porta. Trancada. Era preciso um cartão-chave para entrar.

Esperei uns dez segundos. Um aluno abriu a porta por dentro. Eu sorri, segurei a porta para ele e entrei.

Sou um mestre na arte de invadir lugares.

Dois caras jogavam pingue-pongue num Wii conectado a uma TV de tela

gigante. Ainda usavam roupa social, mas as gravatas estavam afrouxadas ao ponto em que serviriam melhor de cintos. Grupos de rapazes estavam sentados dos dois lados dos combatentes, torcendo com uma empolgação que eu associava normalmente a jogos de futebol americano ao vivo. Havia uuhs, aahs e palavrões.

Fui para o segundo andar. Não sabia o número do quarto, mas por acaso não precisava. Os nomes estavam nas portas. Comecei a andar pelo corredor. Fiquei surpreso ao ver que todos os quartos eram individuais. Eu sempre tinha visualizado os alunos de colégios internos dividindo quartos.

Na terceira porta estava escrito JARED LOWELL e seu ano de formatura.

Ele estava mesmo no último ano. Bati à porta e esperei.

— Quem é você, de verdade?

Girei na direção da voz. Era o Topete Louro. Ele só usava uma toalha na cintura. O cabelo estava molhado e grudado na testa. Presumi que ele tivesse acabado de sair do chuveiro.

Ele esperava minha resposta.

— Meu nome é Mickey Bolitar. Estou procurando o Jared. Não quero fazer mal a ele.

— Então está procurando por quê?

— É uma história meio longa.

Ele só ficou parado, pingando, enrolado na toalha.

— Você viu a minha amiga — continuei.

— A gótica?

— Isso. Ela é amiga dele. Pelo menos pela internet. Ele parou de se comunicar de repente. Ela ficou preocupada.

Ele franziu a testa.

— Vocês vieram até aqui por causa disso?

A explicação parecia pouco convincente.

— É.

— E você veio com ela porque...?

— Ela é minha amiga. Estou tentando ajudá-la.

Ele permaneceu imóvel, pingando.

— Ela é algum tipo de assediadora cibernética ou algo do tipo?

— Não. Olha, só preciso ver o Jared para saber se ele está bem.

— Só porque ele parou de mandar mensagens para ela?

— É mais do que isso. Só preciso saber se ele está bem.

— Isso é esquisito. Você concorda, não é?

— Concordo.

Ele respirou fundo. Era surreal falar com aquele carinha de colégio chique enrolado numa toalha.

— Você joga basquete? — perguntou ele.

A gente ouve muito essa pergunta quando tem 1,93 metro.

— Jogo.

— Eu também. Meu nome é Tristan Wanatick. Sou armador do time daqui. Jared e eu somos capitães. Estamos no último ano. Era para a temporada ser ótima.

Senti um leve arrepio.

— Era para ser?

— Ainda vai ser — disse Tristan, tentando parecer desafiador mas sem sucesso. — Quero dizer, ele disse que iria voltar.

— O Jared?

— É.

— Então ele não está na escola?

Topete Louro balançou a cabeça.

— Onde ele está? — perguntei.

— Aconteceu uma coisa.

Outro arrepio, maior dessa vez.

— O quê?

— Não sei. Algum tipo de emergência de família. Ele saiu da escola há dois dias. Bem no meio do semestre. Pior: bem no início da temporada de basquete.

— Para onde ele foi?

— Para casa.

— E você não sabe por quê?

— Só sei que foi algo repentino. Mas para o Jared estar perdendo o basquete, deve ser uma coisa muito, muito ruim.

CAPÍTULO 24

PROMETI AO TRISTAN QUE avisaria a ele se descobrisse alguma coisa.

Não tínhamos mais nada a fazer ali. Ema e eu pegamos o ônibus seguinte de volta. Fui direto para o treino de basquete na escola. Era fantástica, claro, a sensação de desaparecer em meio ao suor, ao esforço e à beleza do jogo. Às vezes eu me perguntava como seria minha vida se não tivesse a quadra como válvula de escape.

Quando saí, fiquei surpreso ao ver um carro familiar me esperando.

Do tio Myron.

Ele baixou o vidro.

— Entre.

— Alguma coisa errada?

— Você queria ver sua mãe, certo?

— Certo.

— Entre.

Não precisou falar duas vezes. Dei a volta e me acomodei no banco do carona. Myron arrancou com o carro.

— Como você conseguiu permissão?

— Você disse que era importante.

— E é.

Myron assentiu.

— Eu expliquei isso a Christine.

Christine Shippee administrava o Instituto Coddington de Reabilitação, onde minha mãe estava em tratamento por causa do vício, e me falara explicitamente que ela não poderia receber nenhuma visita, nem do filho único, durante pelo menos mais duas semanas.

— E ela aceitou?

— Não. Ela disse que você não poderia ir.

— Então como...?

— Sua mãe não está na cadeia, Mickey. Está numa clínica de reabilitação. Eu ameacei tirá-la do programa se ela não deixasse você fazer a visita.

Uau, pensei.

— O que Christine respondeu?

Vi Myron apertar o volante com mais força.

— Que teríamos de encontrar outra clínica para sua mãe.

— O quê?

— Você garantiu que era importante.

— E é.

— Então entenda: Christine disse que, se violássemos o protocolo dela, se você

visse sua mãe, ela seria expulsa.

Eu me recostei na poltrona.

— E então? — perguntou ele.

— Então o quê?

— O que você quer fazer, Mickey? Quer ver sua mãe agora? Ou vamos deixar que ela fique no programa e receba a ajuda de que precisa?

Refleti sobre isso. Ele virou à direita, e à frente, a apenas 1,5 quilômetro, ficava o Instituto Coddington de Reabilitação.

— O que você quer fazer? — insistiu Myron.

Eu o encarei.

— Quero ver minha mãe.

— Mesmo que isso signifique ela ser expulsa do programa?

Cruzei os braços e falei com mais confiança do que sentia de verdade:

— Mesmo assim.

CAPÍTULO 25

— **NÃO ENTENDO** — **DISSE** Christine Shippee.

— Só preciso falar com ela. Não vai demorar.

— Ela está em crise de abstinência. Você sabe o que é?

— Sei.

— Ela está sofrendo uma dor tremenda. O corpo dela anseia pela droga.

Você não faz ideia de como essa parte é difícil para a pessoa.

Na minha vida, eu tinha aprendido a separar as coisas. Sabia o que ela estava dizendo. Mais do que isso, sentia as palavras dela. Fisicamente.

Como um soco forte na barriga. Mas eu havia chegado a uma percepção horrível. Aquela não era a primeira passagem de Kitty Bolitar por uma clínica de reabilitação. Minha mãe já havia sofrido a dor da abstinência, apenas alguns meses antes. Ela convencera todo mundo de que estava bem, depois saiu, sorriu para mim, me levou à escola e prometeu preparar meu jantar predileto com meu pão de alho favorito. Então eu fui para a escola, ela foi para um motel e aplicou aquele veneno de novo na veia.

Era por isso que ela havia retornado para ali.

— Não funcionou da última vez.

— Isso não é incomum — replicou Christine. — Você sabe disso.

— Sei.

— Mickey, estamos fazendo o melhor para ela. Mas eu falei sério: se você insistir em conversar com ela esta noite, vai violar nosso protocolo.

Não poderemos mais tratá-la.

— Lamento ouvir isso.

Christine olhou para Myron.

— Ele é menor de idade. Quem decide é você, não ele.

Tio Myron me encarou. Mantive o olhar fixo nele.

— Tem certeza? — perguntou ele.

Eu tinha.

Christine balançou a cabeça.

— Você sabe onde é o quarto dela — falou numa voz que era ao mesmo tempo de exaustão e exasperação. — Myron, você pode ficar comigo e assinar os papéis de liberação.

Ela apertou um botão e ouvi o zumbido familiar da porta. Abri-a e segui pelo corredor estreito. Quando encontrei minha mãe, ela estava dormindo. Os tornozelos e os pulsos estavam presos. Mesmo assim, me senti com alguma sorte. Eu a pegara num momento de paz, num sono profundo, livre da dor.

Por alguns instantes, fiquei parado na soleira, observando-a. Minha mãe tinha aberto mão da carreira de tenista — da fama, da fortuna, da paixão, de tudo —

para ficar comigo. Havia me amado, cuidado de mim durante toda a vida até... até que não pôde mais. Eu tinha ouvido dizer que o espírito humano é indomável, que não pode ser derrotado ou destruído e que, se você quiser alguma coisa de verdade, ele ganhará uma força imensurável.

Isso é uma tremenda cascata.

Minha mãe não era fraca. Minha mãe me amava de todo o coração. Mas às vezes a pessoa pode simplesmente pifar, como a geladeira idiota da Dona Morcega. Às vezes ela pifa e talvez não possa ser consertada.

— Mickey?

Kitty Bolitar sorriu para mim e, por um momento, seu rosto reluziu.

Era minha mãe de novo. Corri para perto da cama, transformado subitamente num garotinho. Tomei de joelhos, baixei a cabeça para o ombro dela e então pifei também. Solucei no ombro dela por muito tempo. Pude ouvi-la fazendo um som baixo para me acalmar, um som que ela já fizera cem vezes para mim antes, tentando me consolar. Esperei que ela pusesse a mão na minha cabeça, mas as amarras não deixavam.

— Tudo bem, Mickey. Sshh, vai ficar tudo bem.

Mas não acreditei nisso. Pior, não acreditei nela.

Voltei a mim, um pedaço de cada vez.

— Preciso perguntar uma coisa — consegui enfim falar.

— O que é, querido?

Levantei a cabeça. Queria olhar nos olhos dela quando perguntasse.

Queria ver a reação dela.

— É sobre o papai.

Ela se retraiu. Meus pais se amavam. Ah, claro, certo, um monte de pais se amam. Mas não assim. O amor dos dois era daqueles que dão vergonha.

O amor deles era tão completo e inteiro... O problema com esse tipo de amor, o problema em se tornar um só é: o que acontece quando um morre?

O outro também morre.

— O que é que tem o seu pai?

— Por que você mandou que ele fosse cremado?

— O quê? — Ela pareceu mais confusa do que chocada.

— Eu vi o documento que você assinou. Não estou com raiva nem nada.

Entendo. Mas não sei por que...

— Do que você está falando? Ele não foi cremado.

— Foi, sim. Você assinou o documento.

Os olhos dela chamejaram, cravando-se nos meus. Não creio que jamais tenha visto os olhos dela com tanta clareza.

— Mickey, escute. Nós enterramos seu pai em Los Angeles. Não mandei que ele fosse cremado. Por que você acha isso?

Ela esperou a resposta. Eu acreditei. Minha mãe não tinha estado num estupor

de drogas nem nada assim. Dava para ver no rosto dela. E podia enxergar outra coisa ali também.

Todos nós vínhamos fingindo.

Minha mãe não iria melhorar. Ela estava quebrada. Christine Shippee poderia consertá-la por algum tempo, mas ela iria pifar de novo. Só existia uma esperança para ela. Eu sabia. Quando meu pai morrera, ela também morrera. Era por isso que eu estava disposto a arriscar o tratamento. Era por isso que não me importava com as ameaças de ela ser expulsa da clínica. A reabilitação não iria adiantar. Naquele momento, sem o meu pai, era como colocar um curativo minúsculo num membro amputado.

Minha mãe estava perdida para sempre. Só havia uma esperança.

— Mamãe?

— O quê?

— Preciso que você melhore — falei, mantendo um tom firme.

— Ah, eu vou melhorar — garantiu ela, e, cara, isso pareceu uma mentira.

— Não, assim, não. Não como a última vez. As coisas mudaram.

— Não entendo, Mickey.

— Fique melhor, mamãe. — Eu me levantei. — Porque na próxima vez que eu voltar, vou trazer o papai.

CAPÍTULO 26

SAÍ DEPRESSA. CHRISTINE QUESTIONOU:

— Espere, aonde você vai?

— Não.

— O quê?

Dei meia-volta e a encarei.

— Ela fica. Eu só estive aqui alguns minutos. Por favor.

Ela olhou para mim, depois para Myron, que deu de ombros.

— Por favor — repeti. — Apenas confie em mim, certo?

Christine assentiu.

— Certo, mas... Mickey?

— O quê?

— Você não pode fazer isso de novo.

— Não se preocupe. Só vou voltar quando tudo tiver mudado.



No dia seguinte, eu estava indo para o treino na escola, quando Rachel me mandou um torpedão: **estou na filadélfia com meu pai.**

Digitei de volta: **parece divertido.eu disse a ele que sabia a verdade sobre minha mãe.como foi?**

Houve um pequeno atraso antes que ela respondesse: **nada bem.ainda. mas expulsei a mentira.**

Eu sorri. **ótimo.volto tarde esta noite. pode me contar tudo de manhã? claro.ótimo. na minha casa cedinho. vejo vc. se cuida.**

Porque sou o cara mais descolado do mundo, respondi: **vc também.**

Fiquei encarando o telefone até que uma voz me puxou de volta para o presente:

— Por que você está sorrindo?

Levantei a cabeça depressa demais.

— Por nada.

Ela franziu a testa.

— Certo.

— Não é nada. Alguém me mandou uma piada.

— Um dos seus novos amiguinhos? Aposto que foi engraçadíssima.

— O que houve?

— Adivinha quem arranhou um aparelho Betamax pra gente assistir à fita?

— Você?

— Não: Colherada. Se você puder deixar de lado a noitada com seus parceiros

de cesta hoje, talvez a gente pudesse ir ao hospital e ver a fita juntos.

— Estarei lá.

— Falou.

Ema foi embora. Eu me preparei para o treino. Uns caras estavam zoando por ali, eu cheguei junto e me enturmei; dane-se Ema e sua atitude.

Tudo bem se eu me divertisse um pouco, não? Vi o Brandon amarrando os tênis no canto. Ele me olhou e inclinou a cabeça como se perguntasse: *e aí?*

Fui até ele.

— Queria perguntar uma coisa — comentei.

— O quê?

— É sobre o Buck

— O que tem ele?

— Pelo que eu entendi, os pais dele estão divorciados.

— É. Acho que se separaram há três, quatro anos, não sei.

— Foi difícil para o Buck?

Brandon me encarou estreitando os olhos.

— Que diferença isso faz?

— Só estou achando tudo isso um pouco conveniente.

— O quê?

— O Buck morou a vida toda nesta cidade, certo?

— Certo.

— E, de repente, umas semanas depois de começar o último ano, ele precisa deixar os amigos e a escola e ir morar com a mãe?

Brandon deu de ombros.

— Não sou advogado, mas eles têm uma custódia compartilhada ou algo assim.

— E quando foi a última vez que você falou com ele?

— Não sei. Alguns dias antes de ele ir embora.

— Desde então você não falou mais com ele?

— Não.

— Nem SMS, e-mail, nada?

— Um SMS, acho. Talvez um e-mail.

— Não se despediram?

Agora Brandon pareceu entender.

— Não. Não houve uma despedida de verdade.

— E você não acha isso estranho? Vocês eram amigos de infância. Ele se muda para longe e não se despede?

Ainda sentado, Brandon olhou para mim.

— Qual é o seu ponto, Mickey?

— O timing.

Brandon ficou em silêncio.

— Olhe, eu só convivi com o Buck por pouco tempo. Ele não passou de um valentão. É só isso que eu sei dele. Mas quero mostrar uma coisa.

— O quê?

Fui andando pela fileira de armários até o corredor. Toda escola de ensino médio tem uma vitrine de troféus. Conduzi Brandon até lá e apontei para a foto do time do ano anterior numa placa, comemorando o campeonato do condado. Apontei para o Buck.

— O quê? — perguntou Brandon.

— Você não vê?

— Não. O que é?

— Talvez porque você visse o Buck todo dia. Dê uma boa olhada nele.

— Estou olhando. — Brandon era bem alto, por isso se encurvou para ver mais de perto. — O que eu deveria estar vendo?

— A foto foi tirada há um ano. Nem parece o mesmo Buck que eu conheço. Esse cara aqui deve ter uns 15 quilos a menos.

Brandon examinou a foto.

— E daí? Um monte de caras cresce entre o penúltimo e o último ano.

— Tanto assim?

— É claro. — Mas dava para perceber a dúvida na voz dele. — Pensandobem...—

O quê?

— Buck teve uma temporada de beisebol fantástica. A força extra realmente fez diferença na porcentagem de rebatidas dele...

A voz de Brandon se perdeu. Ele me encarou com intensidade.

— O que foi? — perguntei.

— Você deveria estar ajudando o Troy.

— É o que estou fazendo.

— Mais parece que está tentando arranjar uma acusação contra o Buck.

— Não estou tentando arranjar nada a favor nem contra ninguém. Estou tentando descobrir a verdade. Mas e se houver uma conexão entre o que aconteceu com o Buck e o que aconteceu com o Troy?

— Tipo o quê?

— Ainda não sei. Mas imagine se o Buck também teve resultado positivo no exame antidoping. Isso não explicaria por que ele trocou de escola de repente e não se comunica com ninguém?

Brandon desviou o olhar, pensativo.

— O que foi? — indaguei.

— Para o Buck sempre foi difícil.

— Como assim?

— A pressão em cima dele. Ser o irmão mais novo do Randy. Era mais do que apenas uma sombra da qual ele não conseguia escapar. Era uma sombra que

esmagava. Sei que você odeia o cara, e não posso dizer que você não tenha seus motivos. Mas muito do bullying do Buck era porque ele sempre se sentiu em segundo plano.

Levantei uma sobrancelha.

— Os pais não o abraçaram o suficiente?

— Ei, foi você que puxou o assunto. Mas pense bem. Nos últimos anos, o Buck precisou viver com o irmão superastro. A pressão devia ser enorme.

Pude sentir o rosto ficar vermelho.

— Não, não era.

— O quê?

— Isso é uma desculpa. — Tentei manter a respiração regular, mas Brandon deu um passo atrás. — Meu pai também precisou viver com um irmão que era superastro, lembra?

— Lembro.

Brandon olhou para os pés.

— O quê? — perguntei.

— Não quero ser cruel, Mickey, mas isso foi bom para ele?

Suas palavras me acertaram como um soco no estômago.

— Golpe baixo, Brandon.

— Não foi minha intenção.

— E meu pai não virou um sacana que chamava as garotas de vaca ou ameaçava espancar o aluno novo.

— Não — concordou Brandon gentilmente. — Ele não fez isso.

— Acho que você ia dizer um “mas”...

— Esqueça.

— Meu pai fez um bom trabalho. Ele ajudava os necessitados.

— E que tal o relacionamento dele com o irmão superastro?

Não acreditei que ele tinha tocado nessa questão.

— Quando ele e o irmão se desentenderam, Myron não era mais um superastro. Já tinha arreventado o joelho. A carreira de Myron estava acabada.

— Você está certo — disse Brandon, mas eu podia ouvir na sua voz que ele não queria continuar com aquilo. — Esqueça. Não estou inventando desculpas para o Buck, mas vamos cair na real. Buck estava sofrendo uma pressão enorme para mostrar resultado, para enfrentar o pique de ser irmão do Randy. Ai a gente acrescenta todos os problemas dele em casa, o divórcio dos pais...

— E o enorme ganho de peso dele — acrescentei.

— Não estou sacando, Mickey. O que você está tentando dizer?

— Não sei. Só estou imaginando se há alguma ligação. Buck sai de repente da cidade. O exame do Troy dá positivo para esteroides.

— Não vejo a relação.

— Nem eu. Ainda.

CAPÍTULO 27

Q UANDO ENTREI NO Q UARTO do hospital, Ema já me esperava. O Sr. Spindel estava trepado numa escada, mexendo nos fios atrás do televisor.

— Já está terminando, pai? — perguntou Colherada.

— Não sei por que você precisa disto aqui.

— Eu já disse. Rachel tem uma cópia de um episódio antigo dos *Smurfs* em Betamax. Nós queremos assistir.

O Sr. Spindel desceu da escada com a testa franzida.

— Essa deve ser a mentira mais fajuta que eu já escutei.

— Ou talvez seja uma coisa proibida para menores e totalmente imprópria — emendou Colherada.

O Sr. Spindel suspirou.

— Parece melhor do que *Smurfs*. — Ele terminou de ajeitar os fios. — É todo seu.

Em seguida pegou a escada e saiu do quarto.

Olhei para o aparelho antigo e perguntei:

— Onde você conseguiu isso?

— Em casa — respondeu Colherada. — Onde mais seria?

— Vocês ainda têm isso?

— Claro. Apesar de o Betamax ter perdido quase toda a fatia de mercado para os VHS em 1988, a Sony continuou a fabricá-los até 2002.

— Ceeeerto.

Ema colocou a fita no aparelho. Apertou o botão de *play*. Eu me sentei no canto direito da cama, na frente. Ema ocupou o esquerdo. Deixamos espaço suficiente entre nós para que Colherada assistisse.

A TV do hospital ficava montada na parede, na nossa frente. Naquele momento, a tela exibia estática cinza e branca. Esperamos. Dez segundos depois, a imagem clareou.

— Onde é isso? — perguntou Colherada.

Ema e eu nos entreolhamos.

— É o túnel.

— O que fica embaixo da casa de Dona Morcega?

— É — respondeu Ema. — Na verdade, é bem perto de onde a gente achou afita.—

Maneiro.

A câmera estava virada no sentido do corredor, vindo de um ponto relativamente próximo da casa e apontando para um local mais na direção da garagem. Durante dez segundos, nada aconteceu. Então, a câmera deu uma ligeira sacudida e ouvimos uma voz familiar: “Ah, sou tão desajeitada!”

De trás da câmera, apareceu Lizzy Sobek.

Estava usando aquela camisola branca e comprida, o cabelo grisalho descendo até a cintura. Parecia mais nova — era difícil dizer o quanto —, mas a pele estava menos enrugada. Ela se virou e olhou para a câmera. “Está ligada, Dylan?”

— Dylan? — perguntou Colherada.

— Dylan Shaykes — respondi. — É o nome do cara de cabeça raspada.

— O que segue você no carro preto?

— É.

— Por que esse nome me lembra alguma coisa? — perguntou Colherada.

— Lembra os anúncios sobre crianças desaparecidas, impressos nas caixas de leite de antigamente. Ele sumiu há 25 anos. Há pouco tempo, houve um monte de matérias sobre ele...

— E agora...?

— Ele trabalha para o Abrigo Abeona.

— Como nós.

— Sshh — fez Ema.

Na tela, Lizzy deu as costas para a câmera e abriu os braços: “Bem-vindos.”

Escutamos vozes distantes, mas não pudemos ver nada.

Dylan Shaykes, fora de vista, falou:

— Você está me bloqueando.

— Ah! — exclamou Lizzy. — Desculpe.

Ela ficou de lado. Estreitei os olhos para a tela. Quatro crianças — ou talvez fossem cinco ou seis, era difícil dizer por causa da distância — apareceram no corredor. Chegaram mais perto da câmera.

“Agora vocês estão em segurança”, garantiu Lizzy.

Uma das crianças se adiantou de modo desafiador. Ele pôs os punhos nos quadris, quase ao estilo do Super-Homem.

“Quem são vocês? Por que a gente está aqui?”

Ouvi Ema ofegar.

— Mickey?

Assenti, incapaz de falar.

O garoto parecia ter 12 anos. Aproximou-se da câmera — o suficiente para vermos que tinha cabelo cor de areia. A qualidade da imagem não era suficientemente boa para vermos os olhos verdes. As feições eram as mesmas. Imaginei que ele tivesse quinze ou vinte anos a menos, mas não havia dúvida nenhuma.

Era o Luther. Meu Carniceiro.

“Vamos explicar tudo no devido tempo”, respondeu Lizzy.

Mas Luther não aceitou aquilo: “Quero saber agora.”

As outras crianças avançaram. Uma parecia ter uns cinco anos a menos do que Luther. O menininho estava apavorado e confuso. Luther pôs os braços em

volta dele, num gesto protetor.

“Está tudo bem”, disse Lizzy com voz suave. “Ninguém vai machucar vocês, nunca mais.”

Outro menino, na extrema direita, começou a chorar. Lizzy foi até ele, com os braços abertos. Ele correu até ela. Lizzy acariciou seus cabelos. O quarto menino fez o mesmo e Lizzy o abraçou.

— Que negócio é esse? — perguntou Ema.

— Um resgate — respondeu Colherada.

— Shh.

Ainda reconfortando as duas crianças, Lizzy olhou para Luther e o outro menino. Luther balançou a cabeça. Ele apertou o garoto com mais força.

“Está tudo bem”, repetiu ela.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Luther.

“Vocês estão seguros aqui. Ninguém vai machucar vocês.”

De trás da câmera, ouvi Dylan: “Epa, acho que temos companhia.”

Lizzy se virou para ele. Pude ver algo parecido com medo nos olhos dela.

“Leve-os para o quarto seguro. Depressa.”

Ela virou de costas e disse uma palavra que fez meu mundo inteiro desmoronar: “Brad?”

E então a voz, ao mesmo tempo tão familiar e tão diferente: “Estou bem aqui.”

Meu pai adolescente se adiantou.

— Ah, meu Deus — falou Ema. — Esse é...?

Lágrimas escorriam livremente pelo meu rosto. Confirmei com a cabeça.

“Arranje comida e acomodações para eles”, mandou Lizzy ao adolescente que mais tarde se tornaria meu pai.

“Sim, senhora.”

Com o rosto sério, Lizzy voltou-se na direção da câmera. Passou por ela e desapareceu. Durante mais um ou dois segundos, pude ver todos: as duas crianças que ela estivera reconfortando, Luther com o braço em volta do outro menino apavorado e meu pai. Todos estavam ali, completamente imóveis, e então, com um estalo, a tela ficou preta.

CAPÍTULO 28

DURANTE ALGUNS INSTANTES, NENHUM de nós se mexeu. Só ficamos sentados olhando a tela da televisão.

— Agora tenho mais informações para usar — disse Colherada. — Luther desapareceu com outros três garotos há aproximadamente... o quê, vinte anos. Deve existir alguma coisa sobre isso na internet.

Assenti, entorpecido. Mal conseguia falar ou pensar desde que tínhamos assistido à fita.

— Mickey?

— O quê, Colherada?

— Vamos descobrir o que aconteceu com o seu pai, certo? Prometo.

Olha quem estava de repente fazendo promessas. Assenti, entorpecido.

Ema segurou minha mão.

— Você está bem?

Outra confirmação entorpecida.

— É só que... — Me interrompi e fiquei imóvel enquanto Ema segurava minha mão. — Depois que o meu pai foi morto, não olhei nenhuma foto dele.

Dói demais. Não sei. Eu não conseguia lidar com isso.

— A gente entende — afirmou Ema.

— Agora não só eu o vejo — aponte para a tela —, mas o vejo num vídeo feito antes mesmo de eu nascer. Então é...

Nenhuma palavra a mais queria sair.

— A gente entende totalmente — garantiu Colherada.

— Com certeza — concordou Ema.

Ema e eu ainda estávamos de mãos dadas. A sensação era boa.

— Talvez fosse bom ter uma distração — opinou Colherada. Em seguida, abriu o laptop e começou a digitar. — Como vocês devem lembrar, Jared Lowell mora na ilha Adiona, no litoral de Massachusetts. São necessários dois ônibus e uma balsa para chegar lá. Como o único dia nesta semana em que vocês não têm aulas nem treino de basquete é amanhã, tomei a liberdade de reservar duas passagens. Vocês vão ter que sair cedo de novo.

— Espere, não posso ir amanhã — reagiu Ema. — Prometi a mamãe que iria à peça dela em Nova York.

— Talvez seja melhor assim — comentei.

— O quê?

— Posso encontrar o Jared e falar com ele sem você. Talvez ele seja mais acessível assim.

Ema franziu a testa.

— Fala sério!

— Não, ele está certo — interveio Colherada. — Talvez seja melhor você não ir.

— Mickey vai sozinho? — perguntou Ema.

Então, me lembrei dos torpedos que tinha trocado com Rachel.

— Sozinho, não. Vou ter companhia.

CAPÍTULO 29

ADMITO QUE ESSE NEGÓCIO — ir até aquela ilha — pareceu exagero.

Ema e eu tínhamos desperdiçado metade de um dia indo até a Farnsworth na tentativa de encontrar Jared Lowell. Isso era uma coisa.

Fazia algum sentido. Mas agora estávamos na balsa, observando a ilha Adiona aumentar de tamanho à medida que nos aproximávamos, esperando, mesmo sem esperança, que talvez Jared estivesse ali, que nós o encontrássemos e esse mistério acabasse.

Balancei a cabeça.

— O que tem de errado? — perguntou Rachel.

O vento soprava o cabelo dela no rosto. Senti vontade de estender a mão e prendê-lo atrás da orelha, mas, claro, me contive.

— Quais são as chances de ele ao menos estar aqui?

— Jared? Ele mora aqui, não é?

— É.

— E o cara que você conheceu no colégio disse que ele tinha ido para casa, não é?

— É.

— Então eu diria que as chances são bem grandes.

Balancei a cabeça de novo.

— Não concorda? — indagou ela.

— Você acha que a gente vai simplesmente bater à porta e encontrar o cara em casa? — Franzi a testa. — Nunca é fácil pra gente.

Rachel sorriu.

— Verdade.

Mas foi exatamente isso que aconteceu.

A balsa levava dois tipos de pessoas. O pessoal no andar de cima parecia que estava indo a um jogo de críquete ou a um show equestre.

Alguns homens tinham suéteres jogadas sobre os ombros, com as mangas amarradas. Outros vestiam paletós de tweed. As mulheres usavam saias de tênis ou vestidos de verão em tons espalhafatosos de rosa e verde. Todos falavam com o queixo projetado e usavam a palavra *veranear*. Um cara usava um plastrão. Chamava a esposa de “flor”. Achei que era só um tratamento brega de casal, mas então percebi que era o nome da mulher.

Flor com F maiúsculo.

O outro tipo, do andar de baixo, era o que presumi que fossem trabalhadores diaristas ou domésticos. Eu tinha visto as mesmas expressões, os mesmos ombros descaídos no ônibus que ia de Kasselton de volta para Newark. Eu não sabia muita coisa sobre a ilha Adiona mas, a julgar pela balsa, era um parque de

diversões para o pessoal da burguesia endinheirada.

Quando saímos da balsa, Rachel ativou o GPS do seu smartphone.

— Os Lowells moram na Discepolo Street. Fica a menos de 1,5 quilômetro daqui. Acho que a gente deveria ir andando.

Era uma boa sugestão, especialmente porque não existia outra opção.

Não havia nada perto da área do cais. Nem táxis. Nem aluguel de carros.

Nenhum restaurante, lanchonete ou mesmo máquina de vender salgadinhos. As pessoas do andar de baixo se amontoaram em carrocerias de picapes. As de cima tinham conversíveis, carros antigos ou de marcas que a gente costuma associar a ricos.

Ao longe dava para ver casas chiques na beira d'água. Eram grandes, claro, mas não gigantescas ou novas. Não eram palacetes recentes, mas o que poderíamos chamar de construções “nobres”. A 800 metros do cais, passamos por um clube de tênis grã-fino, do tipo em que todo mundo só usa roupa branca, como se estivesse em Wimbledon ou algo assim.

Mais ninguém estava a pé, por isso recebemos olhares tortos. Rachel, claro, recebeu alguns olhares demorados, mas estava acostumada.

— Como foi com o seu pai? — perguntei.

— Vai ficar tudo bem.

— Você está com raiva de mim?

— Por ter me contado sobre minha mãe?

Assenti.

— Não. Eu entendo. Meu pai acha que foi errado. Acha que vou sentir culpa pelo resto da vida.

— Ele está certo?

Rachel deu de ombros.

— Estou sentindo culpa agora. Não sei como vou me sentir amanhã.

Mas o seu tio estava certo: prefiro viver com a culpa do que com a mentira.

— Ela apontou uma ladeira. — Vamos virar à esquerda ali.

Quando fizemos isso, entramos numa parte bastante diferente da ilha.

Se a ilha fosse uma balsa, agora estaríamos no convés inferior. Em vez de árvores luxuriantes, casas geminadas se enfileiravam dos dois lados das ruas. A arquitetura simples padronizada de tijolos indicava que não estávamos mais entre os endinheirados. Este era o problema das ilhas chiques para os ricos. Alguém precisava cuidar da fiação elétrica, da água e da TV a cabo. Alguém precisava aparar os gramados caros, ensinar a jogar tênis e limpar as piscinas.

Aquela rua sem graça, enfiada onde ninguém poderia ver, era onde viviam os trabalhadores e as pessoas que moravam ali de fato.

— Tem certeza de que estamos na rua certa? — perguntei.

— Tenho. — Rachel, em seguida, apontou para uma das casas de tijolos. —

É aquela, a terceira do lado esquerdo.

Balancei a cabeça.

— Jared frequenta um colégio interno caro. Que combina com esta ilha.

— Mas não com esta rua.

— E ele joga basquete. Parece que é muito bom.

— Será que tem bolsa de estudos?

— Faz sentido.

Chegamos a uma calçada rachada, de concreto, e fomos em direção à porta.

— E agora?

— Vamos bater.

Foi o que fizemos. E Jared Lowell atendeu.

Era alto e bonito, como nas fotos. Usava camisa de flanela, jeans e coturnos.

Olhou para mim, depois para Rachel, e seu olhar ali parou.

Grande surpresa.

Um sorriso lhe veio aos lábios.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Você é Jared Lowell? — perguntou Rachel.

— Isso mesmo. E vocês?

— Este é Mickey Bolitar — apresentou ela.

Jared me deu um cumprimento rápido, mas educado, com a cabeça.

— Meu nome é Rachel Caldwell.

Obviamente os nomes não significavam nada para ele. De dentro da casa, ouvi uma mulher gritar:

— Jared? Quem está aí?

— Já atendi, mãe.

— Eu não perguntei se você atendeu. Perguntei quem está aí.

Jared nos encarou como se esperasse uma resposta.

— Viemos a pedido de Ema Beaumont — expliquei.

Eu não sabia direito o que esperar. A resposta mais provável para tudo aquilo continuava sendo a mais óbvia: Ema tinha sido enganada. Esse tal Jared não fazia ideia de quem ela era e do que estávamos falando. Aquela visita confirmaria esse fato e poderíamos ir embora.

Por outro lado, nossa missão havia acabado no instante em que Jared Lowell abriu a porta. Ele não estava desaparecido. Nós o tínhamos encontrado. Ele estava em segurança. O resto — se ele era o cara que tinha ficado amigo de Ema pela internet ou não — era irrelevante.

Assim, eu esperava que ele dissesse “Quem?” ou “Não conheço nenhuma Ema Beaumont”, algo nessa linha. Mas não foi o que aconteceu. O rosto dele perdeu toda a cor.

— Jared?

Era a mãe dele outra vez.

— São só uns amigos da cidade! — gritou ele. — Está tudo bem!

Ele saiu e fechou a porta. Foi andando rapidamente pela calçada.

Rachel e eu o alcançamos.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou Jared.

— Somos amigos de Ema — respondi.

— E daí?

— Você sabe quem ela é, certo?

Ele não respondeu.

— Jared?

— É, sei quem ela é. E daí?

Jared olhou para a porta de casa, como se esperasse que ela se abrisse.

Apressou o passo. Nós o acompanhamos. Quando chegou à esquina, ele parou de repente.

— Que negócio é esse? — perguntou a mim. — Preciso ir trabalhar no clube daqui a pouco.

Agora que ele estava na minha frente, ouvindo, eu não sabia direito como explicar.

— Você, ahn... teve um relacionamento com ela — comecei.

— Com Ema, você quer dizer?

— É.

Ele deu de ombros.

— A gente se comunicava pela internet.

— Só se comunicavam?

Jared olhou para Rachel, depois de novo para mim.

— Por que isso é da conta de vocês?

Pergunta justa.

— Ela está preocupada com você — respondeu Rachel.

— Quem?

— Quem você acha? — reagi bruscamente. — Ema.

— E o que isso tem a ver com vocês dois?

— Vocês estavam se “comunicando” — fiz aspas com os dedos — pela internet, certo?

— E daí?

— Bom, Jared, você simplesmente sumiu. Por quê?

Ele balançou a cabeça devagar.

— Qual é o seu nome mesmo? Não faz mal. Isso não é mesmo da sua conta.

— Ele se virou para Rachel e seu rosto se suavizou. — Sem ofensa, Rachel, mas não sei se é da sua conta também.

— Não esqueceu o nome *dela* — murmurei.

— O quê?

Cheguei perto dele.

— Não se faz isso com uma pessoa.

— O quê?

— Você não para simplesmente de se comunicar com alguém assim.

Não desaparece sem avisar nada. Não deixa a pessoa no ar, desse jeito. É cruel.—

“É cruel?” — repetiu ele, virando-se para Rachel. — Esse cara existe?

— Eu concordo com ele — retrucou Rachel.

Jared engoliu em seco.

— Espere, eu mandei um e-mail para ela. Talvez, não sei, talvez tenha caído na caixa de spam ou algo assim.

— É — disse eu numa voz que pingava sarcasmo. — Parece provável.

Houve um som que atraiu a atenção dele. Olhei para trás. A porta da casa se abriu. Uma mulher que eu presumi que fosse mãe dele estava parada ali.

— Tudo bem, Jared?

— Ótimo, mãe. — Em voz mais baixa, acrescentou para nós: — Preciso ir agora.

Fiquei no caminho dele. Não exatamente o bloqueei, mas o gesto tinha alguma força.

— Espere um segundo. Nós dois viemos de longe.

— Para quê?

Eu e Rachel nos entreolhamos. Eu não tinha resposta. Jared Lowell não estava desaparecido. Não corria perigo. Pelo jeito ele era um sacana, mas isso não fazia com que precisasse ser salvo.

— Por que você parou de se comunicar com Ema? — perguntei de novo.

— Não é da sua conta.

De novo o olhar dele foi na direção de Rachel e uma percepção fria se alojou no meu cérebro.

— Ah, cara — falei.

— O que foi?

— Quando foi que você viu uma foto de Ema pela primeira vez?

— O quê?

Uma pequena semente de raiva começou a brotar no meu peito.

— Quando você viu uma foto de Ema pela primeira vez, Jared?

Ele deu de ombros.

— Não lembro.

— Não? Então talvez, e só estou supondo, tenha sido mais ou menos quando você decidiu não falar mais com ela?

— Eu já disse. A gente nunca se falou.

— Por e-mail, torpedo, tanto faz. Você sabe o que eu quero dizer. Foi quando você viu a foto dela pela primeira vez?

Vi uma coisa borbulhando por trás dos olhos dele.

— É? E daí? — Ele agarrou meu braço, me afastou de Rachel e falou em voz

baixa: — Cara, você me culpa mesmo? Quero dizer, olha só a garota com quem você está.

Eu já ia fechando o punho quando me lembrei de que a mãe dele estava junto à porta.

— Jared? — gritou ela.

— Já vou num segundo, mãe. — Ele se inclinou para perto de mim e manteve a voz baixa: — Olha, certo, talvez eu devesse ter avisado a ela.

Talvez devesse ter deixado mais claro, mas na verdade não era grandecoisa. — Para ela era.

— Isso não é problema meu.

— É, Jared, é, sim.

— O quê? Vai me bater, grandão? Defender a honra de Ema?

Cara, eu queria fazer isso. Queria dar um tremendo soco nele.

— Você não faz ideia da pessoa incrível que Ema é.

— Então por que não namora com ela? — Ele sorriu. — Eu ficaria feliz em tirar Rachel de você.

Rachel pôs a mão no meu ombro; era seu modo de dizer para eu ficar calmo.

— Não vale a pena — sussurrou ela.

— Olhe, vou mandar um e-mail para ela, certo? — garantiu Jared. — Vou fazer com que ela saiba. Você está certo. Mas, Mickey? É melhor sair da minha frente agora, porque uma coisa é certa: isso não é nem um pouco da sua conta.

CAPÍTULO 30

LIGUEI PARA EMA, MAS CAIU direto na caixa postal. Mandeí um SMS: **encontrei jared. está em segurança. ligue se tiver alguma pergunta.**

— Pisei na bola — comentei com Rachel.

— Como?

— Fiquei agressivo demais.

— Você ficou com raiva.

— É só... quando penso na Ema esperando em frente ao computador...

Rachel sorriu.

— Você é um doce.

Balancei a cabeça.

— Eu nem fiz a pergunta importante a ele.

— Qual?

— Por que Jared está em casa? Por que não está na escola?

— A gente não veio aqui para mudar a vida dele. Era pra gente encontrá-lo. Missão cumprida.

Eu sabia que ela estava certa. Jared havia sumido — e nós o tínhamos encontrado. Ponto final. Acabou.

Mas alguma coisa parecia muito errada.

Quando chegamos em casa, recebi um torpedo de BrandonFoley: **alguma novidade sobre o exame do troy?**

Refleti sobre isso. Simplesmente não estava engolindo que a mãe do Buck receberia de repente a custódia completa dele e que ele teria de se mudar. Claro, eu tinha ouvido alguns arranjos bem estranhos em casos de divórcio, mas quem iria fazer um cara de 17 anos, no último ano do ensino médio, mudar de casa?

A coisa *poderia* fazer sentido num vácuo — se só isso tivesse acontecido. Mas, na mesma época em que Buck decidiu ir embora, seu melhor amigo e companheiro no crime, Troy Taylor, fora apanhado num exame antidoping.

Coincidência?

Achava que não. Troy insistia em dizer que era inocente e a maioria dos caras do time parecia acreditar. Eu me pus a ligar os pontos na cabeça, tentando fazer as coisas ganharem sentido.

Meu cérebro começou a doer.

Eu precisava de mais informações, por isso, assim que deixei Rachel em casa, incólume, decidi que era hora de uma conversa de coração aberto com o Troy.

La mandar um SMS para ele, mas não tinha o número. Pensei em pedir ao Brandon, mas eu já estava na vizinhança. Uma das poucas coisas que eu havia aprendido era que nada substitua uma conversa cara a cara. Não, não vou reclamar dos celulares e de como a gente vive constantemente mandando

torpedos ou fuçando as redes sociais. Mas quando a gente quer informação, quando quer ver se a pessoa está dizendo a verdade ou mentindo, não há nada melhor do que olhar no olho e observar a linguagem corporal.

Pelo menos era o que eu achava.

Ao chegar à porta do Troy, hesitei antes de bater. Eu tinha estado ali antes. Mais ou menos. Rachel havia “distraído” o Troy — argh — para que Ema e eu pudéssemos entrar no escritório do chefe Taylor, perto da cozinha, nos fundos. Ah, bons tempos. Agora eu estava batendo à porta da frente, como uma visita de verdade.

E se o pai do Troy atendesse?

Dois segundos depois, a porta se abriu. O chefe Taylor, ainda de uniforme, apareceu. Seus olhos se estreitaram.

— Mickey Bolitar?

— Oi, chefe Taylor — falei animado demais.

— O que você quer?

— O... ahn... o Troy está?

O policial franziu a testa para mim durante mais alguns segundos.

Depois chegou para o lado e avisou:

— Troy está no porão.

— Obrigado.

Limpei os pés umas cem vezes no capacho e entrei na casa. Ele indicou uma porta do outro lado da sala. Eu a abri e comecei a descer.

— Troy?

Nada.

O cômodo estava escuro e silencioso. Continuei descendo a escada.

Uma claridade fantasmagórica fornecia alguma iluminação. Quando cheguei ao degrau de baixo, vi o que era: uma televisão grande e um jogo de videogame com um monte de sangue e tripas. Vi Troy largado num sofá especial para jogadores. Fones cobriam os ouvidos. O dedo dele dançava no controle.

Ele ainda não tinha me notado. Estava perdido no jogo, atirando, desviando-se, trocando de armas. Eu nunca havia sido fissurado em videogames porque, quando a gente morava no exterior, não tinha acesso.

Após retornar aos Estados Unidos, no início do ano, eu havia tentado jogar, mas não era muito bom. Como qualquer outra coisa, os videogames exigiam treino. Eu tinha começado a jogar tarde demais e não gostava de fazer coisas nas quais não fosse bom — talvez fosse uma fraqueza minha.

— Troy?

Ele ainda não me ouvia. Toquei no seu ombro. Ele deu um pulo, com os olhos arregalados, como se estivesse pronto para atacar. Quando viu que era eu, a confusão atravessou seu rosto por uma fração de segundo, mas foi substituída rapidamente por seu sorriso pronto.

— Oi, Mickey.

Eu não sabia o que achar daquele cara.

— Oi. Queria falar com você.

Ele tirou os fones e pousou o controle.

— Pode sentar.

Eu me sentei no sofá ao lado dele. Era estranha a sensação, estar naquele cômodo escuro, a única luz vindo da TV. Na tela, os personagens do jogo continuavam como se nada tivesse acontecido. Corriam, atiravam, mergulhavam e se escondiam.

— E aí? — perguntou Troy.

— Preciso perguntar a você sobre o Buck.

Ele pareceu surpreso.

— O que é que tem?

— Vocês dois são próximos, certo?

— Melhores amigos.

— Você ficou surpreso quando ele se mudou?

— Surpreso? Fiquei mais chocado. — Troy se virou mais para mim. — Por quê?

— Só é estranho.

— O quê?

— Você era próximo do Buck, logo talvez não tenha reparado. Ele ganhou muita massa entre as duas temporadas.

— Ele estava malhando pesado.

— Então pode ser só isso.

Os olhos de Troy se estreitaram, lembrando os do pai.

— Mas você não acredita nisso?

— Só fico pensando... Ele mostrava todos os sinais de que estava usando esteroides. Aumento de tamanho. Estava maldoso e agressivo. Ouvi dizer que ele teve uma temporada de beisebol muito boa.

— Fantástica. Ele teve uma grande melhora.

— Grande, é?

Troy pareceu incomodado com alguma coisa.

— O que foi? — perguntei.

— Você acha que o Buck podia estar tomando esteroides.

— É.

— Mas o que isso teria a ver comigo?

— Não sei. Talvez nada.

Troy desviou o olhar.

— O que foi? — repeti.

— Nada.

— Troy, você pediu minha ajuda.

— Eu sei. Mas não queria que a ajuda viesse às custas de um amigo.

— Não é isso que eu estou fazendo.

— Não?

— Só quero descobrir a verdade. Só isso. Então, o que está incomodando?

Troy respirou fundo.

— Buckse sentiu ameaçado por você.

Eu me recostei no sofá.

— Por mim?

— É.

— Por quê?

— Olhe, a gente tratou mal você. Já falei isso.

— O que isso tem a ver com o Buck?

Troy começou a mexer no controle do videogame.

— Quem sabe a gente pegou pesado porque, bom, nós sabemos como você joga bem.

Não falei nada.

— Nós cinco éramos os titulares do time de basquete desde sempre.

Mas um de nós iria perder a posição para você. Não seria Brandon, o pivô, nem eu, o armador...

Ele não concluiu o pensamento.

— Seria o Buck — completei.

Troy assentiu.

— Pense bem. Você sabe de toda a pressão que ele sofria porque o irmão dele é um superastro, não sabe?

— Sei.

— Agora acrescente você à equação. A coisa ficou ruim para ele. Ficou feia. Perder o posto de titular no último ano da escola...

Eu vi aonde o Troy queria chegar.

— Então você acha que ele tomou esteroides.

— Não estou dizendo isso. Ele é meu amigo. Mas, em algum momento, Brandon e eu quisemos que você entrasse. A gente sabia que você ajudaria o time a ganhar. Era só isso que importava de verdade para mim. — Ele se inclinou mais para perto. — Mas, veja bem, eu ainda seria titular. Buck é que estava na berlinda.

Ficamos sentados ali, no escuro, olhando os personagens do videogame alucinados.

— Ele não telefonou para mim — disse Troy.

— O Buck?

— É. Ele me mandou uns torpedos, mas não quis falar comigo.

— Por que será?

Troy deu de ombros.

— Não sei.

Meu telefone tocou. Era Ema. Me levantei e fui para um canto silencioso.

— Alô?

— Vocês acharam o Jared?

— Achamos. Cadê você?

— Acabamos de chegar em casa.

— Estou indo para aí.

CAPÍTULO 31

CONTEI A EMA TUDO SOBRE O ENCONTRO com Jared Lowell na ilha Adiona.

Ela ouviu com a atenção de sempre. Estávamos sentados na cozinha da mansão enorme que ela chama de casa. Niles, o mordomo, zanzava pela casa, mas sabia que era melhor não ficar no nosso caminho. A mãe de Ema, a atriz cujo grupo de discussão de fãs havia começado aquela coisa toda, ainda se achava em Nova York.

Quando terminei, Ema permaneceu em silêncio. Só ficou sentada à mesa da cozinha. Ela olhou para as mãos, cruzadas à frente. Comecei a estender a minha, mas parei. A linguagem corporal dela estava toda errada.

— Ema?

— Ele está mentindo.

Esperei que ela falasse mais. Ema continuou fitando as mãos. Começou a girar o anel de caveira de prata na mão direita.

— Quero mostrar uma coisa a você.

Ela pegou o smartphone e começou a mexer nos botões. Fiquei sentado quieto.

— Não queria fazer isso — disse ela.

— O quê?

— Mostrar esse e-mail a você. É o último que o Jared me mandou.

— Não precisa...

— Eu sei. E, sim, é muito pessoal. Por isso não quero mostrar de verdade. Mas preciso que você entenda. OK?

— Ok.

Com um suspiro profundo, Ema me entregou o telefone, que tinha uma capa preta com tachas prateadas. Ela era coerente, eu precisava admitir.

Havia ampliado a imagem na tela, logo não dava para ver o endereço acima da mensagem. Não deslizei a tela para ver. Se ela quisesse que eu visse tudo, teria deixado como estava.



Mal posso esperar para ver você. Mal posso esperar para tudo isso acabar e dizer o que está no meu coração e como eu mudei. Você me mudou, Ema.

Eu cometi muitos erros e ainda tenho uma coisa para fazer, mas, quando isso acabar, prometo que vou deixar tudo para trás. Vamos ficar juntos se você me aceitar.



Levantei os olhos.

— Só isso?

— É só isso que eu quero mostrar.

— Que negócio é esse de “se você me aceitar”?

— Não sei.

Devolvi o celular.

— Mas isso soa como um cara que mudou de ideia?

— Não, mas você sabe como os caras são.

— Sei — admitiu Ema, franzindo a testa.

— Jared escreveu dizendo que tinha mais uma coisa para fazer, depois poderia deixar tudo para trás. Do que ele estava falando?

— Não sei.

Matutei durante alguns segundos.

— Ele saiu da escola. Você acha que isso tem a ver?

— Acho que tem. A escola era muito importante. Ele é tão louco pelo basquete quanto você. — Ema verificou o telefone e o enfiou no bolso. — Ele disse por que estava em casa?

— Não.

— Você perguntou?

— Não.

— Por que não?

Lembrei-me do que Rachel tinha dito.

— Nós não fomos lá para mudar a vida dele. Nossa missão era encontrar o cara e verificar se ele estava em segurança.

Minhas palavras saíram mais agressivas do que eu pretendia. Tudo aquilo parecia estranho por algum motivo. Aquele e-mail havia me pegado um pouco desprevenido. Ema, uma garota de quem eu gostava bastante, tinha um relacionamento sério com um cara de quem ela estava a fim de verdade e com quem trocava palavras de... amor?

Eu queria não me importar. Mas não gostava disso.

Por um segundo — meio segundo, talvez menos —, pensei em perguntar quando ela havia mandado sua foto pela primeira vez. Teria sido mais tarde na relação, talvez logo depois de receber aquele e-mail? Sei que parece crueldade, mas eu tinha visto como Jared havia olhado para Rachel.

Seria isso? Será que a resposta era tão simples e tão superficial assim?

Minhas emoções se transformaram outra vez em raiva por Jared Lowell.

Mas fiquei quieto.

— Ele ainda pode estar correndo perigo — comentou Ema. — Ele podia estar escondendo alguma coisa. Podia estar tentando me proteger.

— Proteger como?

— Alguma coisa estava acontecendo na vida dele. Alguma coisa da qual ele

tentava se afastar para poder ficar comigo. Mas e se ele não conseguiu?

Ficamos sentados em silêncio.

— Do que ele estava tentando escapar?

— Não sei. Mas talvez a gente ainda precise descobrir.

CAPÍTULO 32

ESTAVA ESCURO Q UANDO FUI PARA CASA. Niles me ofereceu carona, mas eu queria andar. Precisava clarear a mente. A caminhada iria me fazer bem. Além de a casa de Ema ser enorme, ela ficava num terreno gigantesco.

Comecei a descer por uma entrada de veículos que devia ter mais de 300 metros.

Quando cheguei lá embaixo, vi o carro familiar do outro lado da rua.

Era preto com janelas de vidro fumê. Placa A30432. Durante o Holocausto, os prisioneiros de Auschwitz tinham números tatuados nos braços. Lizzy Sobek tinha sobrevivido ao campo de concentração. Sabe o número da tatuagem dela?

A30432.

O carro estava me esperando. Não fui na direção dele. Deixaria que eles dessem o primeiro passo.

A porta de trás foi aberta. Dylan Shaykessaiu, de terno escuro e gravata. Quando era criança e tinha cabelo encaracolado, ele havia sumido e nunca mais fora visto. Eu não sabia o que acontecera nem como ele entrara para o Abeona, mas ele já me vigiava havia um bom tempo.

O carro preto se afastou, deixando Dylan sozinho na rua comigo.

— Engraçado! — gritei.

— O quê?

— Nunca vi o motorista. Quem é?

Dylan não respondeu. Eu não esperava que ele respondesse.

— Vamos dar uma volta — disse ele.

Fomos andando juntos pela rua. Nenhum de nós falou durante os primeiros 100 metros. Cada um esperava o outro começar. Era estranho.

Eu sempre havia pensado que o meu... o que ele era, afinal? Meu mentor?

Meu superior imediato? Eu não sabia. Mas sempre achei que meu relacionamento com um cara assim seria mais do tipo professor-aluno, mestre-pupilo, como num filme de caratê. Mas não era. Ele estava do meu lado. Eu sabia disso. Fazia muito tempo que ele era do Abeona e, sem dúvida, me ajudaria numa situação de dificuldade, mas sempre existia uma tensão entre nós.

— Você está com uma coisa que não é sua — afirmou Dylan.

— O quê?

— Uma fita.

— Ah, certo. Bom, já que meu pai aparece nela, acho que ela meio que pertence a mim também.

Continuamos andando.

— Meu pai ajudou a resgatar o Luther, não foi?

— Foi.

— Então por que o Luther é nosso inimigo agora?
— É uma longa história.
— Eu posso andar mais devagar se você quiser.
— Você ainda é novo nisso.
— Não tão novo assim.
— Você sabe quem era Abeona?
— Uma deusa romana que protegia as crianças.
— Algo assim. Para ser mais exato, Abeona é a deusa romana das viagens de partida. Ela vigia as crianças quando saem de casa pela primeira vez para explorar o mundo.

— Certo. E há quanto tempo o Abrigo Abeona existe?

Ele sorriu.

— Ninguém sabe.

— Como assim?

— Eu fui chamado. Você foi chamado. Lizzy Sobek foi chamada. Outros foram chamados antes dela. Outros serão chamados depois de nós.

— E você não sabe quando isso começou?

— Não.

— Quem chama a gente?

— Agora? É Lizzy Sobek. Um dia teremos um novo líder. — Ele sorriu para mim. — Eu estive nas duas pontas, Mickey. Sou um resgatador. E fui resgatado.

Eu me lembrei do serviço “memorial” para o menininho chamado Dylan Shaykes.

— Todo mundo acha que você morreu.

Ele seguiu em frente.

— Até o seu pai.

— É.

— Você se sente à vontade com isso?

— Ele é o motivo para eu ter sido resgatado. O meu pai... — Dylan fechou os olhos por um segundo, como se sentisse dor — ... era um homem cruel.

— Dona Morcega salvou você?

— O nome dela é Lizzy Sobek.

— Eu sei. Mas é perigoso usar o nome verdadeiro, não é?

Ele assentiu.

— Bom argumento. É. Ela me resgatou. Eu estava no hospital. Meu pai tinha me machucado. De novo. Eu disse aos policiais que tinha caído da escada. De novo. Acho que eles não acreditaram, mas meu pai podia ser um homem muito convincente quando queria. Eu me lembro de estar sentado no quarto do hospital, pensando em me machucar outra vez. Para poder ficar mais tempo. Não queria voltar para aquela casa. Estava apavorado. —

Ele coçou o queixo. — Sabe aqueles recipientes de agulhas descartáveis?

Confirmei com a cabeça.

— Tentei quebrar um. Para pegar uma agulha. Pensei que poderia usar a agulha como arma ou...

— Ou o quê?

— Ou eu poderia me matar.

Talvez houvesse sons ao nosso redor. Talvez carros passassem ou crianças brincassem em algum lugar ali perto. Mas eu não ouvia nada.

— Dona Morcega entrou. Estava vestida de enfermeira. Ela me levou embora.

— Para onde?

Um pequeno sorriso veio aos seus lábios.

— Para onde você acha?

Lembrei-me da fita que ele queria.

— Para aquele túnel?

— É. Durante muito tempo, era ali que a gente escondia os resgatados até arranjar um transporte seguro. Há uma porta lá embaixo. Ela pode ser escondida com uma parede falsa.

— Eu vi.

— Quando encontrou a fita?

— É.

— Enfim, foi ali que eu fiquei nas duas primeiras semanas. A repercussão midiática era tão grande que eles não podiam me transportar.

O quarto tinha um monte de comida enlatada, um toalete e um chuveiro. É à prova de som, portanto se, digamos, uma criança apavorada começasse a chorar, a polícia ou um visitante xereta não ouviria. Havia dois outros garotos comigo ali. Um já estava lá quando eu cheguei. Outro chegou uns dias depois. Até que fomos transferidos.

— Para onde?

— Um lugar seguro. Nós nunca ficamos sabendo para onde as crianças vão. Isso faz parte do modo de trabalho do Abeona. Nós separamos as coisas. Por isso não sei o que aconteceu com aqueles garotos.

— E você?

— Fui mandado para a Inglaterra. Cresci na cidade de Bristol.

Isso explicava o sotaque. Tudo fazia sentido. Ninguém sabia sobre aquele túnel. Era possível chegar lá escondido, passando pela floresta e entrando pela garagem.

— Acho que eu fiz besteira.

— Perdão?

— Vocês não podem mais usar o quarto secreto. Agora sei o que Dona Morcega quis dizer. Agora a polícia sabe. Se mais crianças sumirem, é o primeiro lugar onde vão procurar.

— Verdade. Mas de qualquer modo a casa já era. Nós ainda usávamos o túnel.

Mas aquele quarto secreto... — Uma sombra perpassou seu rosto. —

Paramos de usar há muito tempo.

— Não entendo.

— Nós o lacramos. Não é aberto há anos.

— Por quê?

Dylan ficou em silêncio.

— Por que vocês pararam de usar o quarto?

— É isso que eu preciso que você entenda, Mickey.

— O quê?

— Você assistiu à fita com Luther e o seu pai?

Parecia que alguém tinha encostado a mão fria na minha nuca.

— Assisti.

— Aqueles garotos foram os últimos a usar aquele quarto secreto.

CAPÍTULO 33

DYLAN COMEÇOU A ANDAR mais depressa.

— Espere! — gritei. — O que aconteceu?

— Nós salvamos uma menininha uma vez. Não vou contar os horrores que ela teve de suportar. A mãe dela havia feito coisas inimagináveis. Mas a garota ainda achava que aquela mulher era a mãe dela. Não conhecia outra vida. Achava que amava aquela mulher má. É o que acontece. Você fica ligado à pessoa que comete os abusos, especialmente quando você é uma criança pequena e não conhece outra vida.

Colherada tinha dito algo do tipo. Algo sobre a síndrome de Estocolmo.

Eu me lembrei de como Luther se mostrou desafiador na fita.

— E com o Luther foi assim?

— Foi.

— O que aconteceu?

— Naquela noite, o seu pai cometeu um erro.

— Que tipo de erro?

— Alguém o tinha visto.

Me recordei da gravação.

— Ele foi seguido até a casa.

— É.

— Foi então que vocês começaram a entrar em pânico. Eu vi na fita.

Dylan assentiu.

— E quem era?

— A polícia estadual.

— Eles revistaram a casa?

— Revistaram.

— Mas não acharam os meninos.

— Não. Eles estavam no quarto secreto. A parede falsa cobria a porta.

Luther estava gritando por socorro.

— Mas a polícia não escutou.

Dylan pareceu estar sofrendo.

— Exato.

— E o que aconteceu?

— Você notou o menino menor na fita. O que Luther abraçou?

— Notei.

— O nome dele era Ricky.

Ele falou “era”.

— Ele não era irmão biológico nem adotado de Luther. Mas, em muitos sentidos, Ricky significava mais do que isso para o Luther. Os dois tinham passado

pelo inferno juntos. Luther sempre o protegera.

— O que aconteceu com ele?

Dylan respirou fundo e soltou o ar.

— Morreu.

Senti um aperto na garganta.

— Como?

— Você precisa entender. Os policiais estavam vigiando a gente. Até levaram Lizzy Sobek à delegacia para fazer perguntas. Nós temos uma advogada poderosa na equipe do Abeona. Ela nos ajudou a sair da situação.

Mas aquele quarto tinha um problema. Não havia comunicação com ele.

Não havia um sistema de som. Queríamos garantir que ninguém pudesse entrar ou sair. Como eu disse, ele era à prova de som. Todas essas precauções tinham salvado crianças no correr dos anos. Mas, se alguma coisa desse errado, poderia se passar um tempo até que soubéssemos.

— E o que aconteceu?

— Ricky era uma criança doente. Costumava ter convulsões. Quando Brad os resgatou, houve um caos. Ele precisou correr. Luther avisou que precisavam voltar e pegar o remédio do menino. Mas seu pai não teve chance. Não foi culpa dele, claro. Normalmente teríamos cuidado disso de imediato. Teríamos apanhado os medicamentos. Isso fazia parte do nosso protocolo. Sempre perguntamos sobre isso quando elas chegam.

— Mas não naquela noite.

— Não. Naquela noite, quando a polícia chegou, não tivemos tempo.

Ricky teve uma convulsão forte.

— E morreu?

— Morreu. — Dylan Shaykes olhou nos meus olhos. — Dá para imaginar?

Ver a única pessoa que você já amou morrer no chão, na sua frente.

Batendo na grande porta de metal. Gritando por socorro.

— E ninguém podia ouvir.

Dylan assentiu.

— Depois disso, lacramos o quarto. Desde então, ninguém entrou lá.

Andamos mais um pouco em silêncio.

— Luther nunca perdoou, não é?

— Ele fingiu perdoar. Mas foi só para ser colocado num lar adotivo.

Assim que saiu, ele fugiu. Não sei por onde andou. Ele culpou todos nós, mas principalmente o seu pai. Jurou que iria se vingar.

— O que ele fez com meu pai?

— Não sei.

— Eu o vi. Há oito meses. Estava vestido de paramédico. Ele levou o meu pai.

— Eu sei.

— Mas Dona Morcega acha que meu pai está vivo.

— Eu sei.

— E você?

Dylan me encarou e eu vi a resposta antes que ele a dissesse:

— Não.

Engoli em seco.

— Você acha...?

— Que Luther matou seu pai. É. Eu o vi, Mickey. Vi a fúria dele. No creio que ele o tenha poupado. Acho que ele o levou embora e o matou.

— Foi por isso que ele queimou a casa? Por vingança?

— Imagino que sim.

— E ele ainda está solto.

— Está.

— Então vocês ainda não estão em segurança.

— Nenhum de nós está, Mickey. Nenhum de nós está em segurança.

CAPÍTULO 34

CHEGUEI EM CASA EXAUSTO.

Pensei em mandar um torpedo para Ema e colocá-la a par do meu encontro com Dylan Shaykes, mas, assim que minha cabeça bateu no travesseiro, fui apagando. Aquilo poderia esperar. Na verdade, provavelmente seria melhor repassar tudo com ela cara a cara.

Caí num sono profundo.

Quando acordei para ir à escola na segunda-feira, peguei um caminho um pouco diferente para evitar a casa da Dona Morcega. Não sabia direito o motivo. Ou talvez soubesse, mas não queria pensar nisso.

Antes eu tinha pensado em todas as crianças resgatadas naquela casa.

Agora, pela primeira vez, comecei a pensar num menino específico que acabou morrendo preso num quarto. Eu detestava Luther. Detestava o que ele fizera comigo e com minha família. Um dia esperava encontrá-lo e exigir justiça.

Mas agora parte de mim entendia. Parte de mim se perguntava como devia ter sido ficar trancado num quarto, olhando a única pessoa que a gente ama morrer — sem poder fazer nada a respeito.

Dona Morcega tinha me explicado logo no início que nem sempre os mocinhos vencem. Nós salvamos o máximo que podemos. Há um antigo provérbio árabe que diz que, quando uma pessoa morre, um universo inteiro morre. O oposto também é verdade: se você salva uma vida, ao menos uma, salva um universo.

Mas não é possível salvar todos.

Faltavam uns três quarteirões para a escola quando ouvi um carro se aproximar. Era um esportivo vermelho. Troy estava dirigindo e parou perto de mim.

— Quer uma carona?

— Claro.

Deslizei para o banco do passageiro. O carro era bem baixo. Eu parecia estar praticamente sentado na rua. Troy engrenou a marcha e nós partimos a toda.

— Pensei um bocado no que a gente conversou — começou Troy. — Sobre o Buck

— Uhum. E...?

— Estou tentando pensar num modo de dizer isto... — Ele passou a mão na cabeleira densa, mantendo os olhos focados na rua. — Parte do motivo para eu ter pegado pesado com você, quando você apareceu, tinha a ver com o seu tio. Myron e meu velho não se dão bem.

— Deu para perceber. Você sabe por quê?

Troy balançou a cabeça.

— Isso vem do tempo do ensino médio. Meu pai era o capitão do time de basquete no último ano quando Myron estava no segundo.

Nenhum de nós precisou falar *igual à gente*.

— E o que aconteceu?

— Não sei. Você sabe?

— Não faço ideia.

— Mas eles ainda se detestam, tantos anos depois — comentou Troy.

— É.

— Mickey?

— O quê?

— Não quero que o nosso destino seja igual.

Eu quis dizer alguma coisa, tipo *eu também não* ou *não vai ser igual*, mas tudo aquilo parecia idiota demais na minha cabeça. Deixei passar.

Observei Troy dirigindo. Ultimamente, ele parecia muito perturbado, mas não como agora.

— O que você está escondendo? — perguntei.

Seu maxilar se contraiu, como se ele estivesse se controlando para não contar nada.

— Troy, se você quer minha ajuda...

Ele virou o volante rapidamente para a esquerda e depois diminuiu a velocidade até parar. Ainda faltava um quarteirão para a escola.

— Buck é meu melhor amigo desde os 6 anos, desde que a gente estudava com o Sr. Ronkowitz no primeiro ano do ensino fundamental. —

Ele parou o carro e se voltou para mim. — Você tem algum amigo assim, Mickey?

Senti uma pontada forte no peito.

— Não. Nenhum.

— Você e Ema... São bem próximos, certo?

— Certo.

— Imagine se vocês fossem assim desde os 6 anos. Quero dizer, não é que amigos precisem se conhecer há muito tempo. Mas... desde que a gente estava com 6 anos. Tá entendendo?

— Acho que sim.

Troy fechou os olhos e suspirou fundo.

— Buck estava tomando esteroides.

Por um momento, ficamos imóveis, dois caras num carro estacionado numa rua secundária, sem falar nada. Deixamos a revelação pairar entre nós. Por fim, perguntei:

— Desde quando?

— Não sei. Entre abril e junho do ano passado.

— Ele simplesmente admitiu isso?

— A princípio, não. Mas eu perguntei. Dava para ver que ele estava ganhando massa. Ele disse que eu também deveria tomar. Eu falei que não precisava. Aí, depois que você apareceu, ele começou a me pressionar um pouco mais. Começou a avisar que eu sempre tinha sido o maior pontuador, mas que, se eu não melhorasse muito, você iria tomar meu lugar. Coisas assim. E ficou mais raivoso, sabe como é?

A raiva era um dos muitos efeitos colaterais do uso dos esteroides.

Você começa a perder as estribeiras com facilidade. Fica sombrio, violento e até suicida.

Troy balançou a cabeça de novo.

— Eu deveria ter feito ele parar. Quero dizer, eu vi as mudanças mas não fiz nada. E aí... Buck começou a me tratar de forma diferente.

— Como assim?

— Uma vez meu pai disse que os relacionamentos nunca são cinquenta por cento de cada lado. Que o fundamental era entender isso. Às vezes podem ser noventa e dez, às vezes oitenta e vinte. Mas se você pensar que é sempre meio a meio, vai acabar encrencado.

— Certo.

— Eu era o líder; Buck, o seguidor. Era assim, não foi nada pensado.

Mas, nas últimas semanas, foi como se... tipo... de repente isso o incomodasse.

— O fato de você ser o líder?

— É. Acho que foram os esteroides. Buck começou a direcionar a raiva contra mim também.

Refleti sobre isso por alguns instantes.

— Buck queria que você também tomasse esteroides.

— Sim.

— Ele ficou chateado quando você não tomou?

— É. Quero dizer, ele falou algo como “você acha que é bom demais para isso” ou sei lá o quê. Não lembro as palavras exatas.

— E como o Buck estava conseguindo os esteroides?

Troy fechou os olhos.

— Ah, cara.

— O quê?

— Não quero responder.

— Troy, eu estou tentando ajudar.

— Isso fica entre nós, ok?

— Onde ele conseguia?

Os olhos de Troy se abriram. Ele me encarou.

— Com o irmão dele.

Acho que ofeguei alto.

— Com o Randy?

Troy assentiu.

— Ele vende na academia do pai. Um monte de gente sabe disso.

— Mas o Randy tem uma carreira enorme pela frente. Por que ele colocaria isso em risco?

— Está falando sério?

— Estou.

— Como você acha que ele conseguiu essa carreira enorme? Você sabe quantos atletas fazem isso: profissionais, universitários, até do ensino médio? É praticamente uma epidemia. Alguns são apanhados, mas, em geral, eles sabem como mascarar o resultado. Todo mundo está procurando uma vantagem, Mickey. O outro cara está fazendo, então eles fazem também. O outro cara vai ganhar aquela bolsa na universidade e você quer igualar as chances. Depois de um tempo, eles nem consideram trapaça.

Acham que isso significa nivelar o jogo.

Engoli em seco.

— Era assim que você se sentia, Troy?

— O quê? — Ele pôs a mão no peito. — Não. Olhe, estou contando sobre a realidade. O fato é que eu não preciso disso. Sou armador. Meu jogo é mais de sutileza. Mas eu entendo. Você não?

— Não. Eu não iria trapacear.

— Sério? Dá para ver o quanto você ama o basquete. Imagine se todo mundo tomasse um comprimido que deixasse o cara maior e mais forte e você ficasse para trás e fosse cortado do time? E o único motivo era que eles estavam tomando o tal comprimido. Está dizendo que *nunca* tomaria?

Que iria aceitar ser cortado e olhar outros ocupando seu posto?

Eu me remexi no banco.

— Essa não é a realidade.

— Mas é assim que alguns caras começam a enxergar. Você tem um talento especial. Não precisa se preocupar com isso. Ou talvez, olhe, talvez eu esteja tentando justificar o que um amigo fez. Não sei.

Deixei que os fatos se sedimentassem na minha cabeça. Segundo Troy, Randy Schultz vendia esteroides. Seria verdade? Como eu poderia verificar isso?

Tio Myron talvez soubesse.

Me lembrei da cena tensa que eu tinha testemunhado uma semana antes, na academia do Schultz. O que estava acontecendo entre Myron e Randy? Que tipo de ajuda os Schultz queriam e que, como advogado, meu tio não podia me contar?

— Tem outra coisa — disse Troy.

Esprei.

— Eu não pensei muito nisto antes de toda essa história, e mesmo depois.

Quero dizer, Buck ainda é meu melhor amigo. Eu não acreditaria...

— Não acreditaria em quê?

— Sabe o barracão atrás da praça?

De um lado da praça de Kasselton ficava a escola do ensino médio. Do outro, um punhado de prédios municipais e a Associação Cristã de Moços.

— Não, na verdade, não.

— Fica atrás da prefeitura, perto da ACM.

— Certo.

— Enfim, alguns dias antes de fazerem os exames, eu tinha combinado de me encontrar com o Buck na praça. A gente ia dar umas voltas correndo.

A praça era um círculo de 800 metros de perímetro, um local popular para corridas.

— Eu cheguei cedo — continuou Troy — e vi uma coisa esquisita.

— O quê?

— Vi o Randy e o Buck entrando no tal barracão.

Eu estava ficando confuso.

— O que fica atrás da prefeitura?

— Isso.

— Que tipo de barracão é?

— Bom, foi o que procurei saber. O lugar é de propriedade da academia Schultz.

— Então o barracão é deles?

— Acho que é. Por isso eu fui atrás. Quando eles me viram, piraram de vez.

— Piraram como?

— Fecharam as venezianas, saíram e fingiram que não era nada. Mas eu vi uma coisa.

— O quê?

Após um tempo, Troy respondeu:

— Tubos de ensaio.

Não entendi.

— Você perguntou ao Buck sobre isso?

— Não.

— Por que não?

— Eu achei... bom, achei que eles tinham alguma coisa a ver com os esteroides. Como se fosse o depósito ou sei lá o quê.

— Você não acha mais que era isso?

— Não sei. Mas foi a última vez que o Buck e eu conversamos. Depois disso, tudo mudou. Agora ele foi embora e eu fui expulso do time. Por isso estou pensando no que você disse. Estou pensando naquele barracão. Acho que lá dentro tem algum segredo que pode dar todas as respostas pra gente.

CAPÍTULO 35

TROY E EU COMBINAMOS DE NOS ENCONTRAR naquela noite na praça e dar uma olhada no barracão encobertos pela escuridão. Eu esperava conversar com Ema no almoço porque precisava mesmo da opinião dela sobre Luther e o meu pai, para não mencionar o que Troy tinha contado sobre Bucke o irmão dele. Porém, nesse mesmo horário, Ema tinha que se encontrar com a Sra. Cannon, sua professora de matemática, para receber uma ajuda extra. Ela ia fazer uma prova importante.

As responsabilidades escolares não esperam adolescente nenhum. As responsabilidades escolares não se importam com os problemas da gente.

Por volta das duas da tarde, recebi um SMS do Colherada: **encontrei uma coisa importante. quando vc pode vir?**

A mensagem também estava direcionada a Ema e Rachel. Respondi que iria logo depois do treino. Ema escreveu que tinha dever de casa, mas nos encontraria. Rachel disse que ia fazer uns testes para o teatro — tentaria ganhar o papel de Éponine na produção escolar de *Os miseráveis* —, logo não poderia ir, mas esperava que alguém lhe contasse tudo mais tarde.

Nossa equipe.

Pensei em nós quatro. Que chance tínhamos contra caras como o Luther? Por um lado, nenhuma. Por outro, tínhamos nos saído bastante bem até aquele momento.

Assim que o treino acabou, tomei banho, troquei de roupa e fui correndo ao hospital. Àquela altura, a mulher da recepção já me conhecia.

Ela me entregou um passe com o máximo de discrição. Peguei o elevador até o andar dele.

Quando passei pela sala de espera destinada aos familiares, vi a Sra.

Spindel sentada no canto, voltada para a janela. Seus olhos pareciam bolas de gude espatifadas. Parei e engoli em seco. A gente não se falava desde minha primeira visita depois que o Colherada levou o tiro. Ela me disse, na bucha, que me culpava:

Ah, eu sei que foi culpa sua...

Como se sentisse minha presença, a Sra. Spindel se virou para mim.

Por um momento, apenas me encarou. Eu não sabia direito o que fazer.

Acenar um olá parecia idiotice. Me preparei para outra dose de fúria merecida. Mas ela me surpreendeu:

— Obrigada, Mickey.

— Pelo quê?

— Por estar aqui. Por ser amigo dele.

Balancei a cabeça. A acusação anterior dela havia doído, mas de algum modo

aquele comentário doía mais. Eu era amigo do Colherada? Que grande amigo...

— Como ele está? — perguntei.

— Nada mudou.

Senti vontade de dizer algo encorajador, mas isso parecia ser exatamente a coisa errada. Meneei a cabeça e esperei.

— Desculpe — falou ela. — Eu fui muito dura com você. Espero que você entenda...

— A senhora estava certa.

— Não, Mickey, não estava. A culpa não foi sua. Posso ver como você gosta dele e como ele gosta de você. Isso é raro e especial. É só que, desde que você chegou à cidade...

As palavras dela ficaram no ar. Não precisava terminar o pensamento.

Entendi. Antes eu queria voltar aos Estados Unidos. Queria criar raízes numa cidade como Kasselon. Queria estar matriculado numa escola de verdade e jogar num time de verdade; apesar de amar a vida de viagem com meus pais, ansiava por alguma normalidade.

Por isso, meus pais amorosos cederam aos meus desejos.

Agora meu pai estava morto. Minha mãe era viciada em drogas. E meu novo amigo estava numa cama de hospital, incapaz de mexer as pernas.

Pensei no que Dona Morcega dissera, que o Colherada era destinado a grandes coisas. Quis contar isso à mãe dele, mas sabia que soaria idiota. Eu não entendia Dona Morcega, Elizabeth Sobekou sei lá como ela se chamava.

Sempre esperei que minha velha mentora fosse mais gentil, mais doce, ou alguém com quem eu pudesse me relacionar. Dona Morcega não era nada disso. Eu sempre me sentia mais perplexo depois de estar com ela. Às vezes pensava que ela possuía poderes especiais, mas aí acontecia alguma coisa que me fazia despençar de volta à realidade.

Ali não havia destino. Nenhum vencedor determinado antecipadamente. Poderíamos vencer. E poderíamos morrer.

Mesmo assim, Dona Morcega falara que o Colherada estava destinado a grandes coisas. E que meu pai ainda estava vivo.

Será que ela sabia de alguma coisa?

Será que tinha poderes especiais? Ou seria só uma doida que fazia o bem, salvava algumas pessoas e perdia outras?

A Sra. Spindel se voltou de novo para a janela, me dispensando, acho, ou me dando permissão de visitar seu filho agora. Fiquei ali mais um segundo e senti a mão de alguém nas minhas costas. Me virei. Era Ema.

— Oi — disse ela baixinho.

— Oi.

Atravessamos o corredor e abrimos a porta do quarto do Colherada.

Dois médicos saíram com expressão séria. Foi outra dose de realidade.

Colherada parecia distraído.

— Você está legal? — perguntei.

Ele não respondeu logo.

— Sua mensagem disse que você encontrou uma coisa importante.

— Você primeiro.

— O quê?

— Fale sobre o Luther.

Foi o que fiz. Conteí sobre Dylan Shaykes, que ele fora resgatado na infância e que meu pai tinha salvado o Luther. Conteí sobre a morte do menininho, Ricky, e que Luther culpava o meu pai. Ema ouvia em choque.

Colherada continuou com ar distraído.

Quando terminei, antes que Ema pudesse dizer uma palavra, o Colherada pediu:

— Agora fale sobre Jared Lowell.

— Como assim? — perguntei, confuso.

— Conte a sua visita à ilha Adiona.

— Já contei.

— Conte de novo. Tudo. Tudo o que aconteceu desde o momento em que você chegou àquela ilha até o momento em que saiu.

— Por quê?

Mas o Colherada só me encarou. Não precisava dizer mais nada. Por isso repassei tudo: a viagem de balsa, a caminhada, a rua estreita onde Jared morava. Conteí do melhor modo possível toda a conversa que Rachel e eu havíamos tido com o garoto. Colherada interrompeu várias vezes, pedindo mais detalhes; a maioria parecia completamente irrelevante.

Ao término, Ema fez a primeira pergunta, mas não para mim. Foi para o Colherada.

— Para que isso?

— Você gosta mesmo desse cara, não é? — perguntou ele.

Eu nunca tinha visto o Colherada tão sério.

— Gosto.

— Você acredita?

— Acredito no quê?

— Que Jared Lowell só estava flertando com você pela internet e, sem motivo, decidi não continuar e, ahn, voltou para a ilha Adiona?

Ema me olhou, depois olhou de volta para o Colherada.

— Não, não acredito.

— Porque os sentimentos dele por você eram reais.

— Bom, eu posso ter sido enganada...

— Você poderia ser enganada de um milhão de modos diferentes, Ema — interrompeu Colherada, com a voz um pouco impaciente —, mas não nesse caso.

Não com os sentimentos. Você poderia ser enganada pelas aparências externas. Mas não pelo seu coração.

Nós dois encaramos Colherada, perplexos. Quem era aquele cara?

Como se quisesse mostrar que ainda era o mesmo, ele levantou uma sobrancelha.

— Andei lendo escondido romances água com açúcar.

— Ainda não vejo aonde você quer chegar — falei.

— A ilha Adiona.

— O que é que tem?

— O nome.

Tentei não parecer tão confuso quanto estava.

— E daí?

— Você sabe quem foi Abeona, não sabe?

— O quê?

— Abeona, a deusa romana das viagens de partida.

— O que isso tem a ver com...

— Adiona é a irmã dela.

Congelei.

— Adiona é a deusa romana do retorno em segurança. As duas protegem as crianças. Esse é o papel delas. São parceiras. Elas vigiam as crianças: Abeona na partida, Adiona na volta.

Ema e eu ficamos parados, sem dizer uma palavra.

— Algum de vocês acha que o nome é coincidência? — perguntou Colherada.

Não respondemos.

— Eu também não. Você precisa voltar àquela ilha. O quanto antes.

CAPÍTULO 36

EMA E EU FOMOS PARA CASA.

— Dessa vez eu vou — afirmou ela. — Quero que o Jared me olhe nos olhos e diga que não significou nada.

— Ok

— Vamos de manhã cedo?

Assenti.

— O que mais? — perguntou ela.

— Como assim?

Ema franziu a testa.

— Nós já não superamos isso, Mickey?

Ela estava com razão.

— Já.

— E...?

— Tem a ver com o Troy.

Ema suspirou.

— Ainda está tentando provar que ele não usou esteroides?

— Estou.

— E aí?

— Acho que aprontaram para ele.

— Quem?

— O Buck

Ema balançou a cabeça.

— O que foi? — indaguei.

— Buck não colocava ketchup na batata frita sem antes perguntar ao Troy.

— O irmão do Buck pode estar envolvido.

— Como?

Coloquei-a a par do que sabia. Continuamos andando. Tínhamos chegado à rua na qual — antes que eu soubesse a verdade sobre onde ela morava e quem era a mãe dela — Ema se separava e ia sozinha.

— Então é isso que você vai fazer agora? — perguntou ela. — Você e Troy vão invadir o tal barracão.

— Seria bom ter ajuda.

— Minha?

— Claro.

— Não.

— Por quê? É isso que a gente faz, Ema: ajuda as pessoas.

— Não quero ajudar o Troy Taylor.

— Mas isso poderia levar à verdade.

— Não me importo, Mickey. Você não entende. Ele foi cruel comigo a vida inteira.

— Ok, então.

— Ok o quê?

— Também não vou ajudá-lo.

— Ah, não. Não faça isso comigo.

Parei. Nós nos encaramos. Eu era muito mais alto, por isso ela inclinou a cabeça para trás. Eu sabia que talvez fosse errado pensar isto, mas ela parecia extremamente vulnerável olhando para mim. Jovem e inocente. A perspectiva de que aqueles olhos veriam algo que iria machucá-la fez meu coração doer.

A noite havia caído. O rosto dela reluzia ao luar.

Eu queria protegê-la. Queria protegê-la sempre.

— As pessoas mudam, Ema.

Ela piscou e desviou o olhar.

— Acho que não, Mickey. — Ema deu um passo atrás e foi andando na direção da floresta à direita. — Vou para casa. Não me siga.

— Não vai mesmo me ajudar?

— Não vou. Mas sabe, Mickey?

— O quê?

— Se tudo der errado, eu vou ficar ao seu lado.

— Não vai dar tudo errado.

Mas ela já estava de costas para mim, andando pela trilha.

CAPÍTULO 37

A PRAÇA ESTAVA LOTADA DE CORREDORES noturnos de todas as idades, sexos e estilos. A pista era bem iluminada e não tinha tráfego de carros. Era segura, confortável e, para os que gostavam de ser vistos se exercitando, oferecia uma espécie de plateia. Parei perto de uma estátua do poeta Robert Frost na frente da biblioteca, na extremidade sul do círculo.

Os prédios municipais, a ACM e o barracão ficavam do outro lado da Kasselton Avenue.

Meu telefone tocou. Era o Troy.

— Cadê você? — perguntei.

— Olhe para a ACM. — Estava escuro para ver grande coisa. — Do lado direito. Perto da parte de trás. Estou segurando o celular.

Então, enxerguei o ponto de luz de um telefone.

— Já vi. Estou indo.

Desliguei e segui a luz. A Kasselton Avenue era a via mais movimentada da cidade. Esperei o sinal mudar de cor e atravessei na faixa.

Não havia motivo para fazer bobagem e violar nenhuma norma extra aquela noite. Fui na direção da ACM e encontrei o Troy perto dos fundos do prédio.

— Obrigado por ter vindo — agradeceu ele.

— Sem problema. Onde fica o tal barracão?

— Ali adiante, por aquele caminho. Venha, vou mostrar.

Seguimos por um caminho de concreto, adentrando a escuridão. Olhei para trás. A praça iluminada quase parecia uma cúpula a distância. A luz fornecida era o suficiente para ver a silhueta fraca de uma construção pequena, a uns 30 metros de mim.

Todas as luzes do barracão estavam apagadas.

— Mickey? — sussurrou Troy.

— O quê?

— Buck não iria armar contra mim. Não importa o que ele estava usando ou fazendo. Ele não faria isso comigo.

— E o Randy?

— Talvez — admitiu Troy. — Mas por que ele faria isso?

— Por que o Buck faria? Por que alguém faria?

Essa pergunta ficava dando voltas na minha cabeça. Por que alguém iria querer que o exame do Troy desse positivo? Quem ganhava com isso?

Quem o detestava tanto...?

Epa, eu disse a mim mesmo. De jeito nenhum.

O primeiro nome que me veio à cabeça foi o de Ema.

Afastei o pensamento. Infelizmente, era assim que às vezes minha mente

funcionava. Ia para lugares aonde não deveria ir.

— Não sei — respondeu Troy.

— Então vamos ver o que acontece.

— Ok O que a gente faz agora?

Fui na frente. Nós nos esgueiramos para perto da construção. Não sei bem como descrever o tamanho dela. Em geral, penso num barracão como um lugar para guardar ferramentas no quintal dos fundos. Aquele era maior, mais próximo de uma garagem para um carro só. E o local também era esquisito, ficava atrás da prefeitura, não muito longe da delegacia, da biblioteca e da escola. Parecia um terreno público, de propriedade do município, mas por algum motivo o pai do Buck tinha decidido comprá-lo.

Por quê?

Tentei olhar através das janelas escurecidas. Encostei a mão no vidro e me inclinei. Parte de mim quase esperava ver um rosto saltar à vista, como uma enorme cara de palhaço com um sorriso largo, então eu iria pular para trás, gritando.

Pare com isso, pensei.

Não havia nada para ver. Estava escuro demais.

Troy também tentava olhar pela janela.

— Viu alguma coisa? — sussurrou ele.

— Não.

Demos a volta. Agora entendia por que chamavam aquilo de barracão.

Ele era mais frágil do que um prédio de verdade, feito com algum tipo de material pré-fabricado que se encontraria no pátio de uma loja de ferramentas. Tinha mais duas janelas nos fundos, mas as venezianas estavam fechadas.

— E agora?

Vi uma porta nos fundos. Ótimo. Daquele ângulo, ninguém perto da praça veria nada. Pensando bem, mesmo na parte da frente, que ficava mais ou menos virada para o círculo, ninguém poderia enxergar nada de verdade.

— Vamos verificar a porta.

Às vezes a gente tem sorte. Às vezes a gente põe a mão numa maçaneta, gira, e a porta está destrancada. Não foi o que aconteceu.

Verifiquei a área em volta da maçaneta. A fechadura parecia bem vagabunda.

Não fazia muito tempo que eu e Ema tínhamos tentado invadir a casa de Dona Morcega. Eu havia pegado um cartão de crédito na carteira e tentado abrir, como vira mil vezes na televisão. Não dera certo. Mas a fechadura era antiga, por isso simplesmente cederia. Depois disso, fiquei curioso e comecei a procurar na internet formas de arrombar fechaduras.

Na verdade não é fácil. Se houvesse um trinco com bloqueio, seria impossível, mas se aquela fosse uma fechadura com lingueta de mola, talvez eu conseguisse abrir.

Era de mola.

Bingo.

Não se arromba de verdade uma fechadura com cartão de crédito.

Você força a abertura. Enfiei o cartão na fresta entre a porta e o batente e deslizei-o sobre a lingueta. Dobrei-o na direção da maçaneta, esperando deslizar o canto por baixo. Sem sucesso. Encostei o ombro na porta. O truque é abrir depressa quando sentir o estalo. É o que os sites diziam.

Não estava dando certo.

Forcei um pouco mais o ombro. O material barato cedeu. Pude sentir alguma coisa se curvar. Olhei para o Troy. Ele deu de ombros e disse:

— Posso fazer se você quiser.

Balancei a cabeça. Eu já estava ali. Meus dedos podiam não ser ágeis, mas não havia nada como um ombro forte. Oscilei para trás e acertei a porta com um pouco mais de força; ela se escancarou.

Invasão de propriedade. De novo.

Eu já estava inventando várias desculpas, para o caso de sermos apanhados. Exemplo: ouvimos alguém pedindo socorro, talvez. Ou só testamos a porta e a descobrimos aberta, por isso fomos verificar se estava tudo bem.

Certo. Como se alguma dessas fosse pegar.

Mas pelo menos eu tinha uma carta especial Livre-se da Cadeia: o filho do chefe de polícia. Entrei lentamente no barracão. Troy me seguiu. Havia uma parede bem na nossa frente, dividindo o espaço em dois cômodos. As luzes estavam apagadas, logo não dava para ver muito mais do que isso.

— Você olha o espaço da esquerda — falei. — Eu vejo o da direita.

— Será que a gente deveria usar lanternas?

— Vamos manter os fachos virados para o chão, abaixo da altura da janela.

— Ok Mickey?

— O quê?

— O que a gente está procurando?

— Uma placa enorme com a palavra PISTA.

Troy riu.

— Estou falando sério.

— Um laptop, para começar. Pastas de arquivo, talvez. Mas na verdade não sei. Acho que é uma daquelas situações tipo “vamos saber quando virmos”.

— Saquei.

Então nos dividimos. Mantendo a lanterna do celular apontada para o chão, distingui o que parecia uma mesa no centro do cômodo e me dirigi até ela. Me arrisquei a levantar o facho um pouco para ver o que havia ali.

Parecia uma aula de química.

Tubos de ensaio, béqueres, frascos e coisas do gênero atulhavam a mesa. Comecei a me perguntar se haveria um bico de Bunsen também.

Desliguei a lanterna e tentei pensar.

Um laboratório.

Por quê?

Lembrei o que Troy me dissera: que o Randy vendia drogas. Será que isso poderia ser algum tipo de laboratório de produção de drogas? Como é que se produzem esteroides? Eu não fazia ideia. Poderia ser assim.

O cômodo era absolutamente limpo. Vi um cilindro de metal à direita.

Armários de aço inoxidável cobriam a parede. Pus a mão no puxador de um deles. Era frio. Abri e senti um ar frio como o de uma geladeira. Levantei a lanterna para enxergar dentro.

Era o mesmo que uma placa dizendo PISTA.

— Argh, que nojento — sussurrei.

Troy enfiou a cabeça no cômodo. Apontou a lanterna para a minha cara antes de virá-la para o armário aberto.

— Espere, isso aí é...?

— Acho que sim.

O armário estava cheio de pequenos recipientes de plástico que eu reconheci dos exames antidoping. Havia um líquido amarelo dentro.

Resumindo, o armário estava cheio de...

— Amostras de urina — falei.

— Nojento.

Fiz uma careta e levantei com cuidado um dos recipientes.

De repente, escutei a voz de Troy em pânico:

— O que foi isso?

Virei na direção dele.

— O quê?

Troy pulou para perto da janela, quase derrubando a amostra de urina da minha mão. Me aproximei dele, nós nos abaixamos e olhamos para fora.

A princípio, não vi nada, só as luzes da rua ao longe.

— O que foi? — perguntei.

— Pode ter sido minha imaginação, mas a-achei que vi...

E então ficaram mais fortes. Lanternas. Lanternas vindo na nossa direção. Não eram pequenas como as dos nossos smartphones e, sim, grandes, grossas, do tipo usado por...

— É o meu pai! — sussurrou Troy, alarmado. — Precisamos sair daqui.

Não precisava falar duas vezes. Corremos para a porta, trombando com a mesa. Béqueres se espatifaram no chão. Ouvi um berro. Uma voz adulta.

Troy alcançou a porta primeiro, mas eu estava logo atrás. Disparamos para os fundos, tentando manter o barracão entre nós e aquelas lanternas.

Troy pulou atrás de uma pedra grande. Eu me juntei a ele. Agora podia ver a luz giratória de uma viatura estacionada.

— Ah, cara — falei.

— Vamos nos separar. Você vai para o mato, eu vou para trás da ACM e tento dar a volta até a rua. Se eu chegar lá, posso distrair esse pessoal.

Fazia sentido. Dei meia-volta e me embrenhei no mato atrás. Parecia mais fácil do que era. Agora estava escuro. Só havia uma luz muito fraca vindo das ruas distantes. E havia muitas árvores. Então veja só a situação: correr num lugar escuro com um monte de árvores...

Não é fácil.

Na terceira vez que beijei uma árvore, percebi que teria de ir mais devagar. Que opção eu tinha? Se continuasse dando de cara nos troncos, provavelmente acabaria desacordado. Comecei a andar feito o Frankenstein, com as mãos na frente do corpo, tateando o caminho.

— Parado! Polícia!

Me escondi atrás de uma árvore. Arrisquei uma olhada. Dois policiais — ou pelo menos duas lanternas — adentravam o mato. Como eles tinham luzes para guiá-los, não precisavam se preocupar muito em dar trombadas em árvores. Podiam andar muito mais depressa.

Ah, cara, eu estava encrencado.

Aquelas desculpas idiotas — que eu tinha ouvido alguém gritar por socorro, que a fechadura estava quebrada antes de nós entrarmos lá — me vieram à mente de novo, mas eu sabia que elas só me afundariam mais ainda. Dessa vez Dona Morcega não conseguiria me salvar e eu duvidava que o pai do Buck fosse dizer que eu tinha permissão de arrombar a porta do seu barracão e despedaçar um monte de bêqueres.

É, eu estava encrencado.

Fiquei atrás da árvore, sem ver os policiais, mas, pelo movimento das lanternas, dava para notar que eles se aproximavam.

Pense, Mickey.

O fato era que os dois homens tinham uma vantagem sobre mim: eles podiam enxergar. Eu tinha uma vantagem sobre eles, ainda que temporária: podia me esconder. Mas o esconderijo só iria durar um pouco mais. As lanternas me descobririam. Se eu também acendesse a minha, é, eles me veriam, mas isso igualaria o jogo.

Havia outra coisa a considerar: os policiais podiam estar armados. Mas estávamos em Kasselton, não em Newark. Em cidades como a minha, os policiais não sacam armas, principalmente contra suspeitos que fogem pelo mato. Liguei a lanterna e corri.

— Parado! Polícia!

Eu não sabia o que era pior: invadir aquele barracão ou fugir da polícia. De qualquer modo, acelerei o passo. Eles eram rápidos. Eu era mais veloz. Além disso, descobri uma vantagem. Iria apontar a lanterna para a frente, planejar o

caminho, desligar o aplicativo para confundi-los, ligá-lo de novo quando precisasse.

Então tive uma folga.

O mato começou a rarear. Agora os policiais atrás de mim estavam na parte mais densa. Eu estava quase fora. Assim que saí, cheguei a uma clareira atrás do shopping.

Perfeito.

Ainda havia muitos carros no estacionamento. Outra vantagem. Corri para a Target porque era a maior loja do shopping. Encontrei um quiosque de canto no departamento de utensílios domésticos, de onde dava para ver as duas entradas. Se a polícia entrasse por uma, eu poderia sair depressa pela outra ou até me esconder no enorme espaço da loja.

Mas os policiais não entraram.

No fim das contas, eu era só um garoto que talvez tivesse invadido um barracão de ferramentas. Era algo que chamava atenção, mas não que exigisse uma equipe da SWAT.

Meia hora depois de entrar na Target, atravessei o shopping e saí pela Sears do outro lado. Não havia policiais. Comecei a descer a Hobart Gap Road na direção da casa do tio Myron.

O que iria fazer agora?

Será que devia mandar um torpedo para o Troy? Parecia arriscado. Se ele tivesse sido pego e eu enviasse uma mensagem para ele, a polícia poderia ver que nós estávamos nos comunicando. Eu deveria esperar e deixar que ele me contatasse. Mas será que ele faria isso? Será que não pensaria a mesma coisa e esperaria também?

Eu não sabia direito se isso importava.

Tentei organizar as coisas que tinha ficado sabendo no barracão do Sr.

Schultz. Começando pelo início. Um: Troy vira Buck e o irmão dele, Randy, que ele afirmava que usavam esteroides, entrarem no barracão com tubos de ensaio. Agora que eu tinha estado no barracão, estava claro que o lugar era algum tipo de laboratório. Poderia ter alguma coisa a ver com a produção de drogas que aumentavam o desempenho. Talvez Randy ou Buck estivessem trabalhando... não sei... numa fórmula deles.

Franzi a testa. Não sei bem se o Buck era capaz de soletrar nomes de compostos químicos, quanto mais começar a mexer com eles.

Então me lembrei das amostras de urina.

Não sei quantas estavam armazenadas naquele armário — e, eca, esperava que nenhuma tivesse caído no chão enquanto fugíamos —, mas o que Buck e Randy podiam estar fazendo com elas?

Humm.

Eu tinha lido em algum lugar que os fraudadores de exames usavam a urina de

outra pessoa para enganar o sistema. Era assim que funcionava: você levava escondida uma amostra ao fazer o exame. Quando entrava no banheiro para urinar, trocava a sua pela que sabia que era limpa.

Poderia ser isso?

Era possível, a não ser por uma coisa: havia provavelmente uma centena de amostras de urina armazenadas. Nós só fazíamos teste uma ou talvez duas vezes por ano. Por que tantas?

Eu estava deixando passar alguma coisa.

Não sabia o quê. De certa forma, não importava. No dia seguinte eu voltaria à ilha Adiona. Havia algum tipo de pista lá, algum tipo de ligação entre a ilha, Dona Morcega, o Abrigo Abeona e talvez até Luther e o meu pai. Eu queria ajudar. Queria descobrir quem tinha armado contra o Troy e por quê. Mas não era minha prioridade.

A não ser que...

Tive uma ideia. Peguei o celular e liguei para BrandonFoley. Ele atendeu ao terceiro toque.

— O que foi?

— Estou a uns dois quarteirões da sua casa. Você está livre?

— Claro. Qualquer coisa para não ter que estudar para a prova de física.

Ao me aproximar, ouvi o som reconfortante de uma bola de basquete quicando. Brandon estava de novo na entrada de veículos, se exercitando.

Quando me viu chegar, jogou a bola para mim. Parei e fiz um arremesso com salto. Encastei sem que a bola tocasse o aro. Ele a jogou para mim de novo — “cortesia” é um conceito universal do basquete —, mas eu apenas a segurei.

— Você está com seu celular? — indaguei.

— Está em casa. Por quê?

— Preciso que você mande um torpedão para o Troy.

— Por que você não pode fazer isso?

— Porque ele e eu...

— O quê?

Hesitei. Eu gostava do Brandon. Gostava mesmo. Mas não sabia se devia confessar que tinha acabado de fazer algo ilegal. Ele era presidente do conselho estudantil e de todas aquelas outras coisas. Levava a sério as responsabilidades de capitão do time de basquete.

Será que ele era de confiança?

Brandon é que havia me convencido a ajudar Troy, mas o que ele diria se eu contasse que tinha acabado de invadir um depósito e fugido da polícia?

Ele contaria?

Eu ia pedir que o Brandon contatasse o Troy para mim, assim não rastrearíamos meu telefone. Mas agora me perguntava se era um bom passo.

— Você e ele o quê? — insistiu Brandon.

— Nada.

— Então por que você queria me ver?

De certa forma, Brandon não podia me ajudar com aquilo. Eu teria notícia do Troy se fosse o caso. Isso não mudava nada. Brandon não conseguiria me auxiliar no caso da invasão de propriedade. Ele não saberia responder por que eu tinha encontrado amostras de urina naquele barracão nem revelar nada que esclarecesse aquela situação.

Mesmo se eu confiasse nele, mesmo se acreditasse que ele só tinha as melhores intenções com relação a Troy e a mim, de que adiantava contar?

Resposta: nada.

Mas ainda havia uma chave para tudo aquilo: uma pessoa que poderia responder a todas as minhas perguntas sobre aquele barracão, sobre os esteróides ilegais, sobre o motivo de o exame do Troy ter dado positivo.

Tudo retornava à mesma questão:

Por que Buck tinha saído de Kasselton?

Só havia uma pessoa que, pelo jeito, poderia de fato explicar.

O próprio Buck

— Onde está o Buck? — perguntei.

Brandon pareceu confuso.

— Eu já disse. Ele mora com a mãe.

— Onde ela mora?

— Não lembro. Em algum lugar no Maine ou em Massachusetts.

— Você não faz ideia?

— Eu lembro que ele costumava ir muito para lá no verão. — Então, Brandon acrescentou algo que mudou tudo: — Ele ia andar de barco ou pescar na ilha.

Fiquei estático. Estava segurando a bola com tanta força que achei que ela poderia estourar.

— Ilha?

— É, a mãe dele mora numa ilha. Tem um nome esquisito. Tipo Apolônia, Adônis, alguma coisa que começa com *A*.

Engoli em seco.

— Adiona?

— É, é isso. A mãe do Buck mora na ilha Adiona.

CAPÍTULO 38

EMA E EU MAL NOS FALAMOS no caminho para a ilha Adiona.

Naquela manhã, o mar estava agitado. Ficamos na parte da frente da balsa. O vento nos golpeava, avermelhando o rosto pálido de Ema. Ela não se importava. Eu também não.

Tínhamos parado de tentar juntar as peças. Chega uma hora em que a gente precisa deixar todas as teorias de lado. A Sra. Friedman tinha um cartaz na sala de aula com uma frase de Sherlock Holmes. A citação era mais ou menos assim: é um erro teorizar antes de ter todos os fatos porque senão você acaba distorcendo os fatos para se ajustarem às teorias, em vez do contrário.

Simplesmente não tínhamos outras teorias.

Precisávamos de mais fatos.

O vento se intensificou. Todo mundo tinha ido para dentro para escapar dele. Ema e eu, não. Ficamos olhando a ilha emergir da névoa.

— Mickey?

O vento levou embora a palavra, tornando difícil ouvi-la.

— O quê? — gritei.

— Estou apavorada.

— Vai dar tudo certo.

— Adoro quando você é condescendente.

— Estou tentando ser animador.

— É a mesma coisa, Mickey. — Ema me encarou. — É uma gracinha você querer ser o herói, mas eu preferiria que você fosse só honesto, ok?

Passei o braço em volta dela, só para mantê-la aquecida. Nada mais.

Ela chegou mais perto e encostou a cabeça no meu peito. Ficamos assim enquanto a balsa se aproximava do porto. Eu quase podia sentir alguma coisa mudar durante a atracação. Havia algo no ar da ilha.

Uma tensão. Uma eletricidade.

Nós dois sentimos.

Afastei o braço. Ainda não tivera notícias do Troy, mas, de qualquer modo, eu também não havia feito contato com ele. Colherada tentara descobrir onde na ilha a mãe do Buck morava, mas não tinha encontrado nada. Não importava. A ilha era pequena.

Iríamos encontrar a casa.

Ainda havia a outra questão. Ema precisava ficar cara a cara com Jared Lowell, aquele personagem da internet que, pelo jeito, tinha capturado seu coração. Seguimos pela mesma rua que eu percorrera com Rachel. O vento diminuiu enquanto penetrávamos na ilha, mas não parou.

— Você lembra o que Dona Morcega me disse? — perguntou Ema.

— Ela disse um monte de coisas.

— Uma das últimas coisas. Logo antes de entrar naquele carro e ir embora com o cara de cabeça raspada.

— Ela perguntou se você amava o Jared.

— Ela não perguntou. Ela afirmou. Como se soubesse.

— É.

— Você lembra o que ela disse depois?

Disso eu me recordava literalmente:

— “Vai machucar.”

— Isso.

— E depois você perguntou o que iria machucar. E ela respondeu: a verdade.

Agora nos aproximávamos da rua do Jared. Se a ilha parecera calma na última vez, agora dava a impressão de estar completamente abandonada.

Não tínhamos visto ninguém, nem um carro passando, desde que havíamos saído do cais.

— Acho que podemos estar chegando perto dessa verdade — comentou Ema.

Viramos na Discepolo Street. Estava totalmente vazia, silenciosa.

Quase esperei que uma daquelas bolas de feno de cidade fantasma passasse rolando. Ema se virou para mim.

— Qual porta?

Apontei para a frente.

— Aquela.

— Ok, ótimo.

— Quer que eu espere aqui?

Ema pensou.

— Não, venha comigo.

— Tem certeza?

— Tenho. Se isso vai machucar, quero que você esteja ao meu lado.

Seguimos pela calçada de concreto rachado. Bati à porta. Ema e eu ficamos parados, mexendo os ombros, a cabeça, fazendo aquelas coisas idiotas que a gente faz quando espera uma porta abrir.

Por fim, ouvimos passos vindo na nossa direção. Ema me deu um sorriso hesitante. A porta se abriu.

Mas não era o Jared. Era a mãe dele.

Ela franziu a testa para mim.

— Você esteve aqui há alguns dias.

— Sim, senhora.

— O que você quer? — perguntou em tom acusativo.

— Viemos falar com o Jared.

— O que vocês querem com ele?

Eu não sabia como responder. Olhei para Ema, que explicou:

- Somos amigos dele.
- Da Farnsworth?
- Não, senhora — respondi.
- Então de onde são?
- Kasselton, Nova Jersey — falou Ema.

Uma expressão de horror atravessou o rosto da mulher. Ela se inclinou na nossa direção, mostrando os dentes como um cão feroz. Seus olhos estavam arregalados.

- Saiam daqui! Saiam desta ilha e não voltem nunca mais!
- Ela bateu a porta com tanta força que quase caímos nos degraus à frente.
- Ema e eu ficamos imóveis, tentando não parecer perplexos, mas sem sucesso.
- Depois de algum tempo, Ema perguntou:

- O que foi isso?
- Não faço ideia.
- Você viu como ela reagiu quando soube de onde a gente é?

Assenti.

— O que isso pode ter a ver com meu relacionamento com o filho dela pela internet?

- A mesma resposta.
- Você não faz ideia?
- Bingo.
- E agora? Vamos começar a procurar o Buck?

Refleti um instante.

- Você notou aquele clube de tênis no caminho para cá?
- O que parece metido a besta?

— Isso. Quando Rachel e eu estivemos aqui da outra vez, Jared disse que precisava ir trabalhar no clube. Quero dizer, pode haver mais de um clube nessa ilha...

— Não, é aquele — interrompeu Ema. — Olhe esta rua. É aqui que os trabalhadores moram. Aposto que noventa por cento das pessoas daqui trabalham naquele clube. O maior problema é: olhe pra gente. Você está usando jeans. Eu estou usando... bom... não é um uniforme branco de tênis.

- Tenho uma ideia.

Voltamos à rua principal. Viramos à direita. O clube ficava adiante.

Pensei que houvesse um guarda ou um portão, mas aquele era o tipo de ilha onde isso não se tornava necessário. Os guardas nos clubes existiam para manter a ralé afastada. Aquela ilha não tinha ralé. Apenas sócios e funcionários.

Começamos a passar pela entrada quando um rapaz com uniforme branco de tênis e um suéter enrolado no pescoço veio depressa até nós.

- Posso ajudar?
- Não — respondi. — Estamos bem.

Continuamos andando na direção da sede. Achei que o Sr. Suéter Amarrado iria nos deixar em paz. Não deixou. Correu ao nosso lado e disse:

— Ahn, com licença?

— Sim?

— Por que vocês estão aqui?

Eu havia esperado ter sorte, andar mais um pouco e, quem sabe, ver o nosso cara, mas não foi o que aconteceu. De qualquer modo, continuamos andando e olhando em volta enquanto falávamos.

— Meu nome é Will. Essa é minha irmã, Grace.

Ema o cumprimentou com a cabeça. Seguimos em frente, procurando Jared.—

Ok. O que posso fazer por vocês? Este clube tem um código rígido de vestimenta. Vocês não o estão seguindo.

— Estamos procurando trabalho — respondi.

Suéter Amarrado estava se irritando porque não parávamos de andar.

— Acho que no momento não estamos contratando.

Entramos na sede.

— Talvez a gente possa preencher uma ficha. Só para deixar arquivada.

Para o caso de alguém se demitir.

— Nós exigimos referências. Vocês têm?

— Temos. — Era hora de correr um risco. — Jared Lowell vai nos recomendar.

— Ah — fez Suéter Amarrado, sorrindo de repente. Toda a sua personalidade mudou. Jared obviamente tinha algum status ali. — Vocês são amigos do Jared?

— Amigos íntimos — respondeu Ema.

— Bom, isso muda as coisas.

— Ele está trabalhando hoje, não é?

— O quê? Não. Na verdade, achei que era por isso que vocês estavam aqui.

— Ahn?

— Jared acabou de sair para a balsa. Deve partir em... ahn... — ele consultou o relógio — ... quinze minutos. As fichas de inscrição ficam lá atrás. Se vocês quiserem sentar-se na...

Mas Ema e eu já estávamos de novo do lado de fora, correndo na direção da balsa. Fiquei surpreso ao ver como Ema conseguia me acompanhar, mas, afinal de contas, a determinação conta muito.

Mesmo assim, não havia muito tempo. Fiz um cálculo rápido e percebi que não iríamos chegar antes que o Jared embarcasse na próxima balsa.

E agora?

Então a resposta me veio: eu poderia violar mais leis.

— Por aqui — orientei.

— O quê?

A população de veranistas ali era de menos de duas mil pessoas. Isso

significava que não havia muitos crimes nem necessidade de força policial.

As pessoas não trancavam as casas.

Nem prendiam as bicicletas com correntes.

Encontramos duas numa entrada de veículos à direita. Ema e eu montamos e começamos a pedalar. Três minutos depois, avistamos Jared sentado num banco perto do cais. Quando ele nos viu chegando, protegeu os olhos do sol com a mão.

— Você de novo.

— É. E olha quem eu trouxe.

Virei-me e olhei para Ema. Não pude evitar. Parte de mim achava que não era essa a imagem que Ema gostaria de passar na primeira vez em que visse pessoalmente seu “grande amor” — suada, sem fôlego, descabelada — e uma parte de mim, bem pequena e patética, sentiu prazer com isso.

Ema e Jared se encararam. Dei um passo atrás.

— Oi — disse Ema.

— Oi — respondeu Jared.

Ema pareceu examiná-lo. Ele começou a se remexer sob aquele olhar.

— Desculpe — lamentou Jared.

Ema ficou em silêncio. Inclinou a cabeça, olhando-o como se ele fosse algum tipo de experimento esquisito.

— Eu deveria ter dito a você — continuou ele.

— O quê?

— Como assim?

— O que você ia me dizer, Jared?

Ele mexeu os pés de novo. A balsa havia chegado. Os passageiros começaram a desembarcar.

— Você sabe. Quero dizer, eu deveria ter dito que não queria mais trocar e-mails com você.

Esperei que ela ficasse magoada, arrasada, mas foi como se ver o cara pessoalmente tivesse lhe dado uma força incomum.

— Por que não?

— Por que eu não disse?

— É. Comece por aí.

— Não sei. — Jared deu de ombros de forma exagerada. — Foi errado. O seu amigo aqui e eu falamos disso. Eu ia entrar em contato.

— Então você queria... o quê, terminar comigo?

Jared parecia tão desconfortável que até eu me senti mal por ele.

— Bom, é.

— Por quê?

— Como assim, por quê?

— Qual é sua cor favorita?

— O quê?

— Apenas responda, Jared. Qual é a sua cor favorita?

Jared abriu a boca, mas não saiu nenhuma palavra. Ema me encarou e balançou a cabeça.

— O que foi? — perguntei.

— Não é ele.

— Como assim, não é ele?

— Me dê um crédito, Mickey. Eu pensei isso assim que o vi, mas, depois de falar com ele só por estes segundos... — Ema se virou para ele. — Você não é o cara que falava comigo pela internet, não é?

— O quê? Claro que sou. Jared Lowell. Você viu meu perfil no Facebook

— É, Jared, o perfil do Facebook era seu. Mas não era você, era?

— Do que você está falando? — Ele tentou rir, mas não conseguiu. —

Claro que sou eu. Olha, a gente teve uma coisa. Foi ótimo, acho, mas só pela internet. Não era de verdade.

— Depressa: qual é a sua cor favorita?

— Ahn, azul.

— Qual é a sua comida favorita?

— Pizza.

— Qual é o seu lugar favorito?

— A baía escondida no lado oeste desta ilha.

A cor sumiu do rosto de Ema.

— Ah, não...

— O que foi? — perguntei.

Ela se virou para mim.

— Ele acertou essa última.

— E daí? — Eu estava confuso. — Talvez você estivesse errada. Talvez fosse ele...

— Ele errou a cor. Errou a comida. Você não entende?

Jared começou a se afastar de nós.

— Olhe, eu preciso pegar a balsa.

Pus a mão no peito dele.

— Você não vai a lugar nenhum.

Jared olhou para a minha mão.

— Está falando sério?

— Não se mexa, Jared.

— Quem você acha...?

— Não. Se. Mexa.

Ele notou o tom, ergueu as mãos em sinal de rendição e ficou onde estava. Ema se dobrou como se alguém tivesse lhe dado um soco na barriga. Fui depressa até ela.

— Ema?

— Você não entende?

— O quê?

— O lugar favorito dele. É nesta ilha.

— E daí?

— Se não era ele, quem mais que nós conhecemos conhece esta ilha?

Agora fui eu que fiquei horrorizado.

— Não.

Ela confirmou com a cabeça.

— Não é possível — falei.

— Mas só pode ser. Era o Buck. Foi com o Buck que eu conversei pela internet.

CAPÍTULO 39

JARED ESTAVA SENTADO ENTRE mim e Ema. Sua cabeça estava apoiada nas mãos.

— O negócio começou como uma zoação. Eu não gostei da ideia. Não queria participar.

Ema ficava olhando para longe, perdida em pensamentos, tentando juntar todas as peças. Estivera tão certa de que os sentimentos eram verdadeiros, mas agora sabia ser um artilheiro criado por seu antigo atormentador. A ficha não caía.

— Então você conhece o Buck — falei.

— Conheço.

— Como?

— Ele é meu primo. Nossas mães são irmãs. As duas cresceram nesta ilha. Quando tia Ina conheceu tio Boris, ela se mudou para Kasseltown. Minha família ficou. Buck e eu passamos todos os verões juntos aqui. Depois do divórcio, tia Ina voltou para cá.

Eu não sabia se Ema estava escutando ou não.

— E o que aconteceu? — indaguei.

— Buck sabia que eu quase nunca usava o meu Facebook. Não gosto de redes sociais. Um dia, ele perguntou se podia usar meu perfil para se vingar de alguém. Não gostei da ideia, mas ele disse que uma garota tinha inventado um apelido para ele, começou a chamá-lo de Neném Mijão.

— Bebê Mijão — corrigi.

Ema me lançou um olhar duro. Só dei de ombros. A acusação não era verdadeira. Buck vinha pegando no nosso pé e Ema dissera que o Buck era chamado de Bebê Mijão. Não tinha sido nada de mais.

— Tanto faz. Buck falou que o apelido estava pegando. Que outras pessoas o estavam chamando assim. Alegou que meu perfil seria perfeito porque Ema era caidinha por um jogador de basquete alto.

Ficamos imóveis por um momento, em silêncio. Nós três sabíamos o que o Buck queria dizer. Ninguém se deu o trabalho de verbalizar o óbvio.

— Veja bem, o Buck descobriu que sua mãe era famosa, por isso entrou naquela sala de bate-papo e começou a se comunicar com você. Não sei o que ele esperava que fosse acontecer. Que você falasse alguma coisa vergonhosa ou talvez que ele faria você se apaixonar por ele e depois sacanearia você. Realmente não sei qual era o objetivo dele.

— Mas você acabou de dizer — retrucou Ema.

— Hein?

Os olhos dela marejaram.

— Ele fez com que eu ficasse a fim dele e depois me sacaneou.

Jared fechou os olhos e soltou um longo suspiro.

— Não, Ema, não foi isso que aconteceu. — Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro. Começou a coçar o queixo. — Não sei o quanto mais poderia falar.

— Ela merece a verdade — intervim.

Um sorriso triste se formou no rosto de Jared.

— Se ao menos fosse tão simples...

— Conte.

Ele parou de andar.

— O tiro saiu pela culatra.

— Como assim? — perguntou Ema.

— Buck se apaixonou por você.

Ema me encarou. Eu estava sem palavras.

— Ele se apaixonou, de verdade. Você precisa entender. Você realmente não conhece o Buck. Eu sei, eu sei, mas... é complicado. Buck adorava este lugar. Nesta ilha, ele podia ser ele mesmo. Era relaxado, feliz, o cara mais gentil, mais amável que existe.

Tentei visualizar isso, mas a imagem não se sustentava.

— Não é o cara que a gente conhece.

— Essa é a questão. A cidade de vocês, Kasselton, certo? Com todos os caras populares, os esportes, a pressão para ter sucesso e entrar nas faculdades certas... isso deturpou o Buck. Ele não conseguia encarar.

Sempre precisava ser alguma coisa que não era só para se encaixar.

Pensei nos pais que pressionavam os filhos por notas altas, nos gritos nas laterais da quadra, nos alunos que tiravam nota baixa e depois ficavam pegando no pé dos professores. No caso do Buck, acrescente a pressão do irmão bem-sucedido e talvez a perda do posto de titular no time.

Jared se aproximou de Ema.

— Mas, com você, Buck sentiu como se tivesse se encontrado. Você era autêntica demais. Não se importava com o que os outros pensavam. Ele invejava muito isso. Quando estava falando com você pela internet, depois de superar a própria idiotice, ele começou a se abrir. Ele podia ser ele próprio quando fingia que era... bem... eu.

Agora havia lágrimas nos olhos de Jared também.

— E o que aconteceu? — perguntei.

— Buck estava péssimo. Como se estivesse numa armadilha, como se fosse puxado num monte de direções diferentes. Morrendo de medo.

— De quê? — indagou Ema.

— De tudo. Ele queria dizer a verdade a você, Ema. Mas não sabia como você iria reagir. Não sabia se você iria ficar com ódio assim que soubesse que ele tinha mentido o tempo todo, nem se você iria perdoá-lo. Ele achava que iria ser

rejeitado assim que você soubesse.

Voltei em pensamento para a minha conversa recente com Ema sobre o Troy. Eu tinha falado a ela que as pessoas mudavam. Ela não parecera acreditar.

— Ele estava se sentindo numa armadilha. Agora isto pode não parecer nada, mas o que os amigos dele iriam dizer? Ele não seria abandonado por todo mundo se contasse que tinha se apaixonado por você? Sei que parece idiotice, mas aqueles caras representavam a vida dele. Ele não podia simplesmente dar as costas.

— Então ele amarelou — concluiu Ema.

Jared ficou quieto.

— É isso, não é?

— A balsa já vai sair. Preciso entrar.

— Cadê o Buck? — perguntei.

— Isso importa? — Jared se virou para Ema. — Ele não quer ver você. Isso não basta? Acabou.

A balsa apitou pela última vez.

Fiquei de pé para bloquear o caminho dele, mas Ema balançou a cabeça. Ela estava certa. Jared tinha feito sua parte. Deixei que ele passasse.

— Vocês dois deveriam vir comigo — disse Jared.

— Por quê? — perguntei.

— Vocês precisam sair desta ilha.

— Não — retrucou Ema.

— Por favor. Aqui não tem mais nada para vocês, só sofrimento.

— Tudo bem. — Ema se levantou. — Eu estou precisando mesmo encarar mais sofrimento.

CAPÍTULO 40

JARED CONSEGUIU CHEGAR À balsa logo antes que ela partisse.

Ema e eu ficamos parados lado a lado.

— Precisamos achar o Buck — falou ela.

— Ok Como?

— A tia.

— A mãe do Jared?

— É.

Franzi a testa.

— Ela pareceu uma tremenda fonte de informações — ironizei.

Mas Ema já havia começado a andar.

— Venha — chamou ela. — Precisamos devolver as bicicletas antes que alguém sinta falta.

Pedalamos até a casa de onde tínhamos pegado “emprestadas” as bicicletas. Não havia movimento. Nós as recolocamos no lugar em que estavam antes e nos dirigimos para a casa do Jared.

— Buck.. — falei.

— Eu sei.

— O que você está pensando?

— Como assim?

— O fato de ser o Buck. O Buck se apaixonar por você.

Ela continuou olhando em frente.

— Por um lado, sei que a internet não é a vida real. Mas, por outro, talvez haja alguma coisa mais real quando a gente está na internet.

— Como?

— Na internet, é como se a gente ficasse num vácuo sem pressões de fora. Buck não precisava se preocupar por estar à sombra do irmão. Não precisava se preocupar se o Troy ou os amigos iriam zombar dele porque gostava de mim.

— Então isso quer dizer que talvez você tenha visto o Buck de verdade?

— Talvez.

— E...?

— E eu fiquei caidinha por ele.

Balancei a cabeça.

— Pelo Buck?

— Não foi você que disse que as pessoas mudam?

— E não foi você que disse que não mudam?

— Bom argumento.

Ema apertou o passo, avançando à minha frente e acabando com a conversa. Estávamos a uns 50 metros da rua do Jared quando ela se escondeu atrás de uma

árvore e sinalizou para eu fazer o mesmo. Era a única árvore por perto, por isso me juntei a ela.

— O que está acontecendo? — sussurrei.

Ema fez um gesto na direção da rua.

— Está vendo aquela mulher com a sacola de compras?

Dei uma olhada rápida.

— O que é que tem?

— É a mãe do Buck. Eu a vi umas vezes em apresentações e outras coisas na escola.

A mãe do Buck entrou na rua do Jared e sumiu. Quando ela já estava fora das vistas, Ema saiu às pressas de trás da árvore e eu a segui.

Diminuímos a velocidade ao chegar à esquina.

— Ela não me conhece — lembrei. — Posso continuar indo atrás dela.

Mas não foi preciso. A mãe do Buck virou à esquerda, pegou uma chave e abriu a porta do que presumi que fosse sua casa.

Ao lado da casa de Jared.

— As irmãs são vizinhas.

— Faz sentido.

— E agora?

Ema começou a roer uma das suas unhas pintadas de preto. Aquela ilha começava a me provocar arrepios. Em parte, talvez por causa do nome, Adiona (dã, você acha mesmo?), e de todo aquele papo sobre sofrimento e mágoa, mas por um segundo eu quis que tivéssemos dado ouvidos ao Jared e saído daquela ilha maluca. Eu não sabia o paradeiro de Buck nem o que ele estava fazendo. Não me importava. Queria ir para casa. Não só por mim, porém, mais ainda, por Ema.

Jared dissera que ela encontraria sofrimento ali. Dona Morcega tinha avisado que a resposta iria machucá-la. Eu não queria que ninguém nem nada machucasse Ema. Também não queria que nada machucasse Rachel ou o Colherada, mas a verdade era que, desde que eu havia entrado na vida deles, todos tinham sofrido golpes arrasadores. Rachel levara um tiro e perdera a mãe. Colherada fora baleado e agora estava paralisado numa cama de hospital.

Se alguma coisa acontecesse com Ema...

— Vou bater à porta — avisou Ema.

— Vou com você.

— Não.

— O quê?

Ela me encarou.

— Dessa vez não, Mickey. Ok? Confie em mim.

Eu não sabia o que dizer, por isso fiquei imóvel. Ema foi até a porta.

Ergueu a mão, hesitou um momento e bateu. O tempo parou. Depois do que

pareceu uma eternidade, a porta se abriu. Quando viu quem era, a mãe do Buck cobriu a boca e conteve um grito.

Ema se adiantou.

— Meu nome é...

— Você é Ema — completou a mãe do Buck.

Ema pareceu confusa.

— É. Mas como a senhora...

A mãe do Buck abriu a porta.

— Por favor, entre.

CAPÍTULO 41

O TEMPO NÃO PAROU. SÓ PASSOU MUITO, muito devagar.

Nos primeiros dez minutos, fiquei sentado no meio-fio diante da casa.

A ansiedade cresceu. Me levantei e comecei a andar rua acima, depois rua abaixo, esperando vislumbrar alguma coisa — *qualquer coisa* — pelas janelas.

Mas não havia nada.

Mais dez minutos se passaram. E mais dez. Pessoas passavam por mim. Olhavam com suspeita. Para elas, estava claro que eu não era dali.

Aquela era uma rua muito pequena numa ilha muito pequena. Visitantes não costumavam ficar à espreita.

Mais dez minutos se passaram.

O que é que estava acontecendo lá dentro?

Parei de consultar as horas e comecei a olhar o céu. O sol batia no meu rosto. Fechei os olhos e me banhei com ele. Parei de pensar em Ema e no Buck. Parei de pensar no exame antidoping do Troy. Parei até de pensar no meu Carniceiro de Lodz, o homem de cabelo cor de areia chamado Luther.

Pensei nos meus pais.

Frequentemente a gente ouve dizer que só se tem uma vida e que essa vida não é um ensaio geral. Isso era verdade para todos, mas parecia direcionado para mim de forma especial. Dito de modo simples, é o que é. O que você está fazendo agora é a vida. Cada momento impacta e constrói o próximo. Eu podia pensar nos dias em que meu pai estava vivo e minha mãe estava sóbria. Podia sonhar em voltar no tempo e alterá-lo, mas isso nunca iria acontecer.

O tempo só anda para a frente.

Meu celular tocou e vi que era o tio Myron. Já ia apertar o botão de ignorar, mas decidi atender.

— Ei, Myron. Preciso perguntar uma coisa.

— Onde você está?

— Não importa. Por que Randy Schultz queria sua ajuda?

— Eu já disse: não posso falar sobre isso.

— Tinha alguma coisa a ver com esteroides?

Silêncio.

— Porque eu sei que o Buck estava tomando esteroides. E sei que Randy vendia. Ele foi pego? É por isso que ele precisava da sua ajuda? É por isso que você se recusou a trabalhar para ele?

— Mickey?

— O quê?

— Onde você está?

— Eu estou bem, não estou?

— Bom, já disse que não posso falar nisso. É sigilo entre advogado e cliente. Onde você está, Mickey?

A porta da casa do Buck finalmente se abriu.

— Falo com você de noite — respondi, e desliguei antes que Myron pudesse dizer mais alguma coisa.

Você já viu esses filmes de terror em que alguém entra numa casa de um jeito e sai de outro — envelhecido, morto-vivo, possuído? Como se tivesse atravessado um portal e se transformado?

Ema parecia uma dessas pessoas.

Ela continuava vestida da mesma forma. O preto ainda era preto. As tatuagens eram as mesmas. As joias de prata brilhavam como antes. Mas de algum modo tudo nela parecia diferente. Sei que parece maluquice. Tio Myron me contara que, quando meu pai tinha mais ou menos a minha idade, ele entrara na casa de Dona Morcega e, ao sair, era uma pessoa diferente. Foi quase assim que me senti, como se Ema tivesse entrado no armário para Nárnia e voltado. Tinha um conhecimento nos olhos e uma maturidade no rosto.

De algum modo, ela parecia mais adulta.

Ou talvez, depois de tudo o que eu vira naquela ilha maluca, eu estivesse delirando.

Ela não andou propriamente até mim: dava a impressão de flutuar.

Mantinha a cabeça levantada. Os olhos não encararam os meus, como sempre. Em vez disso, ela olhou para além de mim e continuou andando.

— Ema?

— Vamos — chamou ela, e até sua voz pareceu mais madura. — Ainda podemos pegar a próxima balsa.

— Espere, o que aconteceu lá?

Ela não respondeu. Só continuou andando.

— Ema?

— Acabou.

— O que acabou?

— Ande. Quero pegar aquela balsa.

— Como assim, “acabou”?

Ema seguiu em frente cada vez mais rápido, como se precisasse colocar distância entre ela e a casa.

— Você falou com o Buck?

Ela não parou. Pus a mão no seu braço. Ela se soltou. Pulei na frente dela, bloqueando o caminho.

— O que aconteceu lá? — perguntei, tentando manter a voz gentil.

— Não posso contar.

— Como assim, não pode contar?

— Eu prometi.

Ela passou por mim e foi andando. Alcancei-a.

— Você está brincando, né?

— Não.

— Isso só pode ser uma piada.

Foi um comentário idiota, porque sabia que ela não estava brincando e que aquela situação era a mais distante possível de uma piada.

— Lembra quando você não pôde me contar sobre quem atirou em Rachel e na mãe dela?

— Você ainda está com raiva daquilo? Eu disse que o segredo não era meu, logo não poderia contar.

Ela levantou a mão.

— Você entendeu errado.

— Hein?

— Não estou com raiva. Agora entendo. Estou usando o seu exemplo para você entender também. Não posso contar. Eu prometi.

Franzi a testa.

— Ao Buck?

— Não importa, Mickey. Não posso contar.

Bloqueei o caminho dela outra vez.

— Não é a mesma coisa. Buck não é Rachel. Eu vim até aqui com você.

Sou parte disso. Quero saber.

Ema balançou a cabeça.

— Às vezes é melhor não saber.

— Sério? Vai jogar essa para cima de mim?

Ela se afastou.

Meus punhos se fecharam e eu gritei:

— Eu não vim aqui só por você!

— Eu sei.

— Vim para encontrar o Buck.

Ela assentiu sem diminuir o passo.

— Para ajudar o Troy.

— Para descobrir a verdade.

— Você vai descobrir logo.

— O que isso quer dizer?

Mas Ema não falou de novo. Nem na rua. Nem na balsa, nem no ônibus.

Nem mesmo deu tchau quando nos separamos em Kasselton.

CAPÍTULO 42

— **DEIXA PRA LÁ** — disse Colherada.

Rachel e eu nos encontrávamos de novo no quarto dele. Eu estava contando aos dois o que tinha acontecido na ilha Adiona.

— Como eu posso deixar pra lá?

— Ema é... tipo... totalmente incrível, certo?

— Certo.

— E você confia cem por cento nela, né?

— Sim.

— Então por que parar de confiar agora? Ela falou que é melhor você não saber. Então adivinhe só: é melhor você não saber.

Olhei para Rachel. Ela deu de ombros. Encarei Colherada. Ele empurrou os óculos nariz acima e me encarou. Dona Morcega tinha dito que ele estava destinado a grandes coisas. Comecei a pensar no começo daquilo tudo, quando ele se apresentara a mim perguntando se eu queria usar sua colher. Havia sido ideia dele entrar naquele computador na secretaria da escola, havia sido ideia dele arrombar o armário de Ashley, havia sido ideia dele até mesmo entrar na escola na noite em que ele levara o tiro. Era o Colherada que tinha falado pra gente ir à Farnsworth e duas vezes à ilha Adiona.

Eu sempre havia pensado que era o líder daquele grupo.

Mas talvez fosse o Colherada.

Como se lesse minha mente, ele meneou um pouco a cabeça e disse:

— Dê um tempo a ela.

— E agora? — perguntou Rachel.

— Agora, nada — respondeu Colherada. — Ema disse que acabou. Então acabou.

Balancei a cabeça.

— Não engulo isso.

— Nem eu — concordou Colherada. — Mas não podemos forçar a barra.

Você vai preferir que o ovo se choque sozinho. Não vai querer que ele sequebre. Entende?

De repente, todo mundo na minha vida estava falando igual a um biscoito da sorte chinês.

— Você quebra o ovo se estiver com fome — retruquei.

— Pare de brincar com metáforas. Você tem treino de basquete, certo?

Está na hora.

Ele estava certo.

— E eu soube das boas-novas — completou Rachel —, logo vai ser um momento divertido.

— Que boas-novas?

— Você não soube?

— Não. O quê?

— Anularam o exame do Troy. Ele voltou ao time.

CAPÍTULO 43

EU NÃO SABIA O QUE PENSAR. Fui correndo para o treino e comecei a trocar de roupa. Troy não estava ali, mas o clima era definitivamente animado. Todos cumprimentavam uns aos outros batendo as mãos espalmadas. Alguns vieram até mim e me saudaram também. Me agradeceram. Batiam o punho fechado no meu.

Tentei pensar no que eu podia ter feito para receber aquilo.

Quando fui para a quadra, vi o Troy fazendo arremessos na cesta do centro, como sempre. Alguns caras estavam em volta dele, dando passes.

Troy era armador, o titular mais baixo do time, mas tinha uma mira mortal em jogadas de três pontos. Acertou quatro seguidas. Todos aplaudiram e gritaram comemorando.

Ao me ver, Troy abriu um sorriso.

— Mickey!

Troy e eu nos cumprimentamos, batendo os punhos. Ele me passou a bola. Fiz um arremesso rápido e indaguei:

— Você voltou?

Acho que eu não poderia ter perguntado nada mais óbvio, mas foi isso que me veio logo à cabeça.

— Você sabe que sim.

Ele me cumprimentou com a mão espalmada.

— O que aconteceu? Quero dizer, como...?

O treinador Grady apitou.

— Triangulação! Andem! Vamos ter o primeiro amistoso na terça-feira que vem. Mexam-se!

Troy me deu o sorriso de voltagem máxima outra vez.

— Mais tarde a gente se fala. Quer carona para casa?

— Claro.

— Ok, cara, aí eu conto. Vamos trabalhar.

Foi um treino ótimo. Tínhamos muitos jogadores bons, mas Troy era o líder da quadra. Tinha experiência e conhecimento. Era um líder nato. Sem dúvida nós éramos um time melhor com ele. O treino foi mais divertido.

Tudo se encaixou.

Menos uma coisinha.

BrandonFoley parecia quieto demais.

— Tudo bem? — perguntei a ele numa pausa para beber água.

— Claro.

— Fantástico o negócio do Troy.

— É — disse ele, como se cuspsse vidro. — Fantástico.

Eu não soube o que pensar, por isso deixei pra lá. Troy tinha voltado — e mesmo que eu não parecesse ter nada a ver com isso, meus colegas apreciavam o que eu havia feito. Alguns até falaram que eu fora “sacaneado” no passado e que me admiravam por ter “segurado a onda”.

— O time vem em primeiro lugar — afirmou Danny Brown.

— O time vem em primeiro lugar — concordei.

Quando o treino acabou, o técnico Grady gritou:

— Certo, pessoal, todo mundo junto!

Todos nos sentamos na arquibancada. Bebemos água e nos enxugamos. Troy se sentou perto de mim.

— O treino de amanhã vai ser às quatro e meia — continuou Grady. — Na primeira meia hora, vamos ficar no outro ginásio, depois vamos vir para este aqui.

Em seguida, ele prosseguiu com sua pequena preleção, abordando mais alguns pontos de logística. Iriamos receber os uniformes na segunda.

Tínhamos o amistoso em West Orange na terça.

Então ele fez uma pausa e entrou no assunto principal:

— Os exames antidoping de todos os esportes de inverno na escola Kasselton foram declarados nulos. Não importa o motivo. Vocês só precisam saber que vamos fazer novos exames daqui a duas semanas.

Certo, é isso. Agora os novatos vão dar uma arrumada aqui. O resto vai fazer dever de casa e dormir um pouco.

Por “os novatos”, o treinador Grady se referia aos três do terceiro ano e a mim, o único do segundo. Deveríamos fazer as tarefas do time. Alguns podiam dizer que era exploração, mas não chegava a tanto. Nós puxávamos as arquibancadas para as reuniões do time. Varriamos o piso depois do treino. Guardávamos as bolas nos armários.

Naquele dia, Brandon ajudou. Não precisava, mas achava que esse era o papel de um capitão. Ele e eu pegamos as bolas e guardamos. De novo não pude deixar de reparar que ele estava diferente.

— Achei que você ia ficar feliz — comentei.

— Por quê?

— Foi você que achou que o Troy tinha sido prejudicado.

Ele confirmou lentamente com a cabeça.

— Acho que foi. — Ele me encarou. — Onde você esteve ontem à noite?

— Como assim?

— Antes de chegar à minha casa. Onde você esteve?

Na noite anterior, eu não vira motivo para contar a ele sobre a invasão do barracão. Agora menos ainda.

— Por quê?

— Sabe por que eles vão fazer a gente repetir os exames?

Comecei a girar uma bola no dedo.

— Não.

— Porque as amostras antigas foram contaminadas.

A bola caiu do meu dedo e bateu no chão. O som ecoou na quadra silenciosa.

— Como?

— Alguém invadiu o depósito ontem à noite.

— Que depósito?

— A prefeitura tem um depósito para armazenar todas as amostras de drogas. Ontem à noite alguém invadiu o lugar.

Engoli em seco.

— Onde fica esse depósito?

— Num barracão perto da praça. Atrás da prefeitura.

Meu corpo ficou todo retesado, como se tivessem cimentado meus braços e minhas pernas.

— Eu achava que o barracão era do pai do Buck.

— Ahn? Aquilo é terreno público. O pai do Buck não tem nada a ver com isso. É da prefeitura. É onde eles guardam as amostras de urina, as que já foram examinadas e as de reserva. Mas, como alguém invadiu o depósito, ninguém pode garantir que alguma coisa não foi trocada, mexida ou sei lá o quê. É por isso que todos os exames foram invalidados.

Cambaleei para trás, subitamente tonto. Podia sentir o sangue subindo ao rosto.

— Eles sabem quem o invadiu?

— Não. Mas a polícia disse que era uma pessoa alta.

CAPÍTULO 44

TROY ESTAVA ME ESPERANDO NO CARRO. Tinha o mesmo sorriso enorme no rosto, mas agora eu sabia por quê. Não era amizade. Nem espírito esportivo ou de equipe.

Era o sorriso de alguém que zombava de mim.

Dei a volta até o lado dele. A janela estava aberta. Estendi as duas mãos, agarrei-o pelas lapelas e puxei-o para fora pela janela.

— Que negócio é esse?

— Você armou para cima de mim! — gritei.

Troy não se debateu. Só continuou sorrindo.

— Você não quer fazer uma cena, Mickey.

— Você nunca viu Randy e Buck entrando naquele barracão.

— Cadê o seu telefone?

— O quê?

— Quero garantir que você não está gravando. Entre no carro e coloque seu telefone num lugar onde eu possa ver.

Minha vontade era de dar um soco nele.

Troy me empurrou, abriu a porta do motorista e se acomodou no assento. Eu não sabia o que fazer.

— Está surdo? — perguntou Troy. — Entre.

Dei a volta de novo e entrei no banco do carona de seu carro esporte vermelho.

— Agora mostre seu telefone.

Tirei o celular do bolso e o pus em cima do painel. Ele verificou se o aparelho não estava gravando a conversa. Eu deveria fazer isso, mas não conseguia pensar direito. Tinha deixado a raiva tomar conta de mim.

Precisava me acalmar.

— O Randy ao menos vende drogas? — perguntei.

— Ah, essa parte era verdade. Onde você acha que eu consegui os esteroides?

Então ele tinha usado mesmo. E eu havia ajudado o Troy a se livrar da acusação: eu, o panaca que dizia que as pessoas podiam mudar. Ema tinha discórdado. Normalmente eu gostava de ironia. Naquele dia, não.

— Vou contar aos treinadores — ameacei.

— E o que exatamente você vai contar, Mickey?

— Que nós invadimos o barracão. Que eu pensei...

Troy continuou sorrindo para mim.

— Pense por um minuto.

Fiquei em silêncio.

— Em primeiro lugar — continuou ele —, você sabe que a praça tem várias

câmeras de segurança novas, certo?

— E daí?

— Segundo o relatório da polícia, a invasão aconteceu às nove e quinze da noite. Quando eles olharem as gravações, vão me ver saindo da praça e indo para o laboratório? — Ele sorriu. — Ou você... sozinho?

Lembrei que ele havia esperado do outro lado da rua, junto da ACM. Eu tinha me perguntado o motivo disso, mas nunca...

— Segundo: se eles verificarem meu álibi, verão que eu entrei na ACM para malhar às nove horas e que saí pouco depois das dez. A gente usa o cartão para entrar e sair. É tudo informatizado. Ah, eles não vão saber que eu desliguei o alarme de saída de emergência, saí por uma porta lateral e me encontrei com você. Só vão poder confirmar que eu estava na ACM o tempo todo.

Eu só o encarei, pasmo.

— E, terceiro, tem um videozinho lindo que fiz com meu celular. Não se preocupe, eu tenho cópias. Se for preciso, posso mandar o vídeo anonimamente para a polícia ou até para a mídia.

Era um vídeo curto, só de alguns segundos — eu dentro do barracão.

Ele tinha entrado na sala e apontado a lanterna do celular para mim. Na hora não notei que a câmera estava ligada.

Fiquei imóvel, entorpecido.

Troy ligou o carro e deu a partida. Danny Brown e dois outros caras passaram. Troy acenou para eles. Eu, não.

— Vai ser sua palavra contra a minha — prosseguiu Troy. — E todas as provas estão a meu favor. Aposto que você deixou digitais no local. Eu me certifiquei de não tocar em nada. Fiquei escondido quando você fugiu. A polícia foi atrás de você. Eles sabem que o suspeito era alto. Eu não sou.

Tentei contra-atacar:

— Mas eu não tenho motivo.

— Claro que tem, Mickey.

— Qual?

— Você queria ser o grande herói. Queria me colocar de volta no time.

Você é um aluno novo, perturbado, sem amigos, e achou que assim iria se juntar ao pessoal popular.

Balancei a cabeça. Como eu podia não ter percebido? Mas eu sabia a resposta. Troy tinha acertado na mosca de forma cruel. Eu desejava me enturmar. Ema não havia me alertado? Mas eu não dera ouvidos. Queria que gostassem de mim. Queria fazer parte do time. Queria que Troy fosse inocente porque serviria aos meus propósitos. Mais do que isso: *eu* queria provar que ele era inocente — queria ser o grande herói.

No fim das contas, Troy era culpado. Tinha mentido e trapaceado e agora estava sentado perto de mim com um sorriso.

— Então, claro, Mickey, você pode me denunciar. Mas pense bem. Ainda que alguém acredite em você, mesmo que ignorem todas as provas físicas que eu tenho e acreditem em cada palavra que você disser, bom, e aí? Na melhor das hipóteses, nós dois vamos ser expulsos do time. Ainda assim você invadiu o depósito. Não pode escapar desse fato.

— Uau.

— O quê?

— Você pensou em tudo, Troy.

Ele voltou a sorrir.

— Não quero me gabar, mas, é, pensei.

Eu estava encurralado. Procurando uma rota de fuga. Não existia.

— Mas nem tudo é ruim — continuou Troy.

Não falei nada. Ele virou à direita.

— Agora somos colegas de time. Você viu hoje como podemos ser bons.

Vamos vencer o campeonato estadual e, agora que você tem a minha bênção, a equipe inteira adora você. Vamos vencer um monte de jogos juntos. Vamos comemorar e chegar longe. No ano que vem, vou para uma faculdade de elite e você vai ser o novo líder do time.

Troy parou o carro na frente da casa do tio Myron. Ele se inclinou por cima de mim e abriu a porta.

— Anime-se, Mickey. Tudo vai ficar bem. Seja esperto. Vejo você no treino amanhã, ok?

CAPÍTULO 45

MANDEI UMA MENSAGEM PARA EMA. Ela não respondeu. Liguei para ela. Não atendeu.

Sentei-me à mesa da cozinha, furioso. Esqueça-a, pensei. Ema não tinha dito que estaria ao meu lado quando eu me machucasse? Ela sabia, não sabia? Tentou fazer com que eu visse o Troy de verdade, mas eu não quisera abrir os olhos. Sabia que eu iria cometer um erro gigantesco como aquele e que iria doer. Como ela havia falado mesmo?

Eu quero proteger você dessa dor. Mas não posso. Só posso dizer que, quando doer, eu vou estar do seu lado.

E acrescentou: *Sempre.*

— Então onde você está agora? — perguntei em voz alta.

Uma hora depois, tio Myron chegou em casa. Viu a expressão no meu rosto e disse:

— O que aconteceu?

Eu não tinha permissão de contar a ele sobre o Abeona. Isso fazia parte das regras. Tanto Lizzy Sobek quanto Dylan Shaykeshaviam deixado isso bem claro. Mas podia contar sobre o Troy. Podia contar como minha vontade de fazer parte de um time havia arruinado tudo.

Tio Myron ouviu com grande paciência, de forma até compreensiva.

Quando terminei, ele fez uma pergunta simples:

— Você sabe o que vai fazer?

— Não.

— Ótimo. Você deveria dormir para clarear a mente. Ou talvez seja melhor dizer que você deveria ficar se revirando na cama.

— É. Acho que não vou dormir muito.

— Não fique se condenando. Você fez besteira. Todo mundo faz.

— Até você.

Não era uma pergunta.

— É — concordou Myron. — Eu fiz besteira. Achei que estava ajudando seu pai, tantos anos atrás. No fim das contas, fiz com que ele fugisse. É, sei que, se não tivesse feito isso, ele estaria vivo agora. Esse fantasma me acompanha todo dia. E seu pai não é o meu único fantasma. Existem muitos outros que não me deixam em paz.

— Myron?

— O quê?

— Como você consegue viver com isso?

— O quê, com os fantasmas?

— É. Como você vive com eles?

— A gente não tem muita opção. O que mais dá para fazer?

— É isso mesmo? — Franzi a testa. — Essa é a sua resposta?

— Em geral é. E tento lembrar que os erros são só erros. Eu nunca quis machucar ninguém. Às vezes a gente tenta fazer o certo, mas o errado parece se intrometer. E também lembro que não é a batalha, é a guerra.

— Como assim?

— No fim das contas, eu fiz mais o bem do que o mal. Salvei mais do que machuquei. Você é a totalidade da sua vida, e não só uma parte.

Assenti. Ele começou a se afastar.

— Myron?

— O quê?

— Papai não iria querer que você se culpasse.

— Eu sei. E isso só torna a coisa mais difícil.

CAPÍTULO 46

NÃO DORMI, MAS, EM POUCO TEMPO, nada naquilo iria importar.

Na verdade, o que Troy Taylor tinha feito também não iria importar.

À medida que ficava mais cansado, o delírio começou a bater.

Visualizei o sorriso de zombaria de Troy. Depois, o sorriso zombeteiro de Luther. Às vezes os sorrisos se sobrepunham. Às vezes um rosto se transformava lentamente no outro.

Luther e Troy. Meus inimigos. Meus Carniceiros.

Às seis da manhã, ainda deitado de costas, ouvi o telefone tocar. Ainda estava cedo, pensei.

Após alguns minutos, a porta do porão se abriu. Tio Myron desceu a escada devagar. Eu me sentei quando vi a expressão dele. Parecia que alguém tinha lhe dado um soco no estômago.

— Quem telefonou? — perguntei.

— O pai do Buck

— O que aconteceu?

Tio Myron engoliu em seco.

— O Buck

— O que é que tem?

— Morreu.

CAPÍTULO 47

VELOCIDADE ERA ESSENCIAL, POR ISSO pedi ao tio Myron para me levar à casa de Ema.

— Ema era ligada ao Buck? — perguntou Myron.

Ele viu minha expressão, assentiu e pegou as chaves. Corremos para o carro. Ele me deu os detalhes, mas eu estava entorpecido. O corpo de Buck fora encontrado enterrado na floresta, não muito longe da academia do pai.

A mídia ainda não sabia. Myron tinha sido chamado devido a sua “capacidade profissional”.

Eu não sabia direito o que isso queria dizer.

Chegamos ao portão. Havia duas cabeças de leão, uma de cada lado.

Tio Myron tinha ligado antes para AngelicaWyatt, a mãe de Ema, por isso o portão estava aberto. Passamos por ele e subimos a longa ladeira até a casa.

— A causa da morte é desconhecida — informou Myron.

— Mas ele foi assassinado, certo?

— Acho que não.

Diante de nós, a mansão enorme e imponente começou a surgir.

— Espere aí, você disse que alguém enterrou o Buck na floresta.

— É.

— Então como pode não ser assassinato?

Ele não respondeu. Ou talvez eu não tivesse esperado o suficiente pela resposta. Tínhamos chegado. Eu disse “Fique aqui” e saí do carro. Antes que eu batesse à porta, ela foi aberta por AngelicaWyatt. Hesitei um momento.

É estranho o que o estrelato faz com uma pessoa. Eu só a encontrara pessoalmente duas vezes, por isso vê-la em carne e osso, depois de tantos anos assistindo a ela em filmes, ainda parecia surreal.

Angelica cruzou os braços e bloqueou a porta.

— O que está acontecendo?

— Preciso falar com Ema.

— O que aconteceu com vocês dois?

— Nada. Se eu puder...

— Ela está chorando desde que voltou para casa.

Isso me fez parar um segundo.

— Ela está chorando?

— Chorou a noite toda. Não quis dizer uma palavra a mim ou ao Niles.

Ela só... — os olhos de AngelicaWyatt começaram a marejar — ... chora.

— Ela sabe...?

— Sabe o quê?

— Por favor, só preciso falar com ela. Onde ela está?

— No porão.

Eu conhecia o caminho. Passei correndo por ela, quase escorregando no piso de mármore italiano. Disparei para a cozinha, virei à direita, achei a porta do porão. Não me preocupei em bater. Abri e comecei a descer a escada.

— Ema?

O cômodo estava escuro. Havia luzes fracas acima dos pôsteres dos filmes de Angelica Wyatt. Não dava para ver muita coisa. Mas eu podia ouvir o choro.

Ema estava sentada num pufe grande. Fui em sua direção, mas ela levantou a mão.

— Não.

Ema levantou a cabeça e me encarou. Seu rosto estava banhado em lágrimas que ela não se deu o trabalho de enxugar. A maquiagem pesada, o batom preto e as tatuagens temporárias tinham sumido. Ema parecia muito nova. Parecia jovem, vulnerável e, de um modo que eu acho que nunca havia notado direito, realmente bonita.

— Preciso contar uma coisa — falei.

— Conte. Daí mesmo.

Respirei fundo. Eu nunca dera uma notícia devastadora daquelas. Não sabia direito qual era o protocolo, mas o fato de que ela já estava soluçando me fez ir depressa ao ponto.

— É o Buck. Ele morreu.

Eu não sabia direito o que esperar. Achei que ela começaria a soluçar de novo. Mas não foi isso que aconteceu. Ela ficou de pé e disse:

— Obrigada por avisar.

Esprei.

— Só isso?

Ela ficou em silêncio.

— Você estava chorando.

— Você é tão perspicaz, Mickey. — Havia algo próximo da raiva em sua voz.

— Por que você estava chorando?

De novo ela não respondeu. Não precisava. A resposta era óbvia.

— Você já sabia. Mas como? Acabaram de encontrar o corpo dele. A mídia...

— Então entendi. — Meu Deus. Foi isso que a mãe do Buck contou a você, não foi?

— Ela sabia quem eu era. Ela encontrou os e-mails do Buck para mim.

Sabia o que eu significava para ele. E o que ele significava para mim.

— Não entendo.

— Ela disse que não queria que eu vivesse sem saber a verdade. Ou pensando que o Buck tinha partido meu coração sem se importar. Mas não acho que esses eram os motivos. Acho que ela precisava confidenciar a alguém. Fez com que eu jurasse que não contaria nunca.

— E você concordou?

Ema assentiu.

— Concordei.

— E foi por isso que não me contou ontem?

— Não. Não teve nada a ver com isso.

— Mas você disse... espere, o que a mãe do Buck contou a você exatamente?

— Ela contou como o Buck sentia toda aquela pressão. O seu coleguinha Troy intensificou isso. Buck precisava ficar maior e mais forte. Por isso, é, ele tomou esteroides. Um monte. E depois a gente se conheceu pela internet. E ele começou a mudar. Mas, como o Jared falou, ele ainda estava dividido entre os dois mundos.

Engoli em seco.

— O que aconteceu com ele, Ema? Como ele morreu?

— O irmão dele, o Randy.

— Randy matou o Buck?

— De certa forma. Randy acha que entende como essas drogas funcionam. Mas não entende. Não sei se o Buck teve uma reação ruim. Não sei se ele acidentalmente tomou demais. Não sei se ele tomou demais de propósito.

— Ele teve uma overdose?

Agora as lágrimas corriam livremente pelo rosto dela.

— É. Ele teve uma overdose. Estava sozinho, injetou a coisa e...

— Mas o corpo dele... estava enterrado na floresta. Se foi overdose...

— Pense bem, Mickey.

Tentei pensar, mas não consegui.

— A convocação para a liga de futebol americano estava chegando — continuou Ema. — Randy já estava lutando em segredo contra um exame positivo para esteroides. Se isso fosse divulgado, se descobrissem que o Buck havia tido uma overdose por causa do Randy...

Balancei a cabeça. Meus olhos se arregalaram.

— Um pai ou uma mãe jamais faria isso.

— Você não entende.

— O quê?

— Claro que faria. A mãe do Buck disse com todas as letras. Buck estava morto. Não poderiam fazer nada por ele. Eles tinham outro filho. Que iria perder tudo. Provavelmente seria preso, acusado de tráfico de drogas e talvez até de assassinato. Ela e eu ficamos sentadas na cozinha, Mickey. Ela me olhou nos olhos e falou: “Nós perdemos um filho, mas não precisávamos perder os dois. De que adiantaria destruir a vida do Randy também?”

Não pude acreditar, mas tudo fazia um sentido estranho, horrível.

— Então eles enterraram o corpo do Buck — completei. — Inventaram a história de que ele ia morar com a mãe. Quem iria verificar numa ilha distante?

E, mesmo que alguém fizesse isso, ela simplesmente poderia dizer... sei lá, que o Buck estava trabalhando ou viajando.

Ema aquiesceu.

— Eles não tinham pensado em tudo de verdade, mas depois de um tempo ela iria se mudar para o exterior. Diria às pessoas que estava morando com o Buck na Europa.

— Meu Deus. Isso é medonho.

— Mas daria certo. Quem iria questionar? Por mais terrível que seja, é algo lógico, até amoroso. Eles não podiam salvar um filho...

— Por isso tentaram salvar o outro — concluí.

Pensei no que o tio Myron falara sobre os erros que tinham custado a vida do meu pai, sobre os fantasmas que ainda o assombravam.

— Mesmo assim, como alguém consegue viver com isso?

— Não sei se ela consegue.

— Então você acha que você foi, tipo, a confidente dela.

— Acho que ela precisava se abrir com alguém. Ela soube que eu gostava dele. Achou que eu talvez até amasse o Buck. Por isso me contou a verdade e me fez jurar segredo.

Ficamos ali parados, sentindo todo o peso do momento.

— Mas agora o corpo do Buck foi encontrado — disse eu.

— Sim.

— Horas depois de você ficar sabendo da verdade e de ter prometido que não iria contar.

— Sim.

— Baita coincidência.

— Não foi coincidência. Veja bem, era com isso que a mãe do Buck não contava.

— Com o quê?

— Ela amava os dois filhos. Mas eu só amava um.

O cômodo ficou muito silencioso.

— Você ligou para a polícia?

— Não. Passei na biblioteca depois de deixar você. Mandeí um e-mail anônimo para eles. Conteí onde estava o corpo do Buck. Conteí como ele tinha morrido. Conteí a verdade. Com as pistas que eu dei, eles vão deduzir tudo.

Ficamos imóveis. Escutei vozes no andar de cima. Myron tinha entrado na casa. Estava falando com a mãe de Ema. Bem acima de nós. E a um milhão de quilômetros de distância. Todo mundo estava a milhões de quilômetros. Naquele momento, naquele porão, só existíamos Ema, eu e talvez o fantasma de um adolescente que não estava mais enterrado sozinho na floresta.

CAPÍTULO 48

AO MEIO-DIA, TODA A MÍDIA estava cobrindo o caso.

A família do Buck foi presa, mas ninguém sofreu acusação de assassinato. Não sei como se chama o delito de esconder o corpo do próprio filho para proteger o outro contra um processo.

A polícia encontrou esteroides e outras substâncias proibidas no quarto do Randy. Ele foi incriminado por um monte de coisas, nem sabiaquais. Eu só sabia que, para mim, aquilo tudo estava acabado. Só que, claro, não estava.

Nem de longe.



Uma semana depois, tio Myron e eu fomos ao enterro do Buck.

Quando voltamos para casa, ficamos sentados na cozinha.

Não dissemos nenhuma palavra durante muito tempo. Só permanecemos parados, de terno escuro, olhando para o nada. Buck estava morto. Eu não conseguia acreditar. A condição definitiva daquilo era algo que eu ainda não podia compreender.

— Tão jovem... — falou Myron balançando a cabeça. — Sei que você já ouviu isso, Mickey, mas é preciso ter sempre cuidado. A vida é frágil demais.

O silêncio caiu mais uma vez sobre nós. Afrouxei a gravata. O tempo passou. Não sei quanto.

— Sei que agora parece irrelevante — continuou Myron. — Mas você sabe o que vai fazer com relação ao Troy e ao time de basquete?

Confirmei com a cabeça.

— Na verdade, não existe opção.

Ele esperou.

— Vou contar a verdade ao treinador Grady.

— A verdade vai fazer com que você seja expulso do time.

— Que pena.

— Não é o fim do mundo.

À luz do que tínhamos acabado de ver, eu sabia que era verdade.

Mesmo assim, doía.

— Vai haver a próxima temporada — Myron quis me consolar.

Talvez ele estivesse certo. Ou nós poderíamos nos mudar. Quem sabe mamãe melhorasse de novo. Mas eu não podia deixar o Troy se livrar daquilo. Cada cesta que nós fizéssemos seria maculada. Não existiria alegria. Era isso que acontecia quando se fazia a coisa errada, por qualquer motivo que fosse.

Eu nunca me sentiria bem.

Tio Myron abriu a geladeira e suspirou.

— O que foi?

— Acabou o achocolatado.

Myron bebia achocolatado o tempo todo.

— Tem mais no porão — avisei. — Quer que eu vá pegar?

— Não, eu pego.

Ele começou a descer a escada. Fiquei sozinho. Fui até a pia. O cômodo estava silencioso. Silencioso como um túmulo, pensei. Talvez tenha sido isso que me deu um estalo.

Comecei a pensar no silêncio. Mais especificamente, comecei a pensar em como a cozinha estava silenciosa naquele momento. Olhei para a geladeira. Me lembrei da geladeira de Dona Morcega, que era tão barulhenta. Cheguei mais perto da pia. Através dos canos, dava para ouvir Myron assobiando alguma canção antiga. Talvez tenha sido a música.

Ou talvez o fato de que eu conseguia ouvir o assobio através dos canos.

Ou talvez o fato de que nossa geladeira era silenciosa e que, se fosse barulhenta — como a de Dona Morcega —, eu não escutaria aquele som fraco.

Especialmente se eu fosse velho. Especialmente se eu colocasse música para tocar toda hora.

Senti um arrepio gelado na nuca.

Dona Morcega tinha desligado a música também. Para ouvir a campanha quando o técnico viesse. A cozinha dela havia ficado silenciosa pela primeira vez em anos.

Silenciosa. Como a nossa.

Sem barulho de geladeira. Sem música.

E foi então que ela escutou o som fraco da voz do meu pai.

Como eu estava escutando o som fraco do assobio de Myron.

O arrepio gelado se intensificou e se irradiou.

— Ah, meu Deus! — exclamei. Em pânico, comecei a gritar: — Myron! Myron!

Ao som da minha voz, ele subiu correndo a escada o mais depressa possível.

— O que foi? Você está bem?

— Você tem um machado?

— O quê?

— Você tem um machado? Um machado!

— Na garagem. Por quê?

— Entre no carro.

— Aonde a gente vai?

— Só... entre no carro.

CAPÍTULO 49

AINDA NÃO ANOITECERA QUANDO chegamos à casa de Dona Morcega.

Eu saí do carro antes que Myron parasse por completo. Eu segurava o machado. Atravessei correndo a fita policial. Agora a fita fazia sentido. Não fora a polícia que a tinha colocado.

Mas, sim, o Luther.

Ele queria manter as pessoas longe.

Por isso tinha posto fogo na casa. Não estava tentando matar Dona Morcega ou me matar.

Queria que a gente fosse embora.

— Mickey? Aonde você vai?

Alguém havia trancado a porta da garagem. Peguei o machado, mirei a maçaneta e a despedacei. Já dentro, abri o alçapão.

— Mickey? — repetiu Myron.

O quarto secreto que havia ficado trancado por tantos anos... era à prova de som. Dylan Shaykes me contara isso. Mas também contara que o lugar tinha um enorme suprimento de comida, um chuveiro e um toalete.

Tinha água.

Logo, existiam canos.

Não era possível fazer com que os canos ficassem à prova de som. O som sempre achava o caminho através deles, não importando o quanto parecesse distante ou fraco.

Os mortos nunca falam comigo, tinha dito Dona Morcega.

Será que ela estava certa? Por favor, por favor, que ela esteja certa...

Encontrei a porta escondida do quarto secreto. Eu nunca iria conseguir arrombá-la. Com o machado, comecei a golpear a terra do lado do portal.

Pensei em Luther e no pequeno Ricky presos naquele quarto, tantos anos antes.

Pensei no Luther ali, vendo a única pessoa que ele já havia amado sofrer lentamente e morrer.

Ele culpava meu pai por isso.

Que vingança melhor, pensei, do que trancar meu pai ali embaixo, sozinho, pelo resto da vida?

Agora o tio Myron tinha descido a escada.

— Que lugar é este? — perguntou, espantado.

Não respondi. Vendo o que eu estava fazendo, Myron atravessou rapidamente o corredor e encontrou uma barra de metal. Começou o trabalho do outro lado da porta. Mesmo exausto, continuei golpeando.

Quando precisei fazer uma pausa curta, Myron me substituiu.

Bati com força na porta.

— Olá!

Não houve resposta.

Será que eu estava errado?

Peguei o machado de volta. Myron se ocupou da barra de metal.

Por fim, depois de meia hora, senti a porta se mover só um pouquinho.

Isso me instigou. Àquela altura, posso ter perdido a cabeça. Não sei.

Comecei a manejar o machado cada vez com mais força. As lágrimas escorriam pelo rosto, os músculos já estavam mais do que exaustos. Não sabia o que iria acontecer em seguida.

— Por favor! — gritei. — Por favor...

Com o canto do olho, podia ver Myron me observando, pensando o que fazer, se deveria me agarrar e parar com o meu frenesi.

Quando ele estava prestes a fazer isso, a porta pesada finalmente cedeu.

Ela caiu no espaço escuro com uma pancada estrondosa. Por um momento, ninguém se mexeu. Nada aconteceu. Não havia luz no quarto.

Parei de respirar. Larguei o machado, enfiei a mão no bolso e peguei o celular.

Quando acendi a luz, vi um vulto se levantar à minha frente.

Levantei o facho para um rosto familiar.

Meu coração parou.

O rosto estava magro e barbudo, mas eu o reconheci antes mesmo de ouvir Myron ofegar.

Com as pernas tremendo, entrei no quarto e só consegui dizer uma palavra:

— Pai.

Epílogo

DEPOIS DE EU O TER CHAMADO, meu pai correu para mim. Eu o abracei e simplesmente desmoronei. Mas meu pai me segurou. Me segurou por muito tempo. A dor é um negócio curioso. Não consegue se sustentar diante da esperança. Enquanto meu pai me amparava, mesmo sabendo que ainda haveria muitas dificuldades pela frente, pude sentir uma parte enorme da minha velha dor ir sumindo. Podia sentir as feridas se fechando como se uma coisa divina tivesse me tocado.

Talvez tivesse. O que é mais divino do que o amor de um pai ou de uma mãe?

Meu pai estava vivo.

Durante muito tempo eu não me permiti acreditar. Fiquei segurando, com medo de soltar. Só o abraçava mais e mais apertado. Veja bem, eu já havia estado ali antes, em sonhos. Eu o abraçava daquela forma, o sonho começava a se desfazer e eu gritava: “Não, por favor, não vá embora!” Mas, lentamente, enquanto eu acordava, ele ia sumindo.

Eu acordava sozinho.

Daquela vez isso não iria acontecer. Continuei segurando. E, quando finalmente o soltei, meu pai não foi a lugar nenhum.

— Ai, meu Deus! — gritou Myron, correndo para nós.

Os dois irmãos se abraçaram com tanta força que caíram no chão.

Myron chorou. Todos choramos. Depois rimos. Então tio Myron pegou o celular e ligou para meus avós.

Cara, isso provocou mais choros.

Meu pai, Brad Bolitar, tinha ficado naquele quarto secreto, sozinho, no escuro, durante quase oito meses. Mas ia ficar bem. Luther ainda estava solto. Mas sua captura poderia esperar mais um dia.

Quando me encontrei de novo com Colherada, Ema e Rachel — quando contei a eles sobre a incrível descoberta —, nós comemoramos. Mas não por muito tempo. Porque também sabíamos a verdade.

Aquilo não havia acabado para nós quatro.

Tínhamos mais perguntas para responder. Tínhamos mais crianças para salvar.

Mas tudo aquilo podia esperar.

Naquele momento, enquanto meu pai e eu nos encarávamos no túnel, havia algo que importava muito mais para mim.

— Precisamos ir — falei.

Papai concordou com a cabeça. Acho que, de algum modo, ele sabia.



Agora estávamos entrando em outro quarto escuro. Ele ficou junto à porta, fora das vistas. Eu fui até a cama dela.

— Mãe?

Minha mãe levantou os olhos e viu minha expressão.

— O que foi, querido? O que há de errado?

Contive as lágrimas.

— Lembra que eu disse que, na próxima vez que viesse, iria trazer papai?

— O quê? Não estou entendendo...

Então, meu pai veio até nós.

FIM

Table of Contents

A toda prova

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)